

.gw .tl .8q .cv .st

.pt

.ao

.mz

Claudio Cezar Henriques

A NOVA ORTOGRAFIA

O que muda com o
Acordo Ortográfico

6ª edição
revista e ampliada



**A NOVA
ORTOGRAFIA**
O QUE MUDA
COM O ACORDO ORTOGRÁFICO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Ricardo Vieiralves de Castro

Vice-reitor

Paulo Roberto Volpato Dias



EDITORA DA UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Conselho Editorial

Bernardo Esteves

Erick Felinto

Glaucio Marafon

Italo Moriconi (presidente)

Jane Russo

Maria Aparecida Ferreira de Andrade Salgueiro

Ivo Barbieri (membro honorário)

Lucia Bastos (membro honorário)

Claudio Cezar Henriques

**A NOVA
ORTOGRAFIA**
O QUE MUDA
COM O ACORDO ORTOGRÁFICO

6^a edição
revista e ampliada



Rio de Janeiro
2015

Copyright © 2015, Claudio Cezar Henriques.

Todos os direitos desta edição reservados à Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, ou de parte do mesmo, em quaisquer meios, sem autorização expressa da editora.



EdUERJ

Editora da UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Rua São Francisco Xavier, 524 – Maracanã

CEP 20550-013 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel./Fax.: 55 (21) 2334-0720 / 2334-0721

www.eduerj.uerj.br

eduerj@uerj.br

Editor Executivo

Coordenadora Administrativa

Apoio Administrativo

Coordenadora Editorial

Assistente Editorial

Coordenadora de Produção

Assistente de Produção

Supervisor de Revisão

Revisão

Capa

Projeto e Diagramação

Italo Moriconi

Elisete Cantuária

Roberto Levi

Silvia Nóbrega

Thiago Braz

Rosania Rolins

Mauro Siqueira

Elmar Aquino

Elmar Aquino

Júlio Nogueira

Emilio Biscardi

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/NPROTEC

H519 Henriques, Claudio Cezar, 1951-
 A nova ortografia : o que muda com o acordo ortográfico /
 Claudio Cezar Henriques. - 6. ed. rev. e ampl. - Rio de Janeiro :
 EdUERJ, 2015.
 208 p.

ISBN 978-85-7511-393-6

1. Língua portuguesa – Ortografia e soletração. 2. Língua
portuguesa – Gramática. I. Título.

CDU 806.90-1

Este livro é dedicado a
Bartolomeu e Raimundo

O pato vinha cantando alegremente:
– Quem... Quem...
(Jayme Silva & Neuza Teixeira)

SUMÁRIO

Apresentação, por José Luiz Fiorin.....	11
Prefácio da 6ª edição.....	13
Prefácio da 5ª edição.....	17
Introdução: O que é e para que serve a Reforma Ortográfica.....	19
1. Breve História da Ortografia Portuguesa.....	23
1.1. Período fonético.....	24
1.2. Período pseudoetimológico.....	25
1.3. Período histórico-científico.....	29
2. A Reforma Atual.....	29
2.1. O MEC informa.....	31
2.2. Decretos 6.583, 6.584, 6.585 e 7.875.....	39
3. Bases Completas da Nova Ortografia.....	39
3.1. Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990).....	42
3.1.1. Anexo I – Bases do Acordo.....	82
3.1.2. Anexo II – Nota Explicativa.....	104
3.2. Primeiro Protocolo Modificativo ao Acordo (1998).....	106
3.3. Segundo Protocolo Modificativo ao Acordo (2004).....	108
3.4. Vocabulário Ortográfico Comum - VOC (2015).....	113
4. Acentuação Gráfica.....	114
4.1. Classificação dos vocábulos.....	114
4.2. Regras de acentuação.....	114
4.2.1. Regras gerais.....	116

4.2.2. Regras especiais	117
4.2.3. Acento diferencial	119
4.2.4. Estrangeirismos	119
4.2.5. Trema	121
5. Emprego do Hífen.	121
5.1. Na composição por justaposição.....	122
5.2. Na derivação prefixal e nas recomposições	125
5.2.1. Com prefixos	127
5.2.2. Com pseudoprefixos e prefixoides	130
6. Grafia de Vogais e Consoantes.....	135
6.1. Grafia de Vogais	135
6.1.1. E x I.....	135
6.1.2. O x U	137
6.2. Grafia de Consoantes	137
6.2.1. J x G	137
6.2.2. X x CH.....	137
6.2.3. S x Z.....	138
6.2.4. Encontros consonantais “flutuantes”	139
6.2.5. K, W e Y.....	140
7. Grafia de Palavras	143
7.1. Homônimos.....	143
7.2. Parônimos.....	144
8. Exercícios com chaves de resposta.....	145
8.1. Exercícios de fixação.....	145
Chaves de resposta	171
8.2. Brincando com a Ortografia.....	174
Chaves de resposta	188
Referências	197



APRESENTAÇÃO

Por José Luiz Fiorin

Claudio Cezar Henriques, um dos mais destacados especialistas em Língua Portuguesa do país, traz a público um livro sobre as disposições que passaram a reger nossa ortografia em 2009. Essas mudanças resultam de um acordo de unificação ortográfica, assinado pelos oito países que têm o português como língua oficial.

De maneira clara e competente, o autor faz uma história da ortografia portuguesa, apresenta os princípios em que se assenta o tratado de unificação, bem como as bases da nova ortografia. Em seguida, expõe as regras de acentuação gráfica, dando ênfase às mudanças que ocorrerão com o início da vigência do acordo entre nós.

O ponto alto do livro é a apresentação das normas do emprego do hífen. O acordo procurou simplificar essas regras, mas esse tema é o mais problemático da reforma, pois os preceitos do uso desse sinal gráfico não foram redigidos com a clareza que seria de esperar. Por isso, deixa muitas dúvidas. Claudio Cezar Henriques busca, de maneira didática, resolvê-las.

O autor trata ainda da grafia das letras e das palavras. Sendo professor há muitos anos, sabe ele que a ortografia é um automatismo e, por isso, acrescenta ao final uma série de exercícios.

Este volume é indispensável não só para os que trabalham com a língua (professores, jornalistas, advogados, etc.), mas para todos os que desejam grafar corretamente as palavras.



PREFÁCIO DA 6ª EDIÇÃO

No dia 01 de janeiro de 2016, data marcada oficialmente como a de implementação do Acordo Ortográfico, todos os países que têm a língua portuguesa como oficial estarão irmanados pela nova ortografia. Este livro, cujas cinco primeiras versões – todas de 2009 – foram publicadas pela editora Campus, recomeça agora sua trajetória, na EdUERJ. Depois de quase seis anos, a nova edição atualiza as informações sobre o andamento do processo unificador e oferece aos leitores a oportunidade de retomar contato com as regras e com as novas fontes de leitura, cabendo mencionar em especial a construção da plataforma VOC (Vocabulário Ortográfico Comum), oficialmente reconhecida pelos estados-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) por meio das conclusões finais da X Conferência de Chefes de Estado e de Governo da CPLP, que teve lugar em julho de 2014 em Díli, no Timor-Leste.

Nessa reunião, que ratificou o ingresso da Guiné Equatorial como o nono membro de pleno direito da CPLP, ratificaram-se os termos contidos na “Resolução sobre o Plano de Ação de Brasília para a Promoção, a Difusão e a Projeção da Língua Portuguesa”, de 31 de março de 2010. O item III da Resolução, intitulado “Estado de desenvolvimento do Acordo Ortográfico”, descrevia o quadro vigente nos países-membros em 2010:

1. Ainda estão por ser concluídos os procedimentos internos para a ratificação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em alguns dos Estados Membros da CPLP.
2. Há notórios avanços na introdução da nova ortografia no Brasil e em Portugal em documentos públicos, na imprensa, bem como em outros planos.
3. O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa não prevê a elaboração de vocabulário ortográfico comum, mas apenas de um vocabulário comum das terminologias científicas e técnicas, cuja existência, nos termos do Acordo, não está posta como condição prévia à sua aplicação.
4. A existência de terminologias científicas e técnicas harmonizadas em todo o espaço da CPLP constitui: i) uma vantagem em termos econômicos; ii) um importante instrumento de consolidação e reforço da língua portuguesa nas organizações internacionais a que pertencem países de língua oficial portuguesa; iii) um meio privilegiado para veicular informação e construir conhecimento na comunicação especializada. As instituições e os organismos responsáveis pela normalização terminológica nos países da CPLP deverão ser congregados em um projeto, para a elaboração, edição e distribuição de glossários, com áreas ou domínios cuja eleição deverá obedecer a critérios que atendam às realidades terminológicas dos Estados Membros.
5. Nos pontos em que o Acordo admite grafias facultativas, é recomendável que a opção por uma delas, a ser feita pelos órgãos nacionais competentes, siga a tradição ortográfica vigente em cada Estado Membro, a qual deve ser reconhecida e considerada válida em todos os contextos de utilização da língua, em particular nos sistemas educativos.

E propunha uma ação de fundamental importância para a comunidade internacional de Língua Portuguesa:

6. É recomendável que os Estados Membros que ainda não possuem Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa desenvolvam a sua elaboração, edição e distribuição, de modo que se produza, posteriormente, em formato eletrônico, sob coordenação do IILP [Instituto Internacional de Língua Portuguesa] e com a participação de uma comissão de especialistas designados pelos Estados Membros, o *Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa, que consolide tanto o léxico comum quanto as especificidades de cada país*. (grifo nosso)

É esse o ponto em que estamos: avançando para a consolidação da ortografia oficial de um léxico geral. O VOC vem integrando gradualmente o Vocabulário Ortográfico Nacional (VON) de cada país da CPLP, após validação política e conformação com uma metodologia comum. Ao final de 2014, o IILP já havia integrado no VOC os VON de Brasil, Cabo Verde, Moçambique, Portugal e Timor-Leste.

Esses fatos fazem crer que os avanços são significativos, pelo menos nesse campo. Espera-se que também a questão do ensino da língua portuguesa passe por um processo semelhante. Não se pode conceber uma língua que, depois de tanta luta em busca da unificação ortográfica, continue convivendo com terminologias linguísticas tão divergentes e distantes (a do Brasil – se é que ainda vale – é a NGB, de 1959; a de Portugal – se é que serve – é a TLEBS, de 2007). Afinal, como ensinar português no mundo, se as gramáticas e dicionários usam denominações diferentes para as mesmas questões linguísticas?¹

¹ Trato desse assunto no livro *Nomenclatura Gramatical Brasileira: 50 anos depois*.

Por fim, registro meus agradecimentos à editora de minha Universidade por proporcionar aos leitores esta oportunidade de retomar os fundamentos da nossa ortografia.

Rio de Janeiro, janeiro de 2015.

O Autor

Endereço para correspondência:

Rua São Francisco Xavier, 524 / 11º andar / sala 11.139 / Bloco F

Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20.550-900

Email: **claudioch@uol.com.br**



PREFÁCIO DA 5ª EDIÇÃO

Esta edição do livro *A Nova Ortografia: o que muda com o acordo ortográfico* começa com a necessária explicação de que o Prefácio da primeira edição, que tinha como subtítulo “O QUE É E PARA QUE SERVE A REFORMA ORTOGRÁFICA”, agora passa a figurar como um capítulo de introdução, com os retoques redacionais referentes às questões de tempo, sobretudo verbal, pois fora redigido em setembro de 2008, antes da data de entrada em vigor do Acordo, e se referia a uma publicação “em breve” do Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras, algo já concretizado, desde o dia 18 de março de 2009.

A boa acolhida de colegas professores e estudantes fez com que o trabalho rapidamente alcançasse algumas reedições e reimpressões, nas quais foram efetuados alguns retoques de digitação, mas agora, com a publicação do VOLP, a tarefa é mais significativa, justificando o destaque dado na capa da quinta edição, pois pequenas, mas importantes, mudanças vieram à baila em decorrência da obra realizada pela ABL.

Podemos resumi-las em alguns pontos bem objetivos, que se referem ao uso prático da ortografia e que se limitam basicamente a três situações vinculadas ao emprego do hífen: a decisão do VOLP de não empregar o hífen com os prefixos

co- e *não-*; de empregar o hífen com o prefixo *a-* seguido de *h*; e de suprimir o hífen de quase todos os compostos com três ou mais elementos que não designem nomes de animais ou de plantas. Concretamente, isso nos fez ajustar a tabela de emprego do hífen com prefixos e rever alguns dos exercícios de múltipla escolha da parte final do livro.

Todavia, há também itens técnicos a serem discutidos no âmbito acadêmico. A maioria deles está comentada em notas de rodapé acrescentadas nesta edição.

A nova ortografia experimental, pois, uma nova etapa para sua consolidação, a qual prosseguirá tão logo a Academia das Ciências de Lisboa apresente a sua versão lexicográfica para o Acordo. Nesse momento teremos à vista a obra conjunta prevista pelo texto legal e que deverá constituir-se na referência oficial para os escreventes de nossa língua, passo final para a nova ortografia vigorar com univocidade em toda a comunidade de língua portuguesa.

Rio de Janeiro, abril de 2009.

O Autor



INTRODUÇÃO

ANTES DE LER ESTA INTRODUÇÃO, PEÇO AO LEITOR
QUE RETORNE ÀS PÁGINAS DO PREFÁCIO DA 6ª EDIÇÃO
E FAÇA A LEITURA ATENTA DO CONTEÚDO!

O QUE É E PARA QUE SERVE A REFORMA ORTOGRÁFICA

Os jornais, as revistas e as tevês avisaram: a ortografia da língua portuguesa mudou no dia 1º de janeiro de 2009. Dizem mais: as mudanças que aconteceram valem para todos os países que usam o português como idioma oficial. E completam: são muito poucas (calcula-se que 1,6% do vocabulário de Portugal tenha sido modificado e que apenas 0,45% das palavras usadas pelos brasileiros tiveram a escrita alterada). Agora, em 2015, a mídia volta a dizer: a partir de 1º de janeiro de 2016 a nova ortografia passará a ser a única autorizada de fato.

Mas o que é a ortografia e por que foi preciso mudá-la?

Começamos lembrando que a ortografia é uma convenção social e que sua finalidade é ajudar a comunicação escrita entre as pessoas. Quem preza por aprender as regras ortográficas com certeza tem em mente o desejo de ser eficiente na comunicação de seus textos e o respeito para com os interlocutores de suas mensagens escritas.

Quanto à necessidade de mudanças, as razões que podemos alegar são outras – e independem da ideia utópica ou romântica de que as opções ortográficas têm algum compromisso com a emoção, com a subjetividade ou com a “pasteurização” fonética das palavras. Sempre haverá quem ache feia ou bonita determinada grafia ou quem ache que cada letra deveria representar um único som – coisas que uma pequena reflexão linguística colocaria por terra em poucos segundos.

Aliás, vale transcrever um pequeno trecho da crônica de 12 de maio de 1895, em *A Semana*, na qual Machado de Assis assim comentava o tema de uma proposta de reforma ortográfica:

Era talvez ocasião de falar da escritura fonética. O fonetismo é um calmante. [...] É um princípio em flor, uma aurora, um esboço que se completará algum dia, daqui a um século, ou antes. [...] A revolução estará feita. A tuberculose continuará a matar, mas os remédios virão da *farmácia*. Talvez haja um período de transição e luta, em que as escolas se definam só pelo nome; e a *farmácia* e a *pharmácia* defendam o valor de suas drogas pela tabuleta: *ph* contra *f*.

O Brasil é um dos países que têm a língua portuguesa como língua oficial. Por haver duas ortografias em vigor, uma em Portugal, outra no Brasil, sempre que era necessário redigir um documento de caráter internacional envolvendo os dois países, acontecia um fato meio patético: ele era escrito em duas versões, como se fossem o português europeu e o português brasileiro duas línguas diferentes. Durante a fase de transição, até que a nova ortografia esteja em vigor em todos os países da CPLP, ainda se poderá encontrar essa “flutuação” nos documentos.

Quais as consequências disso? A mais prejudicial é esta: a língua portuguesa nunca poderia ascender à condição de língua oficial de nenhum organismo internacional.

A uniformização, se é um mal, é um mal necessário. Afinal, o quadro atual foi construído ao longo de nossa história com a cumplicidade de lusos e de brasileiros, que nunca aplaiaram suas divergências fono-ortográficas, embora tenham assinado vários Acordos de unificação e roído sempre suas cordas.

Alguém acusa a proposta de causar prejuízos materiais, de atender a interesses editoriais, de fazer com que os portugueses tenham de se submeter aos brasileiros... Também se leem comentários de que outras línguas, como o francês e o inglês, não fazem reformas ortográficas e convivem com grafias diferentes. São argumentos interessantes, mas que não levam em conta um fato incontestável: a língua portuguesa tinha, até 31 de dezembro de 2008, **duas ortografias oficiais**. Nenhuma sociedade pode achar que isso é algo natural e desejável, pois, se assim o fosse, seria o caso de promovermos a proliferação da diversidade ortográfica mundo afora.

Outro ponto que se pode focalizar é o que avalia a qualidade da reforma que foi feita. Se nos ativermos apenas aos quesitos “acentuação gráfica” e “emprego do hífen”, por exemplo, encontraremos uma série de críticas, desde a surpreendente retirada do acento diferencial da forma verbal “para” (x prep. “para”), mas não da forma verbal “pôr” (x prep. “por”), até a hifenização com prefixos e “elementos autônomos ou falsos prefixos, de origem grega e latina”, insatisfatória e incompleta.

No entanto, é a Lei. E o Presidente da República, ao assinar o Decreto, colocou o ponto final administrativo para nós, brasileiros. A Academia Brasileira de Letras publicou em março de 2009 a quinta edição do Vocabulário Ortográfico, e tudo começou a se estabilizar, inclusive dirimindo-se dúvidas

quanto a passagens nebulosas das Bases do Acordo pela singela consulta ao *VOLP*, versão 2009.

Qual o curso natural depois disso? A institucionalização da ortografia única criará hábitos que não existiam e permitirá que a língua portuguesa tenha voz e letra nos organismos internacionais e que o acervo de nossa cultura lusófona possa ser compartilhado por escrito pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.



1 – BREVE HISTÓRIA DA ORTOGRAFIA PORTUGUESA

A história da ortografia portuguesa divide-se em três períodos:

a) o fonético, que coincide com a fase arcaica da Língua, estende-se desde 1196 (data provável de uma cantiga de maldizer de João Soares de Paiva contra o rei de Navarra: *Ora faz ost' o senhor de Navarra*, primeiro texto datado e escrito em língua portuguesa) até o final do século XV;

b) o pseudoetimológico, inaugurado no Renascimento, inicia-se em 1489 (data do primeiro documento impresso em língua portuguesa, o *Tratado de Confissom*, que já mostra as características que predominariam a partir do século XVI) e vai até os primeiros anos do século XX;

c) o histórico-científico, que se inicia com a adoção da chamada “nova ortografia”, começa em 1904, ano da publicação de *Ortografia Nacional*, de Gonçalves Viana.

1.1. PERÍODO FONÉTICO

Tem como característica principal o fato de não haver a preocupação de escrever de acordo com a origem das palavras, fazendo prevalecer unicamente a maneira de pronunciá-las. No entanto, por absoluta falta de sistematização e de coerên-

cia, o mesmo sinal gráfico podia ser empregado com valores diversos, e não raro contraditórios, às vezes no mesmo texto.

O *h*, por exemplo, podia indicar a tonicidade da vogal (*he* = é), podia marcar a existência de um hiato (*trahedor* = traidor), podia representar o fonema /i/ (*sabha* = sabia) ou ainda figurar sem função definida (*hua* = uma; *hidade* = idade). Além disso, conforme os hábitos do escrivão, uma palavra podia ser grafada com *h* ou sem ele: *havia* e *avia*; *hoje* e *oje*, *homem* e *omem* ou *ome*.

A despeito dessas vacilações, o que caracterizava a grafia do português arcaico era a simplicidade e, principalmente, o sentimento fonético.

Exemplos:

particon [-çom] (= partição), *derecto*, *octubro*, *reçebi*, *donçela*, *fecerom*, *nuncha* (= nunca), *fficar*, *ffreima*, *agiar* (= Aguiar), *Guabriel* (= Gabriel), *beigio* (= beijo), *regno* (= reino), *homees* (= homens), *omilde* (= humilde), *hordenar*, *hobra*, *he* (= é), *cahir*, *sahir*, *sabhã* (= sabia), *camho* (= caminho), *jente*, *ella*, *mall*.

1.2. PERÍODO PSEUDOETIMOLÓGICO

A floração dos estudos humanísticos trouxe o eruditismo, a pretensão de imitar os clássicos latinos e gregos. Uma consequência natural dessa preocupação era fazer com que a grafia portuguesa se aproximasse da latina.

Os séculos XVI, XVII e XVIII registraram grande quantidade de estudos a respeito do assunto. Não eram dos mais sólidos, porém, os conhecimentos linguísticos de seus autores (Duarte Nunes de Leão, Álvaro Ferreira de Vera, João Franco Barreto, Madureira Feijó, Luís do Monte Carmelo, entre outros), que propunham uma ortografia pretensiosa e cheia de complicações inúteis, contrária aos princípios de evolução do idioma.

A transcrição de palavras de origem grega, por exemplo, encontrava campo fecundo para demonstrações eruditas: o *ph* (*philosophia, nympa, typho*), o *th* (*theatro, Athenas, estheta*), o *rh* (*rhombo, reumatismo*), o *ch* com som de [k] (*chimica, cherubim, tecnico*), o *y* (*martyr, pyramide, hydrophobia*) passaram a assolar a escrita portuguesa. O mesmo ocorreu com a duplicação de consoantes intervocálicas (*aproximar, abbade, gatto, bocca*, etc.), que já haviam se reduzido na evolução do idioma.

Sob o pretexto de ser etimológica, tal ortografia estava repleta de formas equivocadas, contrariando a etimologia e a evolução da língua.

1.3. PERÍODO HISTÓRICO-CIENTÍFICO (OU SIMPLIFICADO)

Na história da ortografia portuguesa, Adolfo Coelho pode ser considerado o pioneiro dos estudos com base científica. Graças aos trabalhos por ele realizados a partir de 1868 é que se tornou possível o estabelecimento de uma nova visão a respeito do assunto. Mas o grande renovador foi Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, que em 1904 publicou a sua *Ortografia Nacional*, ponto de partida para todos os passos posteriores.

Os princípios de Gonçalves Viana, originalmente propostos em 1885, eram:

- 1) proscrição absoluta e incondicional de todos os símbolos de etimologia grega: *th, ph, ch* (= [k]), *rh* e *y*;
- 2) redução das consoantes dobradas e singelas, com exceção de *rr, ss* mediais, que têm valores peculiares;
- 3) eliminação de consoantes nulas que não influam na pronúncia da vogal precedente;
- 4) regularização da acentuação gráfica.

Diante da repercussão desse trabalho, o governo português nomeou em 1911 uma Comissão para estudar as bases da reforma ortográfica. Integraram-na alguns dos maiores filólogos de Portugal (Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Epifânio Dias, Júlio Moreira, José Joaquim Nunes e outros), que propuseram a adoção do sistema de Gonçalves Viana, com pequenas alterações.

Em 1911, o governo português oficializou a “nova ortografia”, estendida ao Brasil em 1931 por um Acordo firmado entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras, com a aprovação de ambos os governos. Integraram a comissão de unificação e contribuíram para essa unificação alguns ilustres filólogos brasileiros, entre os quais Antenor Nascentes, Jacques Raimundo, Mário Barreto, Silva Ramos e Sousa da Silveira.

O contexto político brasileiro não permitiu que o Acordo durasse muito tempo. Era a época do primeiro governo de Getúlio Vargas, que assumiu o poder em 1930, após comandar a Revolução que destituiu Washington Luís. Seus quinze anos de governo caracterizaram-se pelo nacionalismo e populismo e sob seu poder foi promulgada a Constituição de 1934, que determinou a volta ao sistema anterior.

Novo entendimento entre dois países produziu a Convenção Luso-Brasileira de 1943, que revigorou o Acordo de 1931. Dois anos depois, a fim de esclarecer pequenas divergências que surgiram na interpretação de algumas regras, os delegados das duas Academias reuniram-se em Lisboa, de julho a outubro de 1945. Surgiram desse terceiro encontro as “Conclusões Complementares do Acordo de 1931”, cujas modificações foram tantas que quase equivaliam a uma nova reforma. Essas “Conclusões” geraram protestos inflamados de prestigiosos professores brasileiros, especialmente Clóvis

Monteiro e Júlio Nogueira, e acabaram promovendo uma cisão na questão ortográfica do português.

A “ortografia de 1945” entrou em vigor em Portugal no dia 1º de janeiro de 1946, mas não teve êxito sua implantação no Brasil, onde continuou valendo a “ortografia de 1943”, consubstanciada no *PVOLP (Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa)*. Imprensa Nacional, 1943), da Academia Brasileira de Letras.

Em fins de 1971, o Congresso Nacional aprovou pequenas alterações no capítulo da acentuação gráfica – de conformidade com parecer conjunto da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa, segundo o disposto no art. III da Convenção Ortográfica celebrada a 29 de dezembro de 1943 entre o Brasil e Portugal.

As simplificações aprovadas pela Lei 5.765, de 18 de dezembro de 1971, sancionada pelo Presidente da República, eram:

- 1) abolir os acentos diferenciais dos homógrafos (exceto *pôde/pode*);
- 2) abolir as indicações de acento secundário nas palavras derivadas com *-mente* ou sufixo iniciado por *-z* (exs.: *sòmente*, *cômodamente*, *cafèzal*, *pèzinho*).

Essa Lei estabelecia que os membros da ABL ficariam encarregados da preparação da “atualização do *Vocabulário Comum*, a organização do *Vocabulário Onomástico* e da republicação do *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*”. Em 1981, com a publicação do *VOLP* pela Editora Bloch, a Academia cumpriu a primeira tarefa; em 1999, cumpriu as restantes (e reeditou o *VOLP*).

Em 1986, representantes de sete nações independentes da comunidade lusofônica (Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe)

reuniram-se em Salvador e firmaram um acordo inicial, que abrangia outros aspectos da ortografia além da simples acentuação gráfica. Aprovado em 1990 pelas delegações dos sete países, em reunião realizada em Lisboa, o acordo ficou muito tempo em estado de *hibernação*.

Entre 1990 e hoje, em meio aos fatos significativos relativos à Reforma Ortográfica, cite-se a inclusão de dois novos componentes na comunidade de língua portuguesa, o Timor Leste, que se tornou independente em 1999, e a Guiné Equatorial, antiga colônia portuguesa entre os séculos XV e XVIII. Além disso, decidiu-se também, em 2004, implantar as mudanças tão logo três países ratificassem o Acordo – em 2014, só Angola ainda não o havia ratificado.

Assim, hoje, a iniciativa de se unificar por completo a ortografia de nossa língua, a sétima mais falada entre centenas de idiomas existentes no mundo inteiro, se aproxima de um novo capítulo... decisivo.²



² Leia-se também: *A demanda da ortografia portuguesa*, livro organizado por Ivo Castro, Inês Duarte e Isabel Leiria, e o capítulo “Breve história do meio de expressão escrita”, de Carlos Alberto Faraco, no livro *Linguagem e alfabetização*.

2 – A REFORMA ATUAL

2.1. O MEC INFORMA

Grafia deve ser padronizada em oito países de língua portuguesa³

As normas estabelecidas pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa entrarão em vigor, no Brasil, no próximo ano. Para estabelecer as regras do período de transição para a nova grafia, previsto para durar três anos, será assinado um decreto. Os ministérios da Educação, da Cultura e das Relações Exteriores irão fixar orientações para que a sociedade se adapte às mudanças previstas pelo novo acordo. Está aberta uma consulta pública para que os interessados encaminhem dúvidas ou sugestões sobre o processo de transição da norma ortográfica atual para a nova. O contato com o Ministério da Educação pode ser feito até o dia 1º de setembro pelo endereço eletrônico acordoortografico@mec.gov.br.

As sugestões encaminhadas ao MEC podem ser incorporadas ao decreto que regulamentará o período de transição. A língua portuguesa é falada por cerca de 220 milhões de pessoas em todo o mundo – aproximadamente 190 milhões no Brasil. O Acordo é considerado um marco de unificação entre

³ **N. do A.:** Os oito países são, agora, nove, com a inclusão da Guiné Equatorial.

os países de língua portuguesa – Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, Brasil e Portugal. O Acordo foi assinado, inicialmente, em 1990 pelos sete países que tinham o português como idioma oficial – o Timor Leste ainda não era nação independente.

Em razão das diferenças entre as grafias desses países, é grande a dificuldade na difusão da língua. A intenção do Acordo é facilitar o processo de intercâmbio cultural e científico entre as nações e ampliar a divulgação do idioma e da literatura em língua portuguesa.

Livro didático – O Brasil tem o maior programa de distribuição gratuita de livros didáticos do mundo. Neste ano, já foram apresentadas ao Ministério da Educação propostas de obras com a nova grafia. São mudanças como o fim do uso do trema e do acento em algumas palavras, como enjôo, idéia, heróico e outras.

No primeiro semestre de 2009, o Guia do Livro Didático será enviado às escolas já com todas as opções de obras impressas segundo as novas regras ortográficas. Os livros serão destinados aos estudantes do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental. Escolhidos pelas escolas, como de costume, estarão nas salas de aula em 2010.

Em 2011, os estudantes do sexto ao nono ano também terão livros publicados conforme as regras previstas pelo acordo. Em 2012, será a vez do ensino médio.

Texto assinado por Ana Guimarães, disponível em <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em ago. 2008.



2.2. DECRETOS 6.583, 6.584, 6.585 e 7.875

DECRETO Nº 6.583, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008

Promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990.

O **PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e

Considerando que o Congresso Nacional aprovou, por meio do Decreto Legislativo nº 54, de 18 de abril de 1995, o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990;

Considerando que o governo brasileiro depositou o instrumento de ratificação do referido Acordo junto ao Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Portuguesa, na qualidade de depositário do ato, em 24 de junho de 1996;

Considerando que o Acordo entrou em vigor internacional em 1º de janeiro de 2007, inclusive para o Brasil, no plano jurídico externo;

DECRETA:

Art. 1º O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, entre os Governos da República de Angola, da República Federativa do Brasil, da República de Cabo Verde, da República da Guiné-Bissau, da República de Moçambique, da República Portuguesa e da República Democrática de São Tomé e Príncipe, de 16 de dezembro de 1990, apenso por cópia ao presente Decreto, será executado e cumprido tão inteiramente como nele se contém.

Art. 2º O referido Acordo produzirá efeitos somente a partir de 1º de janeiro de 2009.

Parágrafo Único. A implementação do Acordo obedecerá ao período de transição de 1º de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2012, durante o qual coexistirão a norma ortográfica atualmente em vigor e a nova norma estabelecida.

Art. 3º São sujeitos à aprovação do Congresso Nacional quaisquer atos que possam resultar em revisão do referido Acordo, assim como quaisquer ajustes complementares que, nos termos do art. 49, inciso I, da Constituição, acarretem encargos ou compromissos gravosos ao patrimônio nacional.

Art. 4º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 29 de setembro de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Celso Luiz Nunes Amorim

DECRETO Nº 6.584, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008

Promulga o Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Praia, em 17 de julho de 1998.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e

Considerando que o Congresso Nacional aprovou, por meio do Decreto Legislativo nº 120, de 12 de junho de 2002, o Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Praia, em 17 de julho de 1998;

Considerando que o Governo brasileiro depositou o instrumento de ratificação do referido Acordo junto ao Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Portuguesa, na qualidade de depositário do ato, em 3 de setembro de 2004;

Considerando que o Protocolo Modificativo entrou em vigor internacional em 1º de janeiro de 2007, inclusive para o Brasil, no plano jurídico externo;

DECRETA:

Art. 1º O Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, entre os Governos da República de Angola, da República Federativa do Brasil, da República de Cabo Verde, da República de Guiné-Bissau, da República de Moçambique, da República Portuguesa e da República Democrática de São Tomé e Príncipe, de 17 de julho de 1998, apenso por cópia ao presente Decreto, será executado e cumprido tão inteiramente como nele se contém.

Art. 2º São sujeitos à aprovação do Congresso Nacional quaisquer atos que possam resultar em revisão do referido

Protocolo, assim como quaisquer ajustes complementares que, nos termos do art. 49, inciso I, da Constituição, acarretem encargos ou compromissos gravosos ao patrimônio nacional.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 29 de setembro de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Celso Luiz Nunes Amorim

DECRETO Nº 6.585, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008

Dispõe sobre a execução do Segundo Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em São Tomé, em 25 de julho de 2004.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e

Considerando que foram cumpridos os requisitos para a entrada em vigor do Segundo Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa;

Considerando que o Governo brasileiro notificou o Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Portuguesa, na qualidade de depositário do ato, em 20 de outubro de 2004;

Considerando que o Acordo entrou em vigor internacional em 1º de janeiro de 2007, inclusive para o Brasil, no plano jurídico externo;

DECRETA:

Art. 1º O Segundo Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, entre os Governos da República de Angola, da República Federativa do Brasil, da República de Cabo Verde, da República de Guiné-Bissau, da República de Moçambique, da República Portuguesa, da República Democrática de São Tomé e Príncipe e da República Democrática de Timor-Leste, de 25 de julho de 2004, apenso por cópia ao presente Decreto, será executado e cumprido tão inteiramente como nele se contém.

Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 29 de setembro de 2008; 187^o da Independência e 120^o da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Samuel Pinheiro Guimarães Neto

Fernando Haddad

João Luiz Silva Ferreira

Nota do Autor: Esses três decretos foram assinados em solenidade que homenageou o centenário de falecimento de Machado de Assis, na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 2008.

DECRETO Nº 7.875, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012

Altera o Decreto n.º 6.583, de 29 de setembro de 2008, que promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A **PRESIDENTA DA REPÚBLICA**, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, *caput*, inciso IV, da Constituição

D E C R E T A :

Art. 1º O Decreto n.º 6.583, de 29 de setembro de 2008, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 2º

Parágrafo Único. A implementação do Acordo obedecerá ao período de transição de 1º de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2015, durante o qual coexistirão a norma ortográfica atualmente em vigor e a nova norma estabelecida.” (NR)

Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 27 de dezembro de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEF
Ruy Nunes Pinto Nogueira



3 – BASES COMPLETAS DA NOVA ORTOGRAFIA

3.1. ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA (1990)

Nota do Autor: O texto das Bases do Acordo Ortográfico foi publicado no Diário do Congresso Nacional de 21 de abril de 1995 e transcreve o documento assinado em Lisboa em dezembro de 1990. O texto foi redigido com as características ortográficas vigentes à época em Portugal. Além disso, nele foram empregadas palavras técnicas do campo dos estudos gramaticais que não correspondem aos hábitos brasileiros (*verbo no conjuntivo*, por exemplo, em vez de *verbo no subjuntivo*). Neste livro, optamos por atualizar a ortografia das Bases nos moldes definidos pelo próprio Acordo e adaptar a nomenclatura gramatical ao que se pratica no ensino brasileiro.

Considerando que o projeto de texto de ortografia unificada de língua portuguesa aprovado em Lisboa, em 12 de outubro de 1990, pela Academia das Ciências de Lisboa, Academia Brasileira de Letras e delegações de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, com a adesão da delegação de observadores da Galiza, constitui um

passo importante para a defesa da unidade essencial da língua portuguesa e para o seu prestígio internacional;

Considerando que o texto do acordo que ora se aprova resulta de um aprofundado debate nos Países signatários,

a República Popular de Angola,
a República Federativa do Brasil,
a República de Cabo Verde,
a República da Guiné-Bissau,
a República de Moçambique,
a República Portuguesa,
e a República Democrática de São Tomé e Príncipe,
acordam no seguinte:

Artigo 1º – É aprovado o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que consta como anexo I ao presente instrumento de aprovação, sob a designação de Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990) e vai acompanhado da respectiva nota explicativa, que consta como anexo II ao mesmo instrumento de aprovação, sob a designação de Nota Explicativa ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990).

Artigo 2º – Os Estados signatários tomarão, através das instituições e órgãos competentes, as providências necessárias com vista à elaboração, até 1º de janeiro de 1993, de um vocabulário ortográfico comum da língua portuguesa, tão completo quanto desejável e tão normalizador quanto possível, no que se refere às terminologias científicas e técnicas.

Artigo 3º – O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa entrará em vigor em 1º de janeiro de 1994, após depositados

os instrumentos de ratificação de todos os estados junto ao Governo da República Portuguesa.

Artigo 4º – Os Estados signatários adotarão as medidas que entenderem adequadas ao efetivo respeito da data da entrada em vigor estabelecida no artigo 3º.

Em fé do que, os abaixo assinados, devidamente credenciados para o efeito, aprovam o presente acordo, redigido em língua portuguesa, em sete exemplares, todos igualmente autênticos.

Assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990.

Pela República Popular de Angola, *José Mateus de Adelino Peixoto, Secretário de Estado da Cultura*

Pela República Federativa do Brasil, *Carlos Alberto Gomes Chiarelli, Ministro da Educação*

Pela República de Cabo Verde, *David Hopffer Almada, Ministro da Informação, Cultura e Desportos*

Pela República da Guiné-Bissau, *Alexandre Brito Ribeiro Furtado, Secretário de Estado da Cultura*

Pela República de Moçambique, *Luís Bernardo Honwana, Ministro da Cultura*

Pela República Portuguesa, *Pedro Miguel de Santana Lopes, Secretário de Estado da Cultura*

Pela República Democrática de São Tomé e Príncipe, *Lígia Silva Graça do Espírito Santo Costa, Ministra da Educação e Cultura*

3.1.1. ANEXO I (Bases do Acordo)

BASE I**DO ALFABETO E DOS NOMES PRÓPRIOS ESTRANGEIROS E SEUS DERIVADOS**

1ª) O alfabeto da língua portuguesa é formado por vinte e seis letras, cada uma delas com uma forma minúscula e outra maiúscula:

a A (á)	n N (ene)
b B (bê)	o O (o)
c C (cê)	p P (pê)
d D (dê)	q Q (quê)
e E (é)	r R (erre)
f F (efe)	s S (esse)
g G (gê ou guê)	t T (tê)
h H (agá)	u U (u)
i I (i)	v V (vê)
j J (jota)	w W (dáblio)
k K (capa ou cá)	x X (xis)
l L (ele)	y Y (ípsilon)
m M (eme)	z Z (zê)

Obs.: 1. Além destas letras, usam-se o ç (cê cedilhado) e os seguintes dígrafos: rr (erre duplo), ss (esse duplo), ch (cê-agá), lh (ele-agá), nh (ene-agá), gu (guê-u) e qu (quê-u)⁴.

2. Os nomes das letras acima sugeridos não excluem outras formas de as designar.

⁴ **N. do A.:** A lista de dígrafos se completa com SC, SÇ, XC e XS: *nascer, cresça, exceto, exsurgir*.

2^o) As letras k, w e y usam-se nos seguintes casos especiais:

a) Em antropônimos originários de outras línguas e seus derivados:

Franklin, frankliniano; Kant, kantiano; Darwin, darwinismo; Wagner, wagneriano; Byron, byroniano; Taylor, taylorista;

b) Em topônimos originários de outras línguas e seus derivados:

Kwanza, Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano;

c) Em siglas, símbolos e mesmo em palavras adotadas como unidades de medida de curso internacional:

*TWA, KLM; K – potássio (de *kalium*); W – oeste (de *West*); kg – quilograma, km – quilômetro, kW – kilowatt; yd – jarda (*yard*); Watt.*

3^o) Em congruência com o número anterior, mantém-se nos vocábulos derivados eruditamente de nomes próprios estrangeiros quaisquer combinações gráficas ou sinais diacríticos não peculiares à nossa escrita que figurem nesses nomes: *comtista*, de *Comte*; *garrettiano*, de *Garrett*; *jeffersônia*, de *Jefferson*; *mülleriano*, de *Müller*; *shakespeariano*, de *Shakespeare*.

Os vocábulos autorizados registrarão grafias alternativas admissíveis, em casos de divulgação de certas palavras de tal tipo de origem (a exemplo de *fúcsial* / *fúchsia* e derivados, *buganvília* / *buganvílea* / *bougainvillea*).

4^o) Os dígrafos finais de origem hebraica *ch*, *ph* e *th* podem conservar-se em formas onomásticas da tradição bíblica, como *Baruch*, *Loth*, *Moloch*, *Ziph*, ou então simplificar-se: *Baruc*, *Lot*, *Moloc*, *Zif*. Se qualquer um destes dígrafos, em formas do mesmo tipo, é invariavelmente mudo, elimina-se: *José*, *Nazaré*, em vez de *Joseph*, *Nazareth*; e se algum deles, por força do uso, permite adaptação, substitui-se, recebendo uma adição vocálica: *Judite*, em vez de *Judith*.

5^o) As consoantes finais grafadas *b*, *c*, *d*, *g* e *h* mantêm-se, quer sejam mudas, quer proferidas, nas formas onomásticas em que o uso as consagrou, nomeadamente antropônimos e topônimos da tradição bíblica: *Jacob*, *Job*, *Moab*, *Isaac*; *David*, *Gad*; *Gog*, *Magog*; *Bensabat*, *Josafat*.

Integram-se também nesta forma: *Cid*, em que o *d* é sempre pronunciado; *Madrid* e *Valhadolid*, em que o *d* ora é pronunciado, ora não; e *Calecut* ou *Calicut*, em que o *t* se encontra nas mesmas condições.

Nada impede, entretanto, que os antropônimos em apreço sejam usados sem a consoante final: *Jó*, *Davi* e *Jacó*.

6^o) Recomenda-se que os topônimos de línguas estrangeiras se substituam, tanto quanto possível, por formas vernáculas, quando estas sejam antigas e ainda vivas em português ou quando entrem, ou possam entrar, no uso corrente. Exemplo: *Anvers*, substituindo por *Antuérpia*; *Cherbourg*, por *Cherburgo*; *Garonne*, por *Garona*; *Genève*, por *Genebra*; *Jutland*, por *Jutlândia*; *Milano*, por *Milão*; *München*, por *Munique*; *Torino*, por *Turim*; *Zurich*, por *Zurique*, etc.

BASE II

DO *H* INICIAL E FINAL

1^o) O *h* inicial emprega-se:

a) Por força da etimologia: *haver*, *hélice*, *hera*, *hoje*, *hora*, *homem*, *humor*;

b) Em virtude da adoção convencional: *hã?*, *hem?*, *hum!*.

2^o) O *h* inicial suprime-se:

a) Quando, apesar da etimologia, a sua supressão está inteiramente consagrada pelo uso: *erva*, em vez de *herva*; e,

portanto, *ervaçal*, *ervanário*, *ervoso* (em contraste com *herbáceo*, *herbanário*, *herboso*, formas de origem erudita);

b) Quando, por via de composição, passa a interior e o elemento em que figura se aglutina ao precedente: *biebdomádario*, *desarmonia*, *desumano*, *exaurir*, *inábil*, *lobisomem*, *reabilitar*, *reaver*.

3º) O *h* inicial mantém-se, no entanto, quando, numa palavra composta, pertence a um elemento que está ligado ao anterior por meio de hífen: *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-história*, *sobre-humano*.⁵

4º) O *h* final emprega-se em interjeições: *ah!* *oh!*

BASE III

DA HOMOFONIA DE CERTOS GRAFEMAS CONSONÂNTICOS

Dada a homofonia existente entre certos grafemas consonânticos, torna-se necessário diferenciar os seus empregos, que fundamentalmente se regulam pela história das palavras. É certo que a variedade das condições em que se fixam na escrita os grafemas consonânticos homófonos nem sempre permite fácil diferenciação dos casos em que se deve empregar uma letra e daqueles em que, diversamente, se deve empregar outra, ou outras, a representar o mesmo som.

Nesta conformidade, importa notar, principalmente, os seguintes casos:

⁵ **N. do A.:** O texto do Acordo adota a nomenclatura lusitana para as palavras formadas por prefixação, tratando-as como **compostas**, e não como derivadas.

1^a) Distinção gráfica entre *ch* e *x*: *achar, archote, bucha, capacho, capucho, chamar, chave, Chico, chiste, chorar, colchão, colchete, endecha, estrebucha, facho, ficha, flecha, frincha, gancho, inchar, macho, mancha, murchar, nicho, pachorra, pecha, pechincha, penacho, rachar, sachar, tacho; ameixa, anexim, baixei, baixo, bexiga, bruxa, coaxar, coxia, debuxo, deixar, eixo, elixir, enxofre, faixa, feixe, madeixa, mexer, oxalá, praxe, puxar, rouxinol, vexar, xadrez, xarope, xenofobia, xerife, xícara.*

2^a) Distinção gráfica entre *g*, com valor de fricativa palatal, e *j*: *adágio, alfageme, Álgebra, algema, algeroz, Algés, algibebe, algibeira, algido, almargem, Alvorge, Argel, estrangeiro, falange, ferrugem, frigir, gelosia, gengiva, gergelim, geringonça, Gibraltar, ginete, ginja, girafa, gíria, herege, relógio, sege, Tãnger, virgem; adjetivo, ajeitar, ajeru* (nome de planta indiana e de uma espécie de papagaio), *canjerê, canjica, enjeitar, granjear, hoje, intrujice, jecoral, jejum, jeira, jeito, Jeová, jenipapo, jequiri, jequitibá, Jeremias, Jericó, jerimum, Jerônimo, Jesus, jiboia, jiquipanga, jiquiró, jiquitaia, jirau, jiriti, jitirana, laranjeira, lojista, majestade, majestoso, manjerico, manjerona, mucujê, pajé, pegajento, rejeitar, sujeito, trejeito.*

3^a) Distinção gráfica entre as letras *s*, *ss*, *c*, *ç* e *x*, que representam sibilantes surdas: *ânsia, ascensão, aspersão, cansar, conversão, esconso, farsa, ganso, imenso, mansão, mansarda, manso, pretensão, remanso, seara, seda, Seia, Sertã, Sernancelhe, serralheiro, Singapura, Sintra, sisa, tarso, terso, valsa; abadesa, acossar, amassar, arremessar, Asseiceira, asseio, atravessar, benesse, Cassilda, codesso* (identicamente *Codessal* ou *Codassal*, *Codesseda*, *Codessoso*, etc.), *crasso, devassar, dossel, egresso, endossar, escasso, fosso, gesso, molosso, massa, obsessão, pêssego, possesso, remessa, sossegar; acém, acervo, alicerce, cebola, cereal, Cernache, cetim, Cinfães, Escócia, Macedo, obcecar, percevejo;*

açafate, açorda, açúcar, almaço, atenção, berço, Buçaco, caçanje, caçula, caraça, dançar, Eça, enguiço, Gonçalves, inserção, linguíça, maçada, Mação, maçar, Moçambique, Monção, muçulmano, murça, negaça, pança, peça, quiçaba, quiçaça, quiçama, quiçamba, Seiça (grafia que pretere as errôneas *Ceiça* e *Ceissa*), *Seiçal, Suíça, terço; auxílio, Maximiliano, Maximino, máximo, próximo, sintaxe.*

4^ª) Distinção gráfica entre *s* de fim de sílaba (inicial ou interior) e *x* e *z* com idêntico valor fônico: *adestrar, Calisto, escusar, esdrúxulo, esgotar, esplanada, esplêndido, espontâneo, espremer, esquisito, estender, Estremadura, Estremoz, inesgotável; extensão, explicar, extraordinário, inextricável, inexperto, sextante, têxtil; capazmente, infelizmente, velozmente.* De acordo com esta distinção convém notar dois casos:

a) Em final de sílaba que não seja final de palavra, o *x* = *s* muda para *s* sempre que está precedido de *i* ou *u*: *justapor, justalinear, misto, sistino* (cf. Capela Sistina), *Sisto*, em vez de *juxtapor, juxtalinear, mixto, sextina, Sixto*;

b) Só nos advérbios em *-mente* se admite *z*, com valor idêntico ao de *s*, em final de sílaba seguida de outra consoante (cf. *capazmente*, etc.); de contrário, o *s* toma sempre o lugar do *z*: *Biscaia*, e não *Bizcaia*.

5^ª) Distinção gráfica entre *s* final de palavra e *x* e *z* com idêntico valor fônico: *aguarrás, aliás, anis, após, atrás, através, Avis, Brás, Dinis, Garcês, gás, Gerês, Inês, iris, Jesus, jus, lápis, Luís, país, português, Queirós, quis, retrós, revés, Tomás, Valdês; cálix, Félix, Fênix, flux; assaz, arroz, avestruz, dez, diz, fez* (substantivo e forma do verbo *fazer*), *fiz, Forjaz, Galaaz, giz, jaez, matiz, petiz, Queluz, Romariz, [Arcos de] Valdevez, Vaz.* A propósito, deve observar-se que é inadmissível *z* final equivalente a *s* em palavra não oxítone: *Cádiz*, e não *Cádiz*.

6^o) Distinção gráfica entre as letras interiores *s*, *x* e *z*, que representam sibilantes sonoras: *aceso*, *analisar*, *anestesia*, *artesão*, *asa*, *asilo*, *Baltasar*, *besouro*, *besuntar*, *blusa*, *brasa*, *brásão*, *Brasil*, *brisa*, [Marco de] *Canaveses*, *coliseu*, *defesa*, *duquesa*, *Elisa*, *empresa*, *Ermesinde*, *Esposende*, *frenesi* ou *frenesim*, *frisar*, *guisa*, *improviso*, *jusante*, *liso*, *lousa*, *Lousã*, *Luso* (nome de lugar, homônimo de *Luso*, nome mitológico), *Matosinhos*, *Meneses*, *narciso*, *Nisa*, *obséquio*, *ousar*, *pesquisa*, *portuguesa*, *presa*, *raso*, *represa*, *Resende*, *sacerdotisa*, *Sesimbra*, *Sousa*, *surpresa*, *tisana*, *transe*, *trânsito*, *vaso*; *exalar*, *exemplo*, *exibir*, *exorbitar*, *exuberante*, *inexato*, *inexorável*; *abalizado*, *alfazema*, *Arcozelo*, *autorizar*, *azar*, *azedo*, *azo*, *azorrague*, *baliza*, *bazarr*, *beleza*, *buzina*, *búzio*, *comezinho*, *deslizar*, *deslize*, *Ezequiel*, *fuzileiro*, *Galiza*, *guizo*, *helenizar*, *lambuzar*, *lezíria*, *Mouzinho*, *proeza*, *sazão*, *urze*, *vazar*, *Veneza*, *Vizela*, *Vouzela*.

BASE IV

DAS SEQUÊNCIAS CONSONÂNTICAS

1^o) O *c*, com valor de oclusiva velar, das sequências interiores *cc* (segundo *c* com valor de sibilante), *cç* e *ct*, e o *p* das sequências interiores *pc* (*c* com valor de sibilante), *pç* e *pt*, ora se conservam, ora se eliminam.

Assim:

a) Conservam-se nos casos em que são invariavelmente proferidos nas pronúncias cultas da língua: *compacto*, *convicção*, *convicto*, *ficção*, *friccionar*, *pacto*, *pictural*; *adepito*, *apto*, *díptico*, *erupção*, *eucalipto*, *inepito*, *núpcias*, *raptio*;

b) Eliminam-se nos casos em que são invariavelmente mudos nas pronúncias cultas da língua: *ação*, *acionar*, *afetivo*,

*aflição, aflito, ato, coleção, coletivo, direção, diretor, exato, objeção*⁶; *adoção, adotar, batizar, Egito, ótimo*;

c) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando se proferem numa pronúncia culta, quer geral, quer restritamente, ou então quando oscilam entre a prolação e o emudecimento: *aspecto* e *aspeto*, *cacto* e *cato*, *caracteres* e *carateres*, *dicção* e *dição*; *facto* e *fato*, *sector* e *setor*, *ceptro* e *cetno*, *concepção* e *conceção*, *corrupto* e *corruto*, *recepção* e *receção*;

d) Quando, nas *sequências* interiores *mpc*, *mpç* e *mpt* se eliminar o *p*, de acordo com o determinado nos parágrafos precedentes, o *m* passa a *n*, escrevendo-se, respectivamente, *nc*, *nç* e *nt*: *assumpcionista* e *assuncionista*; *assumpção* e *assunção*; *assumptível* e *assuntível*; *peremptório* e *perentório*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *sumptuosidade* e *suntuosidade*.

2º) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando se proferem numa pronúncia culta, quer geral, quer restritamente, ou então quando oscilam entre a prolação e o emudecimento: o *b* da sequência *bd*, em *súbdito*; o *b* da sequência *bt*, em *subtil* e seus derivados; o *g* da sequência *gd*, em *amígdala*, *amígdalácea*, *amígdalar*, *amígdalato*, *amígdalite*, *amígdaloide*, *amígdalopatia*, *amígdalotomia*; o *m* da sequência *mn*, em *amnístia*, *amnístiar*, *índemne*, *índemnidade*, *índemnizar*, *omnímodo*, *omnipotente*, *omnisciente*, etc.; o *t* da sequência *tm*, em *aritmética* e *aritmético*.

⁶ **N. do A.:** O exemplo de *objeção* refere-se à grafia *objecção* (obviamente, o encontro *bj* permanece grafado pelas razões do item anterior).

BASE V DAS VOGAIS ÁTONAS

1^o) O emprego do *e* e do *i*, assim como o do *o* e do *u* em sílaba átona, regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias:

a) Com *e* e *i*: *ameaça, amealhar, antecipar, arrepiar, balnear, boreal, campeão, cardeal* (prelado, ave, planta; diferente de *cardial* = “relativo à cárdia”), *Ceará, côdea, enseada, enteadado, Floreal, janeanes, lêndea, Leonardo, Leonel, Leonor, Leopoldo, Leote, linear, meão, melhor, nomear, peanha, quase* (em vez de *quási*), *real, semear, semelhante, várzea; ameixial, Ameixieira, amial, amieiro, arrieiro, artilharia, capitânia, cordial* (adjetivo e substantivo), *corriola, crânio, criar, diante, diminuir, Dinis, ferregial, Filinto, Filipe* (e identicamente *Filipa, Filipinas*, etc.), *freixial, giesta, Idanha, igual, imiscuir-se, inigualável, lampião, limiar, Lumiar, lumieiro, pátio, pior, tigela, tijolo, Vimieiro, Vimioso;*

b) Com *o* e *u*: *abolir, Alpendorada, assolar, borboleta, cobiça, consoada, consoar costume, díscolo, êmbolo, engolir, epístola, esbaforir-se, esboroar, farândola, femoral, Freixoeira, girândola, goela, jocoso, mágoa, névoa, nódoa, óbolo, Páscoa, Pascoal, Pascoela, polir, Rodolfo, távoa, tavoada, tábola, tômbola, veio* (substantivo e forma do verbo *vir*); *açular, água, aluvião, arcuense, assumir, bulir, camândulas, curtir, curtume, embutir, entupir, fêmur, fistula, glândula, insua, jucundo, légua, Luan-da, lucubração, lugar, mangual, Manuel, míngua, Nicarágua, pontual, régua, tábuá, tabuada, tabuleta, trégua, virtualha.*

2^o) Sendo muito variadas as condições etimológicas e histórico-fonéticas em que se fixam graficamente *e* e *i* ou *o* e *u* em sílaba átona, é evidente que só a consulta dos vocabulários ou dicionários pode indicar, muitas vezes, se deve empregar-

-se *e* ou *i*, se *o* ou *u*. Há, todavia, alguns casos em que o uso dessas vogais pode ser facilmente sistematizado. Convém fixar os seguintes:

a) Escrevem-se com *e*, e não com *i*, antes da sílaba tônica, os substantivos e adjetivos que procedem de substantivos terminados em *-eio* e *-eia*, ou com eles estão em relação direta. Assim se regulam: *aldeão*, *aldeola*, *aldeota* por *aldeia*; *areal*, *areeiro*, *areento*, *Areosa* por *areia*; *aveal* por *aveia*; *baleal* por *baleia*; *cadeado* por *cadeia*; *candeeiro* por *candeia*; *centeeira* e *centeeiro* por *centeio*; *colmeal* e *colmeeiro* por *colmeia*; *correada* e *correama* por *correia*.

b) Escrevem-se igualmente com *e*, antes de vogal ou ditongo da sílaba tônica, os derivados de palavras que terminam em *e* acentuado (o qual pode representar um antigo hiato: *ea*, *ee*): *galeão*, *galeota*, *galeote*, de *galé*; *coreano*, de *Coreia*; *daomeano*, de *Daomé*; *guineense*, de *Guiné*; *poleame* e *poleeiro*, de *polé*.

c) Escrevem-se com *i*, e não com *e*, antes da sílaba tônica, os adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos mistos de formação vernácula *-iano* e *-iense*, os quais são o resultado da combinação dos sufixos *-ano* e *-ense* com um *i* de origem analógica (baseado em palavras onde *-ano* e *-ense* estão precedidos de *i* pertencente ao tema: *horaciano*, *italiano*, *duriense*, *flaviense*, etc.); *açoriano*, *acriano* (de *Acre*), *camonianmo*, *goisiano* (relativo a *Damião de Góis*), *siniense* (de *Sines*), *sófocliano*, *torriano*, *torriense* (de *Torre(s)*).

d) Uniformizam-se com as terminações *-io* e *-ia* (átomas), em vez de *-eo* e *-ea*, os substantivos que constituem variações, obtidas por ampliação, de outros substantivos terminados em vogal: *cúmio* (popular), de *cume*; *hástia*, de *haste*; *réstia*, do antigo *reste*; *véstia*, de *veste*.

e) Os verbos em *-ear* podem distinguir-se praticamente, grande número de vezes, dos verbos em *-iar*, quer pela formação, quer pela conjugação e formação ao mesmo tempo. Estão

no primeiro caso todos os verbos que se prendem a substantivos em *-eio* ou *-eia* (sejam formados em português ou venham já do latim); assim se regulam: *aldear*, por *aldeia*; *alhear*, por *alheio*; *cear* por *ceia*; *encadear* por *cadeia*; *pear*, por *peia*; etc. Estão no segundo caso todos os verbos que têm normalmente flexões rizotônicas em *-eio*, *-eias*, etc.: *clarear*, *delinear*, *devanear*, *falsear*, *granjear*, *guerrear*, *hastear*, *nomear*, *semeiar*, etc. Existem, no entanto, verbos em *-iar*, ligados a substantivos com as terminações átonas *-ia* ou *-io*, que admitem variantes na conjugação: *negoceio* ou *negocio* (cf. *negócio*); *premeio* ou *premio* (cf. *prêmio*); etc.

f) Não é lícito o emprego do *u* final átono em palavras de origem latina. Escreve-se, por isso: *moto*, em vez de *mótu* (por exemplo, na expressão *de moto próprio*); *tribo*, em vez de *tríbu*.

g) Os verbos em *-oar* distinguem-se praticamente dos verbos em *-uar* pela sua conjugação nas formas rizotônicas, que têm sempre *o* na sílaba acentuada: *abençoar* com *o*, como *abençoo*, *abençoas*, etc.; *destoar*, com *o*, como *destoo*, *destoas*, etc.; mas *acentuar*, com *u*, como *acentuo*, *acentuas*, etc.

BASE VI DAS VOGAIS NASAIS

Na representação das vogais nasais devem observar-se os seguintes preceitos:

1º) Quando uma vogal nasal ocorre em fim de palavra, ou em fim de elemento seguido de hífen, representa-se a nasalidade pelo til, se essa vogal é de timbre *a*; por *m*, se possui qualquer outro timbre e termina a palavra; e por *n* se é de timbre diverso de *a* e está seguida de *s*: *afã*, *grã*, *Grã-Bretanha*, *lã*, *órfã*, *sã-braseiro* (forma dialetal; o mesmo que *são-brasense* =

de S. Brás de Alportel); *clarim, tom, vacuum, flautins, semitons, zunzuns*.

2^o) Os vocábulos terminados em *-ã* transmitem esta representação do *a* nasal aos advérbios em *-mente* que deles se formem, assim como a derivados em que entrem sufixos iniciados por *z*: *cristãmente, irmãmente, sãmente; lâzudo, maçãzita, manhãzinha, romãzeira*.

BASE VII DOS DITONGOS

1^o) Os ditongos orais, que tanto podem ser tónicos como átonos, distribuem-se por dois grupos gráficos principais, conforme o segundo elemento do ditongo é representado por *i* ou *u*: *ai, ei, éi, oi, ói, ui; au, eu, éu, iu, ou*: *braçais, caixote, deveis, eirado, farnéis* (mas *farneizinhos*), *goivo, goivar, lençóis* (mas *lençoizinhos*), *tafuis, uivar, cacau, cacauero, deu, endeusar, ilhéu* (mas *ilheuzito*), *mediu, passou, regougar*.

Obs.: Admitem-se, todavia, excepcionalmente, à parte destes dois grupos, os ditongos grafados *ae* (= *âi* ou *ai*) e *ao* (*âu* ou *au*): o primeiro, representado nos antropônimos *Caetano* e *Caetana*, assim como nos respectivos derivados e compostos (*caetaninha, são-caetano*, etc.); o segundo, representado nas combinações da preposição *a* com as formas masculinas do artigo ou pronome demonstrativo *o*, ou seja, *ao* e *aos*.

2^o) Cumpre fixar, a propósito dos ditongos orais, os seguintes preceitos particulares:

a) É o ditongo grafado *ui*, e não a sequência vocálica grafada *ue*, que se emprega nas formas de 2^a e 3^a pessoas do

⁷ **N. do A.:** No documento original, a enumeração não inclui os ditongos *OI* e *ÓI*, embora ambos façam parte da exemplificação (*goivar, lençóis*).

singular do presente do indicativo e igualmente na da 2ª pessoa do singular do imperativo dos verbos em *-uir*: *constituís, influí, retribuí*. Harmonizam-se, portanto, essas formas com todos os casos de ditongo grafado *ui* de sílaba final ou fim de palavra (*azuis, fui, Guardafui, Rui*, etc.); e ficam assim em paralelo gráfico-fonético com as formas de 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo e de 2ª pessoa do singular do imperativo dos verbos em *-air* e em *-oer*: *atráis, cai, sai; móis, remói, sói*;

b) É o ditongo grafado *ui* que representa sempre, em palavras de origem latina, a união de um *ii* a um *i* átono seguinte. Não divergem, portanto, formas como *fluido* de formas como *gratuito*. E isso não impede que nos derivados de formas daquele tipo as vogais grafadas *ii* e *i* se separem: *fluidico, fluidez (u-i)*;

c) Além dos ditongos orais propriamente ditos, os quais são todos decrescentes, admite-se, como é sabido, a existência de ditongos crescentes. Podem considerar-se no número deles as sequências vocálicas pós-tônicas, tais as que se representam graficamente por *ea, eo, ia, ie, io, oa, ua, ue, uo*: *áurea, áureo, calúnia, espécie, exímio, mágoa, míngua, tênue, tríduo*.

3ª) Os ditongos nasais, que na sua maioria tanto podem ser tônicos como átonos, pertencem graficamente a dois tipos fundamentais: ditongos representados por vogal com til e semivogal; ditongos representados por uma vogal seguida da consoante nasal *m*. Eis a indicação de uns e outros:

a) Os ditongos representados por vogal com til e semivogal são quatro, considerando-se apenas a língua padrão contemporânea: *ãe* (usado em vocábulos oxítonos e derivados), *ãi* (usado em vocábulos anoxítonos e derivados), *ão* e *õe*. Exemplos: *cães, Guimarães, mãe, mãezinha; cãibas, cãibeiro, cãibra, zãibo; mão, mãozinha, não, quão, sótão, sotãozinho*,

tão; Camões, orações, oraçãozinhas, pão, repões. Ao lado de tais ditongos pode, por exemplo, colocar-se o ditongo *ui*; mas este, embora se exemplifique numa forma popular como *rũi* = *ruim*, representa-se sem o til nas formas *muito* e *mui*, por obediência à tradição;

b) Os ditongos representados por uma vogal seguida da consoante nasal *m* são dois: *am* e *em*. Divergem, porém, nos seus empregos:

i) *am* (sempre átono) só se emprega em flexões verbais: *amam, deviam, escreveram, puseram*;

ii) *em* (tônico ou átono) emprega-se em palavras de categorias morfológicas diversas, incluindo flexões verbais, e pode apresentar variantes gráficas determinadas pela posição, pela acentuação ou, simultaneamente, pela posição e pela acentuação: *bem, Bembom, Bemposta, cem, devem, nem, quem, sem, tem, virgem; Bencanta, Benfeito, Benfica, benquisto, bens, enfim, enquanto, homenzarrão, homenzinho, nuvenzinha, tens, virgens, amém* (variação de *ámen*), *armazém, convém, mantém, ninguém, porém, Santarém, também; convêm, mantêm, têm* (3^{as} pessoas do plural); *armazéns, desdéns, convéns, reténs; Belenzada, vintenzinho.*

BASE VIII

DA ACENTUAÇÃO GRÁFICA DAS PALAVRAS OXÍTONAS

1^o) Acentuam-se com acento agudo:

a) As palavras oxítonas e os monossílabos tônicos terminados nas vogais tônicas abertas grafadas *-a*, *-e* ou *-o*, seguidas ou não de *-s*: *está, estás, já, olá; até, é, és, olé, pontapé(s); avó(s), dominó(s), paletó(s), só(s).*

Obs.: Em algumas (poucas) palavras oxítonas terminadas em *-e* tônico, geralmente provenientes do francês, esta vo-

gal, por ser articulada nas pronúncias cultas ora como aberta ora como fechada, admite tanto o acento agudo como o acento circunflexo: *bebê* ou *bebê*, *bidê* ou *bidê*, *canapé* ou *canapé*, *caratê* ou *caratê*, *croché* ou *croché*, *guichê* ou *guichê*, *matiné* ou *matiné*, *nenê* ou *nenê*, *ponjê* ou *ponjê*, *purê* ou *purê*, *rapê* ou *rapê*.

O mesmo se verifica com formas como *cocô* e *cocô*, *rô* (letra do alfabeto grego) e *rô*. São igualmente admitidas formas como *judô*, a par de *judo*, e *metrô*, a par de *metro*;

b) As formas verbais oxítonas ou monossilábicas, quando, conjugadas com os pronomes clíticos *lo(s)* ou *la(s)*, ficam a terminar na vogal tônica aberta grafada *-a*, após a assimilação e perda das consoantes finais grafadas *-r*, *-s* ou *-z*: *adorá-lo(s)* (de *adorar-lo(s)*), *dá-la(s)* (de *dar-la(s)* ou *dá(s)-la(s)*), *fá-lo(s)* (de *faz-lo(s)*), *fá-lo(s)-ás* (de *far-lo(s)-ás*), *habitá-la(s)-iam* (de *habitar-la(s)-iam*), *trá-la(s)-á* (de *trair-la(s)-á*);

c) As palavras oxítonas terminadas no ditongo nasal grafado *-em* (exceto as formas de 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos compostos de *ter* e *vir*: *retêm*, *sustêm*, *advêm*, *provêm*, etc.) ou *-ens*: *acém*, *detém*, *deténs*, *entretém*, *entreténs*, *harém*, *haréns*, *porém*, *provém*, *provéns*, *também*;

d) As palavras oxítonas e os monossílabos tônicos com os ditongos abertos grafados *-éi*, *-éu* ou *-ói*, podendo estes dois últimos ser seguidos ou não de *-s*: *anéis*, *batéis*, *fiéis*, *papéis*; *céu(s)*, *chapéu(s)*, *ilhéu(s)*, *véu(s)*; *corrói* (de *corroer*), *herói(s)*, *remói* (de *remoer*), *sóis*.

2º) Acentuam-se com acento circunflexo:

a) As palavras oxítonas e os monossílabos tônicos terminados nas vogais tônicas fechadas que se grafam *-e* ou *-o*, seguidas ou não de *-s*: *cortês*, *dê*, *dês* (de *dar*), *lê*, *lês* (de *ler*), *português*, *você(s)*; *avô(s)*, *pôs* (de *pôr*), *robô(s)*;

b) As formas verbais oxítonas ou monossilábicas, quando conjugadas com os pronomes clíticos *-lo(s)* ou *-la(s)*, ficam

a terminar nas vogais tônicas fechadas que se grafam *-e* ou *-o*, após a assimilação e perda das consoantes finais grafadas *-r*, *-s* ou *-z*: *detê-lo(s)* (de *deter-lo(s)*), *fazê-la(s)* (de *fazer-la(s)*), *fê-lo(s)* (de *fez-lo(s)*), *vê-la(s)* (de *ver-la(s)*), *compô-la(s)* (de *compor-la(s)*), *repô-la(s)* (de *repor-la(s)*), *pô-la(s)* (de *por-la(s)*) ou *pôs-la(s)*.

3^o) Prescinde-se de acento gráfico para distinguir palavras oxítonas e monossílabos tônicos homógrafos, mas heterofônicos, do tipo de *cor* (*ô*), substantivo, e *cor* (*ó*), elemento da locução *de cor*; *colher* (*ê*), verbo, e *colher* (*é*), substantivo. Excetua-se a forma verbal *pôr*, para a distinguir da preposição *por*.

BASE IX

DA ACENTUAÇÃO GRÁFICA DAS PALAVRAS PAROXÍTONAS

1^o) As palavras paroxítonas não são em geral acentuadas graficamente: *enjoo*, *grave*, *homem*, *mesa*, *Tejo*, *vejo*, *velho*, *voo*; *avanço*, *floresta*; *abenço*, *angolano*, *brasileiro*; *descobrimento*, *graficamente*, *moçambicano*.

2^o) Recebem, no entanto, acento agudo:

a) As palavras paroxítonas que apresentam, na sílaba tônica, as vogais abertas grafadas *a*, *e*, *o* e ainda *i* ou *u* e que terminam em *-l*, *-n*, *-r*, *-x* e *-ps*, assim como, salvo raras exceções, as respectivas formas do plural, algumas das quais passam a proparoxítonas: *amável* (pl. *amáveis*), *Aníbal*, *dócil* (pl. *dóceis*), *dúctil* (pl. *dúcteis*), *fóssil* (pl. *fósseis*), *réptil* (pl. *répteis*; var. *reptil*, pl. *reptis*); *cármem* (pl. *cármenes* ou *carmens*; var. *carme*, pl. *carmes*); *dólmen* (pl. *dólmenes* ou *dolmens*), *éden* (pl. *édenes* ou *edens*), *líquen* (pl. *liquenes*), *lúmen* (pl. *lúmenes* ou *lumens*); *açúcar* (pl. *açúcares*), *almíscar* (pl. *almíscares*), *cadáver*

(pl. *cadáveres*), *caráter* ou *carácter* (mas pl. *carateres* ou *caracteres*), *ímpar* (pl. *ímpares*); *Ájax*, *córtex* (pl. *córtex*; var. *córtice*, pl. *córtices*), *índex* (pl. *índex*; var. *índice*, pl. *índices*), *tórax* (pl. *tórax* ou *tóraxes*; var. *torace*, pl. *toraces*); *bíceps* (pl. *bíceps*; var. *bicípite*, pl. *bicípites*), *fórceps* (pl. *fórceps*; var. *fórcepe*, pl. *fórcepes*).

Obs.: Muito poucas palavras deste tipo, com as vogais tônicas grafadas *e* e *o* em fim de sílaba, seguidas das consoantes nasais grafadas *m* e *n*, apresentam oscilação de timbre nas pronúncias cultas da língua e, por conseguinte, também de acento gráfico (agudo ou circunflexo): *sémen* e *sêmen*, *xénon* e *xênon*; *fêmur* e *fêmur*, *vómer* e *vômer*; *Fénix* e *Fênix*, *ónix* e *ônix*;

b) As palavras paroxítonas que apresentam, na sílaba tônica, as vogais abertas grafadas *a*, *e*, *o* e ainda *i* ou *u* e que terminam em *-ã(s)*, *-ão(s)*, *-ei(s)*, *-i(s)*, *-um*, *-uns* ou *-us*: *órfã* (pl. *órfãs*), *acórdão* (pl. *acórdãos*), *órfão* (pl. *órfãos*), *órgão* (pl. *órgãos*), *sótão* (pl. *sótãos*); *hóquei*, *jóquei* (pl. *jóqueis*), *amáveis* (pl. de *amável*), *fáceis* (pl. de *fácil*), *fósseis* (pl. de *fóssil*), *amáreis* (de *amar*), *amáveis* (id.), *cantarieis* (de *cantar*), *fizereis* (de *fazer*), *fizésseis* (id.); *beribéri* (pl. *beribéris*), *bílis* (sg. e pl.), *íris* (sg. e pl.), *júri* (pl. *júris*), *oásis* (sg. e pl.); *álbum* (pl. *álbuns*), *fórum* (pl. *fóruns*); *húmus* (sg. e pl.), *vírus* (sg. e pl.).

Obs.: Muito poucas paroxítonas deste tipo⁸, com as vogais tônicas grafadas *e* e *o* em fim de sílaba, seguidas das consoantes nasais grafadas *m* e *n*, apresentam oscilação de timbre nas pronúncias cultas da língua, o qual é assinalado com acento agudo, se aberto, ou circunflexo, se fechado: *pónei* e *pônei*; *gónis* e *gônis*, *pénis* e *pênis*, *ténis* e *tênis*; *bónus* e *bônus*, *ónus* e *ônus*, *tónus* e *tônus*, *Vénus* e *Vênus*.

3^o) Não se acentuam graficamente os ditongos representados por *ei* e *oi* da sílaba tônica das palavras paroxítonas,

⁸ **N. do A.:** O VOLP de 2009 inclui “na regra geral de acentuação os paroxítonos terminados em **-om**: *iândom*, *râdom* (variante de *rádon*)”.

dado que existe oscilação, em muitos casos, entre o fechamento e a abertura na sua articulação: *assembleia, boleia, ideia*, tal como *aldeia, baleia, cadeia, cheia, meia; coreico, epopeico, onomatopeico, proteico; alcaloide, apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (subst.), *Azoia, boia, boina, comboio* (subst.), tal como *comboio, comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito, estroina, heroico, introito, jiboia, moina, paranoico, zoína*.

4º) É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, do tipo *amámos, louvámos*, para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto, naquele caso, em certas variantes do português.

5º) Recebem acento circunflexo:

a) As palavras paroxítonas que contêm, na sílaba tônica, as vogais fechadas com a grafia *a, e, o* e que terminam em *-l, -n, -r* ou *-x*, assim como as respectivas formas do plural, algumas das quais se tornam proparoxítonas: *cônsul* (pl. *cônsules*), *pênsil* (pl. *pênséis*), *têxtil* (pl. *têxteis*); *cânon*, var. *cânone* (pl. *cânones*), *plâncton* (pl. *plânctons*); *Almodôvar, aljôfar* (pl. *aljôfares*), *âmbar* (pl. *âmbares*), *Câncer, Tânger; bômbax* (sg. e pl.), *bômbix*, var. *bômbice* (pl. *bômbices*);

b) As palavras paroxítonas que contêm, na sílaba tônica, as vogais fechadas com a grafia *a, e, o* e que terminam em *-ão(s), -eis, -i(s)* ou *-us*: *bênção(s), côvão(s), Estêvão, zângão(s)*⁹; *devêreis* (de *dever*), *escrevêseis* (de *escrever*), *fôreis* (de *ser* e *ir*), *fôsseis* (id.), *pênséis* (pl. de *pênsil*), *têxteis* (pl. de *têxtil*); *dândi(s), Mênfis; ânus*;

⁹ N. do A.: Variante *zângão* (pl. *zângãos, zângões*).

c) As formas verbais *têm* e *vêm*, 3^{as} pessoas do plural do presente do indicativo de *ter* e *vir*, que são foneticamente paroxítonas¹⁰ (respectivamente [‘táyɲāy], [‘váyɲāy] ou [‘têÿy], [‘vêÿy] ou ainda [‘têyɲÿy], [‘vêyɲÿy]; cf. as antigas grafias preteridas *têem*, *vêem*), a fim de se distinguirem de *tem* e *vem*, 3^{as} pessoas do singular do presente do indicativo ou 2^{as} pessoas do singular do imperativo; e também as correspondentes formas compostas, tais como: *abstêm* (cf. *abstém*), *advêm* (cf. *advém*), *contêm* (cf. *contém*), *convêm* (cf. *convém*), *desconvêm* (cf. *desconvém*), *detêm* (cf. *detém*), *entretêm* (cf. *entretém*), *intervêm* (cf. *intervém*), *mantêm* (cf. *mantém*), *obtêm* (cf. *obtém*), *provêm* (cf. *provém*), *sobrevêm* (cf. *sobrevém*).

Obs.: Também neste caso são preteridas as antigas grafias *detêem*, *intervêem*, *mantêem*, *provêem*, etc.

6^o) Assinalam-se com acento circunflexo:

a) Obrigatoriamente, *pôde* (3^a pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo), no que se distingue da correspondente forma do presente do indicativo (*pode*);

b) Facultativamente, *dêmos* (1^a pessoa do plural do presente do subjuntivo), para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo (*demos*); *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3^a pessoa do singular do presente do indicativo ou 2^a pessoa do singular do imperativo do verbo formar).

¹⁰ **N. do A.:** Essas terminações verbais, no Brasil, são pronunciadas como monossílabos e não se distinguem de seus homônimos da 3^a p. sg. A rigor, esse item do Acordo deveria fazer parte da Base VIII, pois graficamente NÃO HÁ paroxítonas em *têm*, *vêm* e seus derivados. A pronúncia padrão brasileira para esses verbos é [‘têy] e [‘vêy]. A Base VII, item 3^o (subitem b-ii), inclui a forma *têm* e diversos verbos derivados de *ter* e *vir* na lista dos casos de “ditongo representado por vogal seguida da consoante nasal *m*”.

7^ª) Prescinde-se de acento circunflexo nas formas verbais paroxítonas que contêm um *e* tônico oral fechado em hiato com a terminação *-em* da 3^a pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme os casos: *creem*, *deem* (subj.), *descreem*, *desdeem* (subj.), *leem*, *preveem*, *redeem* (subj.), *releem*, *reveem*, *tresleem*, *veem*.

8^ª) Prescinde-se igualmente do acento circunflexo para assinalar a vogal tônica fechada com a grafia *o* em palavras paroxítonas como *enjoó*, substantivo e flexão de *enjoar*, *povoo*, flexão de *povoar*, *voo*, substantivo e flexão de *voar*, etc.

9^ª) Prescinde-se, quer do acento agudo, quer do circunflexo, para distinguir palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de palavras proclíticas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico: *para* (*á*), flexão de *parar*, e *para*, preposição; *pela(s)* (*é*), substantivo e flexão de *pelar*, e *pela(s)*, combinação de *per* e *la(s)*; *pelo* (*é*), flexão de *pelar*, *pelo(s)* (*é*), substantivo ou combinação de *per* e *lo(s)*; *polo(s)* (*ó*), substantivo, e *polo(s)*, combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*; etc.

10^ª) Prescinde-se igualmente de acento gráfico para distinguir paroxítonas homógrafas heterofônicas do tipo de *acerto* (*ê*), substantivo, e *acerto* (*é*), flexão de *acertar*; *acordo* (*ô*), substantivo, e *acordo* (*ó*), flexão de *acordar*; *cerca* (*ê*), substantivo, advérbio e elemento da locução prepositiva *cerca de*, e *cerca* (*é*), flexão de *cercar*; *coro* (*ô*), substantivo, e *coro* (*ó*), flexão de *corar*; *deste* (*ê*), contração da preposição *de* com o demonstrativo *este*, e *deste* (*é*), flexão de *dar*; *fora* (*ô*), flexão de *ser* e *ir*, e *fora* (*ó*), advérbio, interjeição e substantivo; *piloto* (*ô*), substantivo, e *piloto* (*ó*), flexão de *pilotar*, etc.

BASE X**DA ACENTUAÇÃO DAS VOGAIS TÔNICAS GRAFADAS *I* E *U* DAS PALAVRAS OXÍTONAS E PAROXÍTONAS**

1º) As vogais tônicas grafadas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas levam acento agudo quando antecedidas de uma vogal com que não formam ditongo e desde que não constituam sílaba com a eventual consoante seguinte, excetuando o caso de *s*: *adaís* (pl. de *adail*), *aí*, *atrái* (de *atrair*), *baú*, *caís* (de *cair*), *Esauí*, *jacuí*, *Luis*, *país*, etc.; *alaúde*, *amiúde*, *Araújo*, *Ataíde*, *atráiam* (de *atrair*), *atráisse* (id.), *baía*, *balaústre*, *caféina*, *ciúme*, *egoísmo*, *faisca*, *fauilha*, *graúdo*, *influíste* (de *influir*), *juízes*, *Luísa*, *miúdo*, *paraíso*, *ratízes*, *recaída*, *ruína*, *sáida*, *sanduíche*, etc.

2º) As vogais tônicas grafadas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas não levam acento agudo quando, antecedidas de vogal com que não formam ditongo, constituem sílaba com a consoante seguinte, como é o caso de *nh*, *l*, *m*, *n*, *r* e *z*: *bainha*, *moinho*, *rainha*; *adail*, *paul*, *Raul*; *Aboim*, *Coimbra*, *ruim*; *ainda*, *constituínte*, *oriundo*, *ruins*, *triunfo*; *atrair*, *demiurgo*, *influir*, *influirmos*; *juiz*, *raiz*; etc.

3º) Em conformidade com as regras anteriores, leva acento agudo a vogal tônica grafada *i* das formas oxítonas terminadas em *r* dos verbos em *-air* e *-uir*, quando estas se combinam com as formas pronominais clíticas *-lo(s)*, *-la(s)*, que levam à assimilação e perda daquele *-r*: *atrái-lo(s)* (de *atrair-lo(s)*); *atrá-lo(s)-ia* (de *atrair-lo(s)-ia*); *possuí-la(s)* (de *possuir-la(s)*); *possuí-la(s)-ia* (de *possuir-la(s)-ia*).

4º) Prescinde-se do acento agudo nas vogais tônicas grafadas *i* e *u* das palavras paroxítonas, quando elas estão prece-

didadas de ditongo: *baiuca*, *boiuno*, *cauila* (var. *cauira*), *cheinho* (de *cheio*), *saiinha* (de *saia*).

5^o) Levam, porém, acento agudo as vogais tônicas grafadas *i* e *u* quando, precedidas de ditongo, pertencem a palavras oxítonas e estão em posição final ou seguidas de *s*: *Piauí*, *teíú*, *teíús*, *tuiuíú*, *tuiuíús*.

Obs.: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais dispensam o acento agudo: *cauim*.

6^o) Prescinde-se do acento agudo nos ditongos tônicos grafados *iu* e *ui*, quando precedidos de vogal: *distraiu*, *instruiu*, *pauis* (pl. de *paul*).

7^o) Os verbos *arguir* e *redarguir* prescindem do acento agudo na vogal tônica grafada *u* nas formas rizotônicas: *arguo*, *arguíis*, *arguí*, *arguem*; *argua*, *arguas*, *argua*, *arguam*. Os verbos do tipo de *aguar*, *apaniguar*, *apaziguar*, *apropinuar*, *averiguar*, *desaguar*, *enxaguar*, *obliquar*, *delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotônicas igualmente acentuadas no *u*, mas sem marca gráfica (a exemplo de *averiguo*, *averiguas*, *averigua*, *averiguam*; *averigue*, *averigues*, *averigue*, *averiguem*; *enxaguo*, *enxaguas*, *enxagua*, *enxaguam*; *enxague*, *enxagues*, *enxague*, *enxaguem*, etc.; *delinquo*, *delinquis*, *delinqui*, *delinquem*; mas *delinquimos*, *delinquis*) ou têm as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais (a exemplo de *averíguo*, *averíguas*, *averígua*, *averíguam*; *averígue*, *averígues*, *averígue*, *averíguem*; *enxáguo*, *enxáguas*, *enxágua*, *enxáguam*; *enxágue*, *enxágues*, *enxágue*, *enxáguem*; *delínquo*, *delínques*, *delínque*, *delínquem*; *delínqua*, *delínquas*, *delínqua*, *delínquam*).

Obs.: Em conexão com os casos acima referidos, registre-se que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*,

tingir, etc.) e os verbos em *-inguir* sem prolação do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.).

BASE XI

DA ACENTUAÇÃO GRÁFICA DAS PALAVRAS PROPÁROXÍTONAS

1ª) Levam acento agudo:

a) As palavras proparoxítonas que apresentam na sílaba tônica as vogais abertas grafadas *a*, *e*, *o* e ainda *i*, *u* ou ditongo oral começado por vogal aberta: *árabe*, *cáustico*, *Cleópatra*, *esquálido*, *exército*, *hidráulico*, *líquido*, *miope*, *músico*, *plástico*, *prosélito*, *público*, *rústico*, *tétrico*, *último*;

b) As chamadas proparoxítonas aparentes, isto é, que apresentam na sílaba tônica as vogais abertas grafadas *a*, *e*, *o* e ainda *i*, *u* ou ditongo oral começado por vogal aberta, e que terminam por sequências vocálicas pós-tônicas praticamente consideradas como ditongos crescentes (*-ea*, *-eo*, *-ia*, *-ie*, *-io*, *-oa*, *-ua*, *-uo*, etc.): *álea*, *náusea*; *etéreo*, *níveo*; *enciclopédia*, *glória*; *barbárie*, *série*; *lírio*, *prélio*; *mágoa*, *nódoa*; *exígua*, *língua*; *exíguo*, *vácuo*.

2ª) Levam acento circunflexo:

a) As palavras proparoxítonas que apresentam na sílaba tônica vogal fechada ou ditongo com a vogal básica fechada: *anacreôntico*, *brêtema*, *cânfora*, *cômputo*, *devêramos* (de *dever*), *dinâmico*, *êmbolo*, *excêntrico*, *fôssemos* (de *ser* e *ir*), *Grândola*, *hermenêutica*, *lâmpada*, *lôstrego*, *lôbrego*, *nêspêra*, *plêiade*, *sôfrego*, *sonâmbulo*, *trôpego*;

b) As chamadas proparoxítonas aparentes, isto é, que apresentam vogais fechadas na sílaba tônica, e terminam por

sequências vocálicas pós-tônicas praticamente consideradas como ditongos crescentes: *amêndoa*, *argênteo*, *côdea*, *Islândia*, *Mântua*, *serôdio*.

3º) Levam acento agudo ou acento circunflexo as palavras proparoxítonas, reais ou aparentes, cujas vogais tônicas grafadas *e* ou *o* estão em final de sílaba e são seguidas das consoantes nasais grafadas *m* ou *n*, conforme o seu timbre é, respectivamente, aberto ou fechado nas pronúncias cultas da língua: *académico/acadêmico*, *anatômico/anatômico*, *cénico/cênico*, *cómodo/cômodo*, *fenómeno/ fenômeno*, *género/gênero*, *topónimo/topônimo*; *Amazónia/Amazônia*, *António/Antônio*, *blasfémia/blasfêmia*, *fêmea/fêmea*, *gémeo/gêmeo*, *génio/gênio*, *ténuel/tênue*.

BASE XII

DO EMPREGO DO ACENTO GRAVE

1º) Emprega-se o acento grave:

a) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo ou pronome demonstrativo *a*: *à* (de *a+a*), *às* (de *a+as*);

b) Na contração da preposição *a* com os demonstrativos *aquela*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas* e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com os compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele(s)*, *àquela(s)*, *àquilo*; *àqueloutro(s)*, *àqueloutra(s)*.

BASE XIII

DA SUPRESSÃO DOS ACENTOS EM PALAVRAS DERIVADAS

1º) Nos advérbios em *-mente*, derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes são suprimidos: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *ingenuamente* (de *ingênuo*), *lucidamen-*

te (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*), *unicamente* (de *único*), etc.; *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *dinamicamente* (de *dinâmico*), *espontaneamente* (de *espontâneo*), *portuguesmente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2^ª) Nas palavras derivadas que contêm sufixos iniciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo, estes são suprimidos: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *chazeiro* (de *chá*), *heroizito* (de *herói*), *ilhezito* (de *ilhéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*), *vintenzito* (de *vintém*), etc.; *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

BASE XIV DO TREMA

O trema, sinal de diérese, é inteiramente suprimido em palavras portuguesas ou aportuguesadas. Nem sequer se emprega na poesia, mesmo que haja separação de duas vogais que normalmente formam ditongo: *saudade*, e não *saüdade*, ainda que tetrassílabo; *saudar*, e não *saüdar*, ainda que *trissílabo*; etc.

Em virtude desta supressão, abstrai-se de sinal especial, quer para distinguir, em sílaba átona, um *i* ou um *u* de uma vogal da sílaba anterior, quer para distinguir, também em sílaba átona, um *i* ou um *u* de um ditongo precedente, quer para distinguir, em sílaba tônica ou átona, o *u* de *gu* ou de *qu* de um *e* ou *i* seguintes: *arruinar*, *constituíria*, *depoimento*, *esmiuçar*, *faiscar*, *faulhar*, *oleicultura*, *paraibano*, *reunião*; *abaiucado*, *auiqui*, *caiuá*, *cauxi*, *piauiense*; *aguentar*, *anguiforme*, *arguir*, *bilíngue*, *lingueta*, *linguista*, *linguístico*; *cinquenta*, *equestre*, *frequentar*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Obs.: Conserva-se, no entanto, o trema, de acordo com a Base I, 3º, em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

BASE XV

DO HÍFEN EM COMPOSTOS, LOCUÇÕES E ENCADEAMENTOS VOCABULARES

1º) Emprega-se o hífen nas palavras compostas¹¹ por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio, podendo dar-se o caso de o primeiro elemento estar reduzido: *ano-luz*, *arcebispo-bispo*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *médico-cirurgião*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *turma-piloto*; *alcaide-mor*, *amor-perfeito*, *guarda-noturno*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *porto-alegrense*, *sul-africano*; *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *luso-brasileiro*, *primeiro-ministro*, *primeiro-sargento*, *primo-infeção*, *segunda-feira*; *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*.

Obs.: Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se aglutinadamente: *girassol*, *madressilva*, *mandachuva*, *pontapé*, *paraquedas*, *paraquedista*, etc.

2º) Emprega-se o hífen nos topônimos compostos, iniciados pelos adjetivos *grã*, *grão* ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo: *Grã-Bretanha*, *Grão-Pará*; *Abre-Campo*; *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Quebra-Dentes*,

¹¹ **N. do A.:** O *VOLP* de 2009 inclui nesta Base “os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica de formas onomatopéicas”, como nos casos de “*blá-blá-blá*, *reco-reco* e *trouxe-mouxe*”.

Traga-Mouros, Trinca-Fortes; Albergaria-a-Velha, Baía de Todos-os-Santos, Entre-os-Rios, Montemor-o-Novo, Trás-os-Montes.

Obs.: Os outros topônimos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta*, etc. O topônimo *Guiné-Bissau* é, contudo, uma exceção consagrada pelo uso.

3ª) Emprega-se o hífen nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina, couve-flor, erva-doce, feijão-verde; bênção-de-deus, erva-do-chá, ervilha-de-cheiro, fava-de-santo-inácio, bem-me-quer* (nome de planta que também se dá à *margarida* e ao *malmequer*); *andorinha-grande, cobra-capelo, formiga-branca; andorinha-do-mar, cobra-d'água, lesma-de-conchinha; bem-te-vi* (nome de um pássaro).

4ª) Emprega-se o hífen nos compostos com os advérbios *bem* e *mal*, quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica e tal elemento começa por vogal ou *h*. No entanto, o advérbio *bem*, ao contrário de *mal*, pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante¹². Eis alguns exemplos das várias situações: *bem-aventurado, bem-estar, bem-humorado; mal-afortunado, mal-estar, mal-humorado; bem-criado* (cf. *malcriado*), *bem-di-*

¹² **N. do A.:** O texto do Acordo não é explícito nesse ponto. No *VOLP* de 2009, as composições do advérbio *bem* com verbo são sempre hifenizadas, exceto nos casos de *bendizer* e *benquerer* (variantes de *bem-dizer* e *bem-querer*) e *benfazer* e *benquistar* (apenas sem hífen). Já as composições do advérbio *mal* só têm hífen quando o segundo radical começa por vogal, H ou L (*mal-apanhado, mal-entendido, mal-olhado, mal-humorado* e *mal-limpo*), exceto *mal-mal* (reiteração do advérbio). O substantivo *mal*, quando acompanhado de adjetivo (geralmente gentílico) para indicar nome de doença infecciosa, é sempre separado por hífen (*mal-americano, mal-caduco, mal-céltico, mal-francês, mal-germânico, mal-napolitano, mal-secreto, mal-triste, mal-turco*).

toso (cf. *malditoso*), *bem-falante* (cf. *malfalante*), *bem-mandado* (cf. *malmandado*), *bem-nascido* (cf. *malnascido*), *bem-soante* (cf. *malsoante*), *bem-visto* (cf. *malvisto*).

Obs.: Em muitos compostos, o advérbio *bem* aparece aglutinado com o segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte: *benfazejo*, *benfeito*, *benfeitor*, *benquerença*, etc.¹³

5º) Emprega-se o hífen nos compostos com os elementos *além*, *aquém*, *recém* e *sem*¹⁴: *além-Atlântico*, *além-mar*, *além-fronteiras*; *aquém-fiar*, *aquém-Pireneus*; *recém-casado*, *recém-nascido*; *sem-cerimônia*, *sem-número*, *sem-vergonha*.

6º) Nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, não se emprega em geral o hífen, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia*, *ao deus-dará*, *à queima-roupa*). Sirvam, pois, de exemplo de emprego sem hífen as seguintes locuções:

a) Substantivas: *cão de guarda*, *fim de semana*, *sala de jantar*;

b) Adjetivas: *cor de açafraão*, *cor de café com leite*, *cor de vinho*;

c) Pronominais: *cada um*, *ele próprio*, *nós mesmos*, *quem quer que seja*;

¹³ **N. do A.:** Os elementos *mal* e *bem* são descritos de modo ambíguo em nossas gramáticas e dicionários, às vezes como prefixos (caso de derivação), às vezes como radicais (caso de composição, por serem advérbios).

¹⁴ **N. do A.:** O texto do Acordo adota o critério de dizer que o elemento *sem* (homônimo da preposição portuguesa *sem*, originária da preposição latina *sine*) atua na composição. Chamado de elemento (e não de prefixo), *sem* está ao lado dos advérbios *além-*, *aquém-* e *recém-*, indicados também de forma contraditória nos dicionários e gramáticas (como prefixos e como elementos de composição). Cabe repetir, porém, que, para os portugueses, prefixação é composição; para os brasileiros, é derivação.

d) Adverbiais: *à parte* (note-se o substantivo *aparte*), *à vontade*, *de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; note-se *demais*, advérbio, conjunção, etc.), *depois de amanhã*, *em cima*, *por isso*;

e) Prepositivas: *abaixo de*, *acerca de*, *acima de*, *a fim de*, *a par de*, *à parte de*, *apesar de*, *aquando de*, *debaixo de*, *enquanto a*, *por baixo de*, *por cima de*, *quanto a*;

f) Conjuncionais: *a fim de que*, *ao passo que*, *contanto que*, *logo que*, *por conseguinte*, *visto que*.

7º) Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando, não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares (tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique*), e bem assim nas combinações históricas ou ocasionais de topônimos (tipo: *Áustria-Hungria*, *Alsácia-Lorena*, *Angola-Brasil*, *Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.).

BASE XVI

DO HÍFEN NAS FORMAÇÕES POR PREFIXAÇÃO, RECOMPOSIÇÃO E SUFIXAÇÃO

1º) Nas formações com prefixos (como, por exemplo: *ante-*, *anti-*, *circum-*, *co-*, *contra-*, *entre-*, *extra-*, *hiper-*, *infra-*, *intra-*, *pós-*, *pré-*, *pró-*, *sobre-*, *sub-*, *super-*, *supra-*, *ultra-*, etc.) e em formações por recomposição, isto é, com elementos não autônomos ou falsos prefixos, de origem grega e latina (tais como: *aero-*, *agro-*, *arqui-*, *auto-*, *bio-*, *eletro-*, *geo-*, *hidro-*, *inter-*, *macro-*, *maxi-*, *micro-*, *mini-*, *multi-*, *neo-*, *pan-*, *pluri-*, *proto-*, *pseudo-*, *retro-*, *semi-*, *tele-*, etc.), só se emprega o hífen nos seguintes casos:

a) Nas formações em que o segundo elemento começa por *h*: *anti-higiênico*, *circum-hospitalar*, *co-herdeiro*¹⁵, *contra-harmônico*, *extra-humano*, *pré-história*, *sub-hepático*, *super-homem*, *ultra-hiperbólico*; *arqui-hipérbole*, *eletro-higrômetro*, *geo-história*, *neo-helênico*, *pan-helenismo*, *semi-hospitalar*.

Obs.: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos *des-* e *in-* e nas quais o segundo elemento perdeu o *h* inicial: *desumano*, *desumidificar*, *inábil*, *inumano*, etc.;

b) Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento: *anti-ibérico*, *contra-almirante*, *infra-axilar*, *supra-auricular*; *arqui-irmandade*, *auto-observação*, *eletro-ótica*, *micro-onda*, *semi-interno*.

Obs.: Nas formações com o prefixo *co-*, este aglutina-se em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por *o*: *coobrigação*, *coocupante*, *coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, etc.;

c) Nas formações com os prefixos *circum-* e *pan-*¹⁶, quando o segundo elemento começa por vogal, *m* ou *n* (além de *h*, caso já considerado atrás na alínea a): *circum-escolar*, *circum-murado*, *circum-navegação*; *pan-africano*, *pan-mágico*, *pan-negritude*;

d) Nas formações com os prefixos *hiper-*, *inter-* e *super-*, quando combinados com elementos iniciados por *r*: *hiper-requintado*, *inter-resistente*, *super-revista*.

¹⁵ **N. do A.:** O VOLP de 2009 optou por acrescentar também o prefixo *a-*, não citado no Acordo. Mas preferiu desconsiderar o emprego do hífen com o prefixo *co-*, julgando haver duplicidade de critério, “por também poder ser incluído no caso 2º, letra b, da Base II”, e determinando que “*co-herdeiro* passará a *coerdeiro*”.

¹⁶ **N. do A.:** O texto do Acordo emprega aqui, para os elementos *circum-* e *pan-*, o tratamento genérico de “prefixo”. No entanto, no item 1º desta Base, apenas *circum-* está identificado como prefixo (*pan-* aparece na lista dos “elementos não autônomos ou falsos prefixos”). O mesmo se vê na alínea d), onde *inter-* é dado como prefixo, diferentemente do que consta do item 1º.

e) Nas formações com os prefixos *ex-* (com o sentido de estado anterior ou cessamento), *sota-*, *soto-*, *vice-* e *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-hospedeira*, *ex-presidente*, *ex-primeiro-ministro*, *ex-rei*; *sota-piloto*, *soto-mestre*, *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*;

f) Nas formações com os prefixos tônicos acentuados graficamente *pós-*, *pré-* e *pró-*, quando o segundo elemento tem vida à parte (ao contrário do que acontece com as correspondentes formas átonas que se aglutinam com o elemento seguinte) *pós-graduação*, *pós-tônico* (mas *pospor*); *pré-escolar*, *pré-natal* (mas *prever*); *pró-africano*, *pró-europeu* (mas *promover*).

2^o) Não se emprega, pois, o hífen:

a) Nas formações em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por *r* ou *s*, devendo estas consoantes duplicar-se, prática, aliás, já generalizada em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico. Assim: *antirreligioso*, *antisemita*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *extrarregular*, *infrassom*, *minissaia*, tal como *borrismo*, *biossatélite*, *eletrossiderurgia*, *microsistema*, *microrradiografia*;

b) Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente, prática esta em geral já adotada também para os termos técnicos e científicos. Assim: *antiaéreo*, *coeducação*, *extraescolar*, *aeroespacial*, *autoestrada*, *autoaprendizagem*, *agroindustrial*, *hidroelétrico*, *plurianual*.

3^o) Nas formações por sufixação apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos¹⁷ de origem tupi-

¹⁷ **N. do A.:** Os elementos *-açu*, *-guaçu* e *-mirim* não são sufixos, mas radicais de origem tupi. É assim que aparecem identificados, por exemplo, nos dicionários

-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu*, *-guaçu* e *-mirim*, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu*, *anajá-mirim*, *andá-açu*, *capim-açu*, *Ceará-Mirim*.

BASE XVII

DO HÍFEN NA ÊNCLISE, NA TMESE E COM O VERBO HAVER

1º) Emprega-se o hífen na ênclise e na tmesse: *amá-lo*, *dá-se*, *deixa-o*, *partir-lhe*; *amá-lo-ei*, *enviar-lhe-emos*.

2º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de*, *hás de*, *hão de*, etc.

Obs.:

1. Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, em vez de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s)*, *requere-o(s)*. Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas.

2. Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me*, *ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo*, *vo-las*, quando em próclise (por ex.: *esperamos que no-lo comprem*).

Houaiss e Aurélio. Nas listas de sufixos de nossas principais gramáticas, esses três morfemas sequer são mencionados. O mesmo equívoco figurava no texto do Formulário Ortográfico de 1943 (item XIV, obs. 5ª, 4º caso).

BASE XVIII DO APÓSTROFO

1^o) São os seguintes os casos de emprego do apóstrofo:

a) Faz-se uso do apóstrofo para cindir graficamente uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respectiva pertence propriamente a um conjunto vocabular distinto: *d'Os Lusíadas*, *d'Os Sertões*; *n'Os Lusíadas*, *n'Os Sertões*; *pel'Os Lusíadas*, *pel'Os Sertões*. Nada obsta, contudo, a que estas escritas sejam substituídas por empregos de preposições íntegras, se o exigir razão especial de clareza, expressividade ou ênfase: *de Os Lusíadas*, *em Os Lusíadas*, *por Os Lusíadas*, etc.

As cisões indicadas são análogas às dissoluções gráficas que se fazem, embora sem emprego do apóstrofo, em combinações da preposição *a* com palavras pertencentes a conjuntos vocabulares imediatos: *a A Relíquia*, *a Os Lusíadas* (exemplos: importância atribuída *a A Relíquia*; recorro *a Os Lusíadas*). Em tais casos, como é óbvio, entende-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a A* = *à*, *a Os* = *aos*, etc.;

b) Pode cindir-se por meio do apóstrofo uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respectiva é forma pronominal e se lhe quer dar realce com o uso de maiúscula: *d'Ele*, *n'Ele*, *d'Aquele*, *n'Aquele*, *d'O*, *n'O*, *pel'O*, *m'O*, *t'O*, *lh'O*, casos em que a segunda parte, forma masculina, é aplicável a *Deus*, a *Jesus*, etc.; *d'Ela*, *n'Ela*, *d'Aquela*, *n'Aquela*, *d'A*, *n'A*, *pel'A*, *tu'A*, *t'A*, *lh'A*, casos em que a segunda parte, forma feminina, é aplicável à mãe de *Jesus*, à Providência, etc. Exemplos frásicos: confiamos *n'O* que nos salvou; esse milagre revelou-*m'O*; está *n'Ela* a nossa esperança; pugnemos *pel'A* que é nossa padroeira.

À semelhança das cisões indicadas, pode dissolver-se graficamente, posto que sem uso do apóstrofo, uma combinação da preposição *a* com uma forma pronominal realçada pela maiúscula: *a O*, *a Aquele*, *a Aquela* (entendendo-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a O* = *ao*, *a Aquela* = *àquela*, etc.). Exemplos frásicos: *a O* que tudo pode; *a Aquela* que nos protege;

c) Emprega-se o apóstrofo nas ligações das formas *santo* e *santa* a nomes do hagiolégio, quando importa representar a elisão das vogais finais *o* e *a*: *Sant'Ana*, *Sant'Iago*, etc. É, pois, correto escrever: *Calçada de Sant'Ana*. *Rua de Sant'Ana*; *culto de Sant'Iago*, *Ordem de Sant'Iago*. Mas, se as ligações deste gênero, como é o caso destas mesmas *Sant'Ana* e *Sant'Iago*, se tornam perfeitas unidades mórficas, aglutinam-se os dois elementos: *Fulano de Santana*, *ilhéu de Santana*, *Santana de Parnaíba*; *Fulano de Santiago*, *ilha de Santiago*, *Santiago do Cacém*. Em paralelo com a grafia *Sant'Ana* e congêneres, emprega-se também o apóstrofo nas ligações de duas formas antroponímicas, quando é necessário indicar que na primeira se elide um *o* final: *Nun'Álvares*, *Pedr'Eanes*.

Note-se que nos casos referidos as escritas com apóstrofo, indicativas de elisão, não impedem, de modo algum, as escritas sem apóstrofo: *Santa Ana*, *Nuno Álvares*, *Pedro Álvares*, etc.;

d) Emprega-se o apóstrofo para assinalar, no interior de certos compostos, a elisão do *e* da preposição *de*, em combinação com substantivos: *borda-d'água*, *cobra-d'água*, *copo-d'água*, *estrela-d'alva*, *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água*, *pau-d'alho*, *pau-d'arco*, *pau-d'óleo*.

2º) São os seguintes os casos em que não se usa o apóstrofo:

Não é admissível o uso do apóstrofo nas combinações das preposições *de* e *em* com as formas do artigo definido, com formas pronominais diversas e com formas adverbiais

(excetuado o que se estabelece nas alíneas 1^o) a) e 1^o) b)). Tais combinações são representadas:

a) Por uma só forma vocabular, se constituem, de modo fixo, uniões perfeitas:

i – *do, da, dos, das; dele, dela, deles, delas; deste, desta, destes, destas, disto; desse, dessa, desses, dessas, disso; daquele, daquela, daqueles, daquelas, daquilo; destoutro, destoutra, destoutros, destoutras; dessoutro, dessoutra, dessoutros, dessoutras; daqueloutro, daqueloutra, daqueloutros, daqueloutras; daqui; daí; dali; dacolá; donde; dantes (= antigamente);*

ii – *no, na, nos, nas; nele, nela, neles, nelas; neste, nesta, nestes, nestas, nisto; nesse, nessa, nesses, nessas, nisso; naquele, naquela, naqueles, naquelas, naquilo; nestoutro, nestoutra, nestoutros, nestoutras; nessoutro, nessoutra, nessoutros, nessoutras; naqueloutro, naqueloutra, naqueloutros, naqueloutras; num, numa, nuns, numas; noutro, noutra, noutros, noutras, noutrem; nalgum, nalguma, nalguns, nalgumas, nalgúem;*

b) Por uma ou duas formas vocabulares, se não constituem, de modo fixo, uniões perfeitas (apesar de serem correntes com esta feição em algumas pronúncias): *de um, de uma, de uns, de umas, ou dum, duma, duns, dumas; de algum, de alguma, de alguns, de algumas, de alguém, de algo, de algures, de alhures, ou dalgum, dalguma, dalguns, dalgumas, dalguém, dalgo, dalgures, dalhures; de outro, de outra, de outros, de outras, de outrem, de outrora, ou doutro, doutra, doutros, doutras, doutrem, doutrora; de alguém ou daquém; de além ou dalém; de entre ou dentre.*

De acordo com os exemplos deste último tipo, tanto se admite o uso da locução adverbial *de ora avante* como do advérbio que representa a contração dos seus três elementos: *doravante*.

Obs.: Quando a preposição *de* se combina com as formas articulares ou pronominais *o, a, os, as*, ou com quaisquer

pronomes ou advérbios começados por vogal, mas acontece estarem essas palavras integradas em construções de infinitivo¹⁸, não se emprega o apóstrofo, nem se funde a preposição com a forma imediata, escrevendo-se estas duas separadamente: *a fim de ele compreender; apesar de o não ter visto; em virtude de os nossos pais serem bondosos; o fato de o conhecer; por causa de aqui estares.*

BASE XIX

DAS MINÚSCULAS E MAIÚSCULAS

1º) A letra minúscula inicial é usada:

a) Ordinariamente, em todos os vocábulos da língua nos usos correntes;

b) Nos nomes dos dias, meses, estações do ano: segunda-feira; outubro; primavera;

c) Nos bibliônimos (após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos, podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo): *O senhor do Paço de Ninães* ou *O Senhor do paço de Ninães*, *Menino de Engenho* ou *Menino de engenho*, *Árvore e Tambor* ou *Árvore e tambor*;

d) Nos usos de *fulano, sicrano, beltrano*;

e) Nos pontos cardeais (mas não nas suas abreviaturas): *norte, sul* (mas: *SW sudoeste*);

f) Nos axiônimos e hagiônimos (opcionalmente, neste caso, também com maiúscula): *senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o Cardeal Bembo; santa Filomena* (ou *Santa Filomena*);

¹⁸ **N. do A.:** Ao referir-se a “construções de infinitivo”, o texto do Acordo exorbita de suas funções, pois legisla sobre uma questão sintática, qual seja a que trata do emprego da preposição DE antes de sujeito de infinitivo (cf. “em virtude de os nossos pais serem bondosos”).

g) Nos nomes que designam domínios do saber, cursos e disciplinas (opcionalmente, também com maiúscula): *português* (ou *Português*), *matemática* (ou *Matemática*); *línguas e literaturas modernas* (ou *Línguas e Literaturas Modernas*).

2º) A letra maiúscula inicial é usada:

a) Nos antropônimos, reais ou fictícios: *Pedro Marques*; *Branca de Neve*, *D. Quixote*;

b) Nos topônimos, reais ou fictícios: *Lisboa*, *Luanda*, *Maputo*, *Rio de Janeiro*; *Atlântida*, *Hespéria*;

c) Nos nomes de seres antropomorfizados ou mitológicos: *Adamastor*; *Netuno*;

d) Nos nomes que designam instituições: *Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social*;

e) Nos nomes de festas e festividades: *Natal*, *Páscoa*, *Ramadão*, *Todos os Santos*;

f) Nos títulos de periódicos, que retêm o itálico: *O Primeiro de Janeiro*, *O Estado de São Paulo* (ou *S. Paulo*);

g) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente: *Nordeste*, por nordeste do Brasil, *Norte*, por norte de Portugal, *Meio-Dia*, pelo sul da França ou de outros países, *Ocidente*, por ocidente europeu, *Oriente*, por oriente asiático;

h) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: *FAO*, *NATO*, *ONU*; *H₂O*, *Sr.*, *V. Ex.^a*;

i) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: (*rua* ou *Rua da Liberdade*, *largo* ou *Largo dos Leões*), de templos (*igreja* ou *Igreja do Bonfim*, *templo* ou *Templo do Apostolado Positivista*), de

edifícios (*palácio* ou *Palácio da Cultura*, *edifício* ou *Edifício Azevedo Cunha*).

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, providas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica, etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

BASE XX DA DIVISÃO SILÁBICA

A divisão silábica, que em regra se faz pela soletração (*a-ba-de*, *bru-ma*, *ca-cho*, *lha-no*, *ma-lha*, *ma-nha*, *má-xi-mo*, *ó-xi-do*, *ro-xo*, *tme-se*), e na qual, por isso, se não tem de atender aos elementos constitutivos dos vocábulos segundo a etimologia (*a-ba-li-e-nar*, *bi-sa-vó*, *de-sa-pa-re-cer*, *di-sú-ri-co*, *e-xâ-ni-me*, *hi-pe-ra-cús-ti-co*, *i-ná-bil*, *o-bo-val*, *su-bo-cu-lar*, *su-pe-rá-ci-do*), obedece a vários preceitos particulares, que rigorosamente cumpre seguir, quando se tem de fazer em fim de linha, mediante o emprego do hífen, a partição de uma palavra:

1^a) São indivisíveis no interior de palavra, tal como inicialmente, e formam, portanto, sílaba para a frente as sucessões de duas consoantes que constituem perfeitos grupos, ou sejam (com exceção apenas de vários compostos cujos prefixos terminam em *b* ou *d*: *ab-legação*, *ad-ligar*, *sub-lunar*, etc., em vez de *a-blegação*, *a-dligar*, *su-blunar*, etc.) aquelas sucessões em que a primeira consoante é uma labial, uma velar, uma dental ou uma labiodental e a segunda um *l* ou um *r*: *a-blução*, *cele-brar*, *du-plicação*, *re-primir*; *a-clamar*, *de-creto*, *de-glutição*, *re-grado*; *a-tlético*, *cáte-dra*, *períme-tro*; *a-fluir*, *a-fricano*, *ne-vrose*;

2º) São divisíveis no interior da palavra as sucessões de duas consoantes que não constituem propriamente grupos e igualmente as sucessões de *m* ou *n*, com valor de nasalidade, e uma consoante: *ab-dicar*, *Ed-gardo*, *op-tar*, *sub-por*, *ab-soluto*, *ad-jetivo*, *af-ta*, *bet-samita*, *íp-silon*, *ob-viar*; *des-cer*, *dis-ciplina*, *flores-cer*, *nas-cer*, *res-cisão*; *ac-ne*, *ad-mirável*, *Daf-ne*, *diafrag-ma*, *drac-ma*, *ét-nico*, *rit-mo*, *sub-meter*, *am-nésico*, *interam-nense*; *bir-reme*, *cor-roer*, *pror-rogar*; *as-segurar*, *bis-secular*, *sos-segar*; *bissex-to*, *contex-to*, *ex-citar*, *atroz-mente*, *capaz-mente*, *infeliz-mente*; *am-biçãõ*, *desen-ganar*, *en-xame*, *man-chu*, *Mân-lio*, etc.;

3º) As sucessões de mais de duas consoantes ou de *m* ou *n*, com o valor de nasalidade, e duas ou mais consoantes são divisíveis por um de dois meios: se nelas entra um dos grupos que são indivisíveis (de acordo com o preceito 1º), esse grupo forma sílaba para adiante, ficando a consoante ou consoantes que o precedem ligadas à sílaba anterior; se nelas não entra nenhum desses grupos, a divisão dá-se sempre antes da última consoante. Exemplos dos dois casos: *cam-braia*, *ec-tlipse*, *em-blema*, *ex-plicar*, *in-cluir*, *ins-crição*, *subs-crever*, *trans-gredir*; *abs-tenção*, *disp-neia*, *inters-telar*, *lamb-dacismo*, *sols-ticial*, *Terp-sícore*, *tungs-tênio*;

4º) As vogais consecutivas que não pertencem a ditongos decrescentes (as que pertencem a ditongos deste tipo nunca se separam: *ai-roso*, *cadêi-ra*, *insti-tui*, *ora-ção*, *sacris-tães*, *traves-sões*) podem, se a primeira delas não é *u* precedido de *g* ou *q*, e mesmo que sejam iguais, separar-se na escrita: *ala-úde*, *áre-as*, *co-apeba*, *co-ordenar*, *do-er*, *flu-idez*, *perdo-as*, *vo-os*. O mesmo se aplica aos casos de contiguidade de ditongos, iguais ou diferentes, ou de ditongos e vogais: *cai-ais*, *cat-eis*, *ensai-os*, *flu-iu*;

5^o) Os digramas *gu* e *qu*, em que o *u* se não pronuncia, nunca se separam da vogal ou ditongo imediato (*ne-gue*, *ne-guei*; *pe-que*, *pe-quei*), do mesmo modo que as combinações *gu* e *qu* em que o *u* se pronuncia: *á-gua*, *ambí-guo*, *averi-gueis*; *longín-quos*, *lo-quaz*, *quais-quer*;

6^o) Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata: *ex- -alferes*, *serená- -los-emos* ou *serená-los- -emos*, *vice- -almirante*.

BASE XXI

DAS ASSINATURAS E FIRMAS

Para ressalva de direitos, cada qual poderá manter a escrita que, por costume ou registro legal, adote na assinatura do seu nome.

Com o mesmo fim, pode manter-se a grafia original de quaisquer firmas comerciais, nomes de sociedades, marcas e títulos que estejam inscritos em registro público.

3.1.2. ANEXO II (Nota Explicativa)

NOTA EXPLICATIVA DO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA (1990)

1. Memória breve dos acordos ortográficos

A existência de duas ortografias oficiais da língua portuguesa, a lusitana e a brasileira, tem sido considerada como

largamente prejudicial para a unidade intercontinental do português e para o seu prestígio no Mundo.

Tal situação remonta, como é sabido, a 1911, ano em que foi adotada em Portugal a primeira grande reforma ortográfica, mas que não foi extensiva ao Brasil.

Por iniciativa da Academia Brasileira de Letras, em consonância com a Academia das Ciências de Lisboa, com o objetivo de se minimizarem os inconvenientes desta situação, foi aprovado em 1931 o primeiro acordo ortográfico entre Portugal e o Brasil. Todavia, por razões que não importa agora mencionar, este acordo não produziu, afinal, a tão desejada unificação dos dois sistemas ortográficos, fato que levou mais tarde à Convenção Ortográfica de 1943. Perante as divergências persistentes nos Vocabulários entretanto publicados pelas duas Academias, que punham em evidência os poucos resultados práticos do Acordo de 1943, realizou-se, em 1945, em Lisboa, novo encontro entre representantes daquelas duas agremiações, o qual conduziu à chamada Convenção Ortográfica Luso-Brasileira de 1945. Mais uma vez, porém, este Acordo não produziu os almejados efeitos, já que ele foi adotado em Portugal, mas não no Brasil.

Em 1971, no Brasil, e em 1973, em Portugal, foram promulgadas leis que reduziram substancialmente as divergências ortográficas entre os dois países. Apesar destas louváveis iniciativas, continuavam a persistir, porém, divergências sérias entre os dois sistemas ortográficos.

No sentido de as reduzir, a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras elaboraram em 1975 um novo projeto de acordo que não foi, no entanto, aprovado oficialmente por razões de ordem política, sobretudo vigentes em Portugal.

E é neste contexto que surge o encontro do Rio de Janeiro, em maio de 1986, e no qual se encontram, pela pri-

meira vez na história da língua portuguesa, representantes não apenas de Portugal e do Brasil, mas também dos cinco novos países africanos lusófonos entretanto emergidos da descolonização portuguesa.

O Acordo Ortográfico de 1986, conseguido na reunião do Rio de Janeiro, ficou, porém, inviabilizado pela reação polémica contra ele movida sobretudo em Portugal.

2. Razões do fracasso dos acordos ortográficos

Perante o fracasso sucessivo dos acordos ortográficos entre Portugal e o Brasil, abrangendo o de 1986 também os países lusófonos de África, importa refletir seriamente sobre as razões de tal malogro.

Analisando sucintamente o conteúdo dos Acordos de 1945 e de 1986, a conclusão que se colhe é a de que eles visavam impor uma unificação ortográfica absoluta.

Em termos quantitativos e com base em estudos desenvolvidos pela Academia das Ciências de Lisboa, com base num *corpus* de cerca de 110.000 palavras, conclui-se que o Acordo de 1986 conseguia a unificação ortográfica em cerca de 99,5% do vocabulário geral da língua. Mas conseguia-a sobretudo à custa da simplificação drástica do sistema de acentuação gráfica, pela supressão dos acentos nas palavras proparoxítonas e paroxítonas, o que não foi bem aceite por uma parte substancial da opinião pública portuguesa.

Também o Acordo de 1945 propunha uma unificação ortográfica absoluta que rondava os 100% do vocabulário geral da língua. Mas tal unificação assentava em dois princípios que se revelaram inaceitáveis para os brasileiros:

a) Conservação das chamadas consoantes mudas ou não articuladas, o que correspondia a uma verdadeira restauração destas consoantes no Brasil, uma vez que elas tinham há muito sido abolidas;

b) Resolução das divergências de acentuação das vogais tônicas *e* e *o*, seguidas das consoantes nasais *m* e *n*, das palavras proparoxítonas (ou esdrúxulas) no sentido da prática portuguesa, que consistia em as grafar com acento agudo e não circunflexo, conforme a prática brasileira.

Assim se procurava, pois, resolver a divergência de acentuação gráfica de palavras como *António* e *Antônio*, *cómodo* e *cômodo*, *género* e *gênero*, *oxigénio* e *oxigênio*, etc., em favor da generalização da acentuação com o diacrítico agudo. Esta solução estipulava, contra toda a tradição ortográfica portuguesa, que o acento agudo, nestes casos, apenas assinalava a tonicidade da vogal e não o seu timbre, visando assim resolver as diferenças de pronúncia daquelas mesmas vogais.

A inviabilização prática de tais soluções leva-nos à conclusão de que não é possível unificar por via administrativa divergências que assentam em claras diferenças de pronúncia, um dos critérios, aliás, em que se baseia o sistema ortográfico da língua portuguesa.

Nestas condições, há que procurar uma versão de unificação ortográfica que acautele mais o futuro do que o passado e que não receie sacrificar a simplificação também pretendida em 1986, em favor da máxima unidade possível. Com a emergência de cinco novos países lusófonos, os fatores de desagregação da unidade essencial da língua portuguesa far-se-ão sentir com mais acuidade e também no domínio ortográfico. Neste sentido importa, pois, consagrar uma versão de unificação ortográfica que fixe e delimite as diferenças atualmente existentes e previna contra a desagregação ortográfica da língua portuguesa.

Foi, pois, tendo presentes estes objetivos que se fixou o novo texto de unificação ortográfica, o qual representa uma versão menos forte do que as que foram conseguidas em 1945

e 1986. Mas ainda assim suficientemente forte para unificar ortograficamente cerca de 98% do vocabulário geral da língua.

3. Forma e substância do novo texto

O novo texto de unificação ortográfica agora proposto contém alterações de forma (ou estrutura) e de conteúdo, relativamente aos anteriores. Pode dizer-se, simplificando, que em termos de estrutura se aproxima mais do Acordo de 1986, mas que em termos de conteúdo adota uma posição mais conforme com o projeto de 1975, atrás referido.

Em relação às alterações de conteúdo, elas afetam sobretudo o caso das consoantes mudas ou não articuladas, o sistema de acentuação gráfica, especialmente das esdrúxulas, e a hifenação.

Pode dizer-se ainda que, no que respeita às alterações de conteúdo, de entre os princípios em que assenta a ortografia portuguesa se privilegiou o critério fonético (ou da pronúncia) com um certo detrimento para o critério etimológico.

É o critério da pronúncia que determina, aliás, a supressão gráfica das consoantes mudas ou não articuladas, que se têm conservado na ortografia lusitana essencialmente por razões de ordem etimológica.

É também o critério da pronúncia que nos leva a manter um certo número de grafias duplas do tipo de *caráter* e *carácter*, *facto* e *fato*, *suntuoso* e *sumptuoso*, etc.

É ainda o critério da pronúncia que conduz à manutenção da dupla acentuação gráfica do tipo de *económico* e *econômico*, *efêmero* e *efêmero*, *género* e *gênero*, *génio* e *gênio*, ou de *bónus* e *bônus*, *sémen* e *sêmen*, *ténis* e *tênis*, ou ainda de *bebé* e *bebê*, ou *metro* e *metrô*, etc.

Explicitam-se em seguida as principais alterações introduzidas no novo texto de unificação ortográfica, assim como a respectiva justificação.

4. Conservação ou supressão das consoantes *c*, *p*, *b*, *g*, *m* e *t* em certas sequências consonânticas (Base IV)

4.1. Estado da questão

Como é sabido, uma das principais dificuldades na unificação da ortografia da língua portuguesa reside na solução a adotar para a grafia das consoantes *c* e *p*, em certas sequências consonânticas interiores, já que existem fortes divergências na sua articulação.

Assim, umas vezes, estas consoantes são invariavelmente proferidas em todo o espaço geográfico da língua portuguesa, conforme sucede em casos como *compacto*, *ficção*, *pacto*; *adep-to*, *aptidão*, *núpcias*; etc.

Neste caso, não existe qualquer problema ortográfico, já que tais consoantes não podem deixar de grafar-se (v. Base IV, 1^o, a)).

Noutros casos, porém, dá-se a situação inversa da anterior, ou seja, tais consoantes não são proferidas em nenhuma pronúncia culta da língua, como acontece em *acção*, *afectivo*, *direcção*; *adopção*, *exacto*, *ótimo*; etc. Neste caso existe um problema. É que na norma gráfica brasileira há muito estas consoantes foram abolidas, ao contrário do que sucede na norma gráfica lusitana, em que tais consoantes se conservam. A solução que agora se adota (v. Base IV, 1^o, b)) é a de as suprimir, por uma questão de coerência e de uniformização de critérios (vejam-se as razões de tal supressão adiante, em 4.2).

As palavras afetadas por tal supressão representam 0,54% do vocabulário geral da língua, o que é pouco significativo em termos quantitativos (pouco mais de 600 palavras em cerca de 110.000). Este número é, no entanto, qualitativamente importante, já que compreende vocábulos de uso muito frequente (como, por exemplo, *acção*, *actor*, *actual*, *colecção*,

colectivo, correcção, direcção, director, electricidade, factor, factura, inspector, lectivo, óptimo, etc.).

O terceiro caso que se verifica relativamente às consoantes *c* e *p* diz respeito à oscilação de pronúncia, a qual ocorre umas vezes no interior da mesma norma culta (cf., por exemplo, *cacto* ou *cato*, *dicção* ou *dição*, *sector* ou *setor*, etc.), outras vezes entre normas cultas distintas (cf., por exemplo, *facto*, *recepção* em Portugal, mas *fato*, *recepção* no Brasil).

A solução que se propõe para estes casos, no novo texto ortográfico, consagra a dupla grafia (v. Base IV, 1^o, c)).

A estes casos de grafia dupla devem acrescentar-se as poucas variantes do tipo de *súbdito* e *súdito*, *subtil* e *sutil*, *amígdala* e *amídala*, *amnístia* e *anístia*, *aritmética* e *arimética*, nas quais a oscilação da pronúncia se verifica quanto às consoantes *b*, *g*, *m* e *t* (v. Base IV, 2^o).

O número de palavras abrangidas pela dupla grafia é de cerca de 0,5% do vocabulário geral da língua, o que é pouco significativo (ou seja, pouco mais de 575 palavras em cerca de 110.000), embora nele se incluam também alguns vocábulos de uso muito frequente.

4.2. Justificação da supressão de consoantes não articuladas (Base IV, 1^o, b))

As razões que levaram à supressão das consoantes mudas ou não articuladas em palavras como *ação* (*acção*), *ativo* (*activo*), *director* (*director*), *ótimo* (*óptimo*) foram essencialmente as seguintes:

a) O argumento de que a manutenção de tais consoantes se justifica por motivos de ordem etimológica, permitindo assinalar melhor a similaridade com as palavras congêneres das outras línguas românicas, não tem consistência. Por um lado, várias consoantes etimológicas se foram perdendo na evolução das palavras ao longo da história da língua portuguesa. Vários

são, por outro lado, os exemplos de palavras deste tipo pertencentes a diferentes línguas românicas que, embora provenientes do mesmo étimo latino, revelam incongruências quanto à conservação ou não das referidas consoantes.

É o caso, por exemplo, da palavra *objecto*, proveniente do latim *objectu-*, que até agora conservava o *c*, ao contrário do que sucede em francês (cf. *objet*) ou em espanhol (cf. *objeto*). Do mesmo modo *projecto* (de *projectu-*) mantinha até agora a grafia com *c*, tal como acontece em espanhol (cf. *proyecto*), mas não em francês (cf. *projet*). Nestes casos o italiano dobra a consoante, por assimilação (cf. *oggetto* e *progetto*). A palavra *vitória* há muito se grafa sem *c*, apesar do espanhol *victoria*, do francês *victoire* ou do italiano *vittoria*. Muitos outros exemplos se poderiam citar. Aliás, não tem qualquer consistência a ideia de que a similaridade do português com as outras línguas românicas passa pela manutenção de consoantes etimológicas do tipo mencionado. Confrontem-se, por exemplo, formas como as seguintes: port. *acidente* (do lat. *accidente-*), esp. *accidente*, fr. *accident*, it. *accidente*; port. *dicionário* (do lat. *dictionariu-*), esp. *diccionario*, fr. *dictionnaire*, it. *dizionario*; port. *dictar* (do lat. *dictare*), esp. *dictar*, fr. *dicter*, it. *dettare*; port. *estrutura* (de *structura-*), esp. *estructura*, fr. *structure*, it. *struttura*; etc.

Em conclusão, as divergências entre as línguas românicas, neste domínio, são evidentes, o que não impede, aliás, o imediato reconhecimento da similaridade entre tais formas. Tais divergências levantam dificuldades à memorização da norma gráfica, na aprendizagem destas línguas, mas não é com certeza a manutenção de consoantes não articuladas em português que vai facilitar aquela tarefa;

b) A justificação de que as ditas consoantes mudas travam o fechamento da vogal precedente também é de fraco valor, já que, por um lado, se mantêm na língua palavras com vogal pré-tônica aberta, sem a presença de qualquer sinal dia-

crítico, como em *corar, padeiro, oblação, pregar* (= fazer uma prédica), etc., e, por outro, a conservação de tais consoantes não impede a tendência para o ensurdecimento da vogal anterior em casos como *accionar, actual, actualidade, exactidão, tactear*, etc.;

c) É indiscutível que a supressão deste tipo de consoantes vem facilitar a aprendizagem da grafia das palavras em que elas ocorriam.

De fato, como é que uma criança de 6-7 anos pode compreender que em palavras como *concepção, excepção, recepção*, a consoante não articulada é um *p*, ao passo que em vocábulos como *correção, direcção, objecção*, tal consoante é um *c*?

Só à custa de um enorme esforço de memorização que poderá ser vantajosamente canalizado para outras áreas da aprendizagem da língua;

d) A divergência de grafias existente neste domínio entre a norma lusitana, que teimosamente conserva consoantes que não se articulam em todo o domínio geográfico da língua portuguesa, e a norma brasileira, que há muito suprimiu tais consoantes, é incompreensível para os lusitanistas estrangeiros, nomeadamente para professores e estudantes de português, já que lhes cria dificuldades suplementares, nomeadamente na consulta dos dicionários, uma vez que as palavras em causa vêm em lugares diferentes da ordem alfabética, conforme apresentam ou não a consoante muda;

e) Uma outra razão, esta de natureza psicológica, embora nem por isso menos importante, consiste na convicção de que não haverá unificação ortográfica da língua portuguesa se tal disparidade não for resolvida;

f) Tal disparidade ortográfica só se pode resolver suprimindo da escrita as consoantes não articuladas, por uma questão de coerência, já que a pronúncia as ignora, e não tentando

impor a sua grafia àqueles que há muito as não escrevem, justamente por elas não se pronunciarem.

4.3. Incongruências aparentes

A aplicação do princípio, baseado no critério da pronúncia, de que as consoantes *c* e *p* em certas sequências consonânticas se suprimem, quando não articuladas, conduz a algumas incongruências aparentes, conforme sucede em palavras como *apocalítico* ou *Egito* (sem *p*, já que este não se pronuncia), a par de *apocalipse* ou *egípcio* (visto que aqui o *p* se articula), *noturno* (sem *c*, por este ser mudo), ao lado de *noctívago* (com *c*, por este se pronunciar), etc.

Tal incongruência é apenas aparente. De fato, baseando-se a conservação ou supressão daquelas consoantes no critério da pronúncia, o que não faria sentido era mantê-las, em certos casos, por razões de parentesco lexical. Se se abrisse tal exceção, o utente, ao ter que escrever determinada palavra, teria que recordar previamente, para não cometer erros, se não haveria outros vocábulos da mesma família que se escrevessem com este tipo de consoante.

Aliás, divergências ortográficas do mesmo tipo das que agora se propõem foram já aceites nas bases de 1945 (v. Base VI, último parágrafo), que consagraram grafias como *assunção* ao lado de *assumptivo*, *cativo* a par de *captor* e *captura*, *dicionário*, mas *dicção*, etc. A razão então aduzida foi a de que tais palavras entraram e se fixaram na língua em condições diferentes. A justificação da grafia com base na pronúncia é tão nobre como aquela razão.

4.4. Casos de dupla grafia (Base IV, 1º, c) e d), e 2º)

Sendo a pronúncia um dos critérios em que assenta a ortografia da língua portuguesa, é inevitável que se aceitem grafias duplas naqueles casos em que existem divergências de

articulação quanto às referidas consoantes *c* e *p* e ainda em outros casos de menor significado. Torna-se, porém, praticamente impossível enunciar uma regra clara e abrangente dos casos em que há oscilação entre o emudecimento e a prolação daquelas consoantes, já que todas as sequências consonânticas enunciadas, qualquer que seja a vogal precedente, admitem as duas alternativas: *cacto* e *cato*, *caracteres* e *carateres*, *dicção* e *dição*, *facto* e *fato*, *sector* e *setor*; *ceptro* e *etro*; *concepção* e *conceção*, *recepção* e *receção*; *assumpção* e *assunção*, *peremptório* e *perentório*, *sumptuoso* e *suntuoso*; etc.

De um modo geral pode dizer-se que, nestes casos, o emudecimento da consoante (exceto em *dicção*, *facto*, *sumptuoso* e poucos mais) se verifica, sobretudo, em Portugal e nos países africanos, enquanto no Brasil há oscilação entre a prolação e o emudecimento da mesma consoante.

Também os outros casos de dupla grafia (já mencionados em 4.1), do tipo de *súbdito* e *súdito*, *subtil* e *sutil*, *amígdala* e *amídala*, *omnisciente* e *onisciente*, *aritmética* e *arimética*, muito menos relevantes em termos quantitativos do que os anteriores, se verificam sobretudo no Brasil.

Trata-se, afinal, de formas divergentes, isto é, do mesmo étimo. As palavras sem consoante mais antigas e introduzidas na língua por via popular foram já usadas em Portugal e encontram-se nomeadamente em escritores dos séculos XVI e XVII.

Os dicionários da língua portuguesa, que passarão a registrar as duas formas em todos os casos de dupla grafia, esclarecerão, tanto quanto possível, sobre o alcance geográfico e social desta oscilação de pronúncia.

5. Sistema de acentuação gráfica (Bases VIII a XIII)

5.1. Análise geral da questão

O sistema de acentuação gráfica do português atualmente em vigor, extremamente complexo e minucioso, remonta essencialmente à Reforma Ortográfica de 1911.

Tal sistema não se limita, em geral, a assinalar apenas a tonicidade das vogais sobre as quais recaem os acentos gráficos, mas distingue também o timbre destas.

Tendo em conta as diferenças de pronúncia entre o português europeu e o do Brasil, era natural que surgissem divergências de acentuação gráfica entre as duas realizações da língua.

Tais divergências têm sido um obstáculo à unificação ortográfica do português.

É certo que em 1971, no Brasil, e em 1973, em Portugal, foram dados alguns passos significativos no sentido da unificação da acentuação gráfica, como se disse atrás. Mas, mesmo assim, subsistem divergências importantes neste domínio, sobretudo no que respeita à acentuação das paroxítonas.

Não tendo tido viabilidade prática a solução fixada na Convenção Ortográfica de 1945, conforme já foi referido, duas soluções eram possíveis para se procurar resolver esta questão.

Uma era conservar a dupla acentuação gráfica, o que constituía sempre um espinho contra a unificação da ortografia.

Outra era abolir os acentos gráficos, solução adotada em 1986, no Encontro do Rio de Janeiro.

Esta solução, já preconizada no I Simpósio Luso-Brasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea, realizado em 1967 em Coimbra, tinha sobretudo a justificá-la o fato de a língua oral preceder a língua escrita, o que leva muitos utentes a não empregarem na prática os acentos gráficos, visto

que não os consideram indispensáveis à leitura e compreensão dos textos escritos.

A abolição dos acentos gráficos nas palavras proparoxítonas e paroxítonas preconizada no Acordo de 1986, foi, porém, contestada por uma larga parte da opinião pública portuguesa, sobretudo por tal medida ir contra a tradição ortográfica e não tanto por estar contra a prática ortográfica.

A questão da acentuação gráfica tinha, pois, de ser repensada.

Neste sentido, desenvolveram-se alguns estudos e fizeram-se vários levantamentos estatísticos com o objetivo de se delimitarem melhor e quantificarem com precisão as divergências existentes nesta matéria.

5.2. Casos de dupla acentuação

5.2.1. Nas proparoxítonas (Base XI)

Verificou-se assim que as divergências, no que respeita às proparoxítonas, se circunscrevem praticamente, como já foi destacado atrás, ao caso das vogais tônicas *e* e *o*, seguidas das consoantes nasais *m* e *n*, com as quais aquelas não formam sílaba (v. Base XI, 3º).

Estas vogais soam abertas em Portugal e nos países africanos, recebendo, por isso, acento agudo, mas são do timbre fechado em grande parte do Brasil, grafando-se por conseguinte com acento circunflexo: *académico* / *acadêmico*, *cómodo* / *cômodo*, *efêmero* / *efêmero*, *fenómeno* / *fenômeno*, *gênio* / *gênio*, *tônico* / *tônico*, etc.

Existe uma ou outra exceção a esta regra, como, por exemplo, *cômoros* e *sêmola*, mas estes casos não são significativos.

Costuma, por vezes, referir-se que o *a* tônico das proparoxítonas, quando seguido de *m* ou *n* com que não forma sílaba, também está sujeito à referida divergência de acentuação

gráfica. Mas tal não acontece, porém, já que o seu timbre soa praticamente sempre fechado nas pronúncias cultas da língua, recebendo, por isso, acento circunflexo: *âmago*, *âximo*, *botânico*, *câmara*, *dinâmico*, *gerânio*, *pânico*, *pirâmide*.

As únicas exceções a este princípio são os nomes próprios de origem grega *Dánae* / *Dânae* e *Dánao* / *Dânao*.

Note-se que se as vogais *e* e *o*, assim como *a*, formam sílaba com as consoantes *m* ou *n*, o seu timbre é sempre fechado em qualquer pronúncia culta da língua, recebendo, por isso, acento circunflexo: *êmbolo*, *amêndoa*, *argênteo*, *excêntrico*, *têmpera*; *anacreôntico*, *cômputo*, *recôndito*; *cânfora*, *Grândola*, *Islândia*, *lâmpada*, *sonâmbulo*, etc.

5.2.2. Nas paroxítonas (Base IX)

Também nos casos especiais de acentuação das paroxítonas ou graves (v. Base IX, 2º), algumas palavras que contêm as vogais tônicas *e* e *o* em final de sílaba, seguidas das consoantes nasais *m* e *n*, apresentam oscilação de timbre nas pronúncias cultas da língua.

Tais palavras são assinaladas com acento agudo, se o timbre da vogal tônica é aberto, ou com acento circunflexo, se o timbre é fechado: *fémur* ou *fêmur*, *Fénix* ou *Fênix*, *ónix* ou *ônix*, *sémen* ou *sêmen*, *xénon* ou *xênon*; *bónus* ou *bônus*, *ónus* ou *ônus*, *pónei* ou *pônei*, *ténis* ou *tênis*, *Vénus* ou *Vênus*; etc. No total, estes são pouco mais de uma dúzia de casos.

5.2.3. Nas oxítonas (Base VIII)

Encontramos igualmente nas oxítonas (v. Base VIII, 1º a), obs.) algumas divergências de timbre em palavras terminadas em *e* tônico, sobretudo provenientes do francês. Se esta vogal tônica soa aberta, recebe acento agudo; se soa fechada, grafa-se com acento circunflexo. Também aqui os exemplos pouco ultrapassam as duas dezenas: *bebé* ou *bebê*, *caratê* ou

caratê, croché ou crochè, guiché ou guichê, matiné ou matinê, puré ou purê; etc. Existe também um caso ou outro de oxítonas terminadas em *o* ora aberto ora fechado, como sucede em *cocó* ou *cocô*, *ró* ou *rô*.

A par de casos como este há formas oxítonas terminadas em *o* fechado, às quais se opõem variantes paroxítonas, como acontece em *judô* e *judo*, *metrô* e *metro*, mas tais casos são muito raros.

5.2.4. Avaliação estatística dos casos de dupla acentuação gráfica

Tendo em conta o levantamento estatístico que se fez na Academia das Ciências de Lisboa, com base no já referido *corpus* de cerca de 110.000 palavras do vocabulário geral da língua, verificou-se que os citados casos de dupla acentuação gráfica abrangiam aproximadamente 1,27% (cerca de 1.400 palavras). Considerando que tais casos se encontram perfeitamente delimitados, como se referiu atrás, sendo assim possível enunciar a regra de aplicação, optou-se por fixar a dupla acentuação gráfica como a solução menos onerosa para a unificação ortográfica da língua portuguesa.

5.3. Razões da manutenção dos acentos gráficos nas proparoxítonas e paroxítonas

Resolvida a questão dos casos de dupla acentuação gráfica, como se disse atrás, já não tinha relevância o principal motivo que levou em 1986 a abolir os acentos nas palavras proparoxítonas e paroxítonas.

Em favor da manutenção dos acentos gráficos nestes casos, ponderaram-se, pois, essencialmente as seguintes razões:

a) Pouca representatividade (cerca de 1,27%) dos casos de dupla acentuação;

b) Eventual influência da língua escrita sobre a língua oral, com a possibilidade de, sem acentos gráficos, se intensificar a tendência para a paroxítonia, ou seja, deslocação do acento tônico da antepenúltima para a penúltima sílaba, lugar mais frequente de colocação do acento tônico em português;

c) Dificuldade em apreender corretamente a pronúncia de termos de âmbito técnico e científico, muitas vezes adquiridos através da língua escrita (leitura);

d) Dificuldades causadas, com a abolição dos acentos, à aprendizagem da língua, sobretudo quando esta se faz em condições precárias, como no caso dos países africanos, ou em situação de autoaprendizagem;

e) Alargamento, com a abolição dos acentos gráficos, dos casos de homografia, do tipo de *análise* (s.) / *analise* (v.), *fábrica* (s.) / *fabrica* (v.), *secretária* (s.) / *secretaria* (s. ou v.), *vária* (s.) / *varia* (v.), etc., casos que, apesar de dirimíveis pelo contexto sintático, levantariam por vezes algumas dúvidas e constituiriam sempre problema para o tratamento informatizado do léxico;

f) Dificuldade em determinar as regras de colocação do acento tônico em função da estrutura mórfica da palavra. Assim, as proparoxítonas, segundo os resultados estatísticos obtidos da análise de um *corpus* de 25.000 palavras, constituem 12%. Destes 12%, cerca de 30% são falsas esdrúxulas (cf. *gênio*, *água*, etc.). Dos 70% restantes, que são as verdadeiras proparoxítonas (cf. *cômodo*, *gênero*, etc.), aproximadamente 29% são palavras que terminam em *-ico* / *-ica* (cf. *ártico*, *econômico*, *módico*, *prático*, etc.). Os restantes 41% de verdadeiras esdrúxulas distribuem-se por cerca de 200 terminações diferentes, em geral de caráter erudito (cf. *espírito*, *inclito*, *púlpito*; *filólogo*; *filósofo*; *esôfago*; *epíteto*; *pássaro*; *pêsames*; *facílimo*; *lindíssimo*; *parêntesis*; etc.).

5.4. Supressão de acentos gráficos em certas palavras oxítonas e paroxítonas (Bases VIII, IX e X)

5.4.1. Em casos de homografia (Bases VIII, 3º, e IX, 9º e 10º)

O novo texto ortográfico estabelece que deixem de se acentuar graficamente palavras do tipo de *para* (*â*), flexão de *parar*, *pele* (*ê*), substantivo, *pele* (*é*), flexão de *pelar*, etc., as quais são homógrafas, respectivamente, das proclíticas *para*, preposição, *pele*, contração de *per* e *lo*, etc.

As razões por que se suprime, nestes casos, o acento gráfico são as seguintes:

a) Em primeiro lugar, por coerência com a abolição do acento gráfico já consagrada pelo Acordo de 1945, em Portugal, e pela Lei nº 5.765, de 18 de dezembro de 1971, no Brasil, em casos semelhantes, como, por exemplo: *acerto* (*ê*), substantivo, e *acerto* (*é*), flexão de *acertar*; *acordo* (*ô*), substantivo, e *acordo* (*ó*), flexão de *acordar*; *cor* (*ô*), substantivo, e *cor* (*ó*), elemento da locução *de cor*; *sede* (*ê*) e *sede* (*é*), ambos substantivos; etc.;

b) Em segundo lugar, porque, tratando-se de pares cujos elementos pertencem a classes gramaticais diferentes, o contexto sintático permite distinguir claramente tais homógrafas.

5.4.2. Em paroxítonas com os ditongos *ei* e *oi* na sílaba tônica (Base IX, 3º)

O novo texto ortográfico propõe que não se acentuem graficamente os ditongos *ei* e *oi* tônicos das palavras paroxítonas. Assim, palavras como *assembleia*, *boleia*, *ideia*, que na norma gráfica brasileira se escrevem com acento agudo, por o ditongo soar aberto, passarão a escrever-se sem acento, tal como *aldeia*, *baleia*, *cheia*, etc.

Do mesmo modo, palavras como *comboio*, *dezoito*, *estroi-na*, etc., em que o timbre do ditongo oscila entre a abertura e o fe-

chamento, oscilação que se traduz na facultatividade do emprego do acento agudo no Brasil, passarão a grafar-se sem acento.

A generalização da supressão do acento nestes casos justifica-se não apenas por permitir eliminar uma diferença entre a prática ortográfica brasileira e a lusitana, mas ainda pelas seguintes razões:

a) Tal supressão é coerente com a já consagrada eliminação do acento em casos de homografia heterofônica (v. Base IX, 10º, e, neste texto atrás, 5.4.1), como sucede, por exemplo, em *acerto*, substantivo, e *acerto*, flexão de *acertar*, *acordo*, substantivo, e *acordo*, flexão de *acordar*, *fora*, flexão de *ser* e *ir*, e *fora*, advérbio, etc.;

b) No sistema ortográfico português não se assinala, em geral, o timbre das vogais tônicas *a*, *e* e *o* das palavras paroxítonas, já que a língua portuguesa se caracteriza pela sua tendência para a paroxítonia. O sistema ortográfico não admite, pois, a distinção entre, por exemplo: *cada* (*â*) e *fada* (*á*), *para* (*â*) e *tara* (*á*); *espelho* (*ê*) e *velho* (*ê*), *janela* (*ê*) e *janelo* (*ê*), *escrevera* (*ê*), flexão de *escrever*, e *Primavera* (*ê*); *moda* (*ó*) e *toda* (*ô*), *virtuosa* (*ô*) e *virtuoso* (*ô*); etc.

Então, se não se torna necessário, nestes casos, distinguir pelo acento gráfico o timbre da vogal tônica, por que se há de usar o diacrítico para assinalar a abertura dos ditongos *ei* e *oi* nas paroxítonas, tendo em conta que o seu timbre nem sempre é uniforme e a presença do acento constituiria um elemento perturbador da unificação ortográfica?

5.4.3. Em paroxítonas do tipo de *abençoo*, *enjo*, *voo*, etc. (Base IX, 8º)

Por razões semelhantes às anteriores, o novo texto ortográfico consagra também a abolição do acento circunflexo, vigente no Brasil, em palavras paroxítonas como *abençoo*, flexão de *abençoar*, *enjo*, substantivo e flexão de *enjoar*, *moo*,

flexão de *moer*, *povoou*, flexão de *povoar*, *voou*, substantivo e flexão de *voar*, etc.

O uso do acento circunflexo não tem aqui qualquer razão de ser, já que ele ocorre em palavras paroxítonas cuja vogal tônica apresenta a mesma pronúncia em todo o domínio da língua portuguesa. Além de não ter, pois, qualquer vantagem nem justificação, constitui um fator que perturba a unificação do sistema ortográfico.

5.4.4. Em formas verbais com *u* e *ui* tônicos, precedidos de *g* e *q* (Base X, 7^o)

Não há justificação para se acentuarem graficamente palavras como *apazigue*, *arguem*, etc., já que estas formas verbais são paroxítonas e a vogal *u* é sempre articulada, qualquer que seja a flexão do verbo respectivo.

No caso de formas verbais como *argui*, *delinquis*, etc., também não há justificação para o acento, pois se trata de oxítonas terminadas no ditongo tônico *ui*, que como tal nunca é acentuado graficamente.

Tais formas só serão acentuadas se a sequência *ui* não formar ditongo e a vogal tônica for *i*, como, por exemplo, *arguí*¹⁹ (1^a pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo).

¹⁹ **N. do A.:** Ao referir-se a uma sequência *ui* que não forma ditongo com a vogal tônica *i*, o texto da Nota Explicativa do Acordo novamente exorbita de suas funções, pois determina uma mudança na pronúncia do verbo *arguir* (e, por extensão, de *redarguir*). Esses verbos tinham trema porque o *u* era pronunciado e formava ditongo crescente com a vogal seguinte (como em todos os casos de emprego de trema na convenção anterior). A possibilidade de pronúncia como hiato (em *arguir*, mas não em *redarguir*) ficava no campo fonético, sem repercussão ortográfica. Teria sido mais recomendável alegar que (eu) *arguí* ou *redarguí* passam a receber o acento agudo para se distinguirem de (ele) *argui* ou *redargui*, palavras que têm o *u* tônico. Outra opção teria sido conservar o acento no *u* de *argúi* ou *redargúi*, como diferenciais.

6. Emprego do hífen (Bases XV a XVII)

6.1. Estado da questão

No que respeita ao emprego do hífen, não há propriamente divergências assumidas entre a norma ortográfica lusitana e a brasileira. Ao compulsarmos, porém, os dicionários portugueses e brasileiros e ao lermos, por exemplo, jornais e revistas, deparam-se-nos muitas oscilações e um largo número de formações vocabulares com grafia dupla, ou seja, com hífen e sem hífen, o que aumenta desmesurada e desnecessariamente as entradas lexicais dos dicionários. Estas oscilações verificam-se sobretudo nas formações por prefixação e na chamada recomposição, ou seja, em formações com pseudoprefixos de origem grega ou latina.

Eis alguns exemplos de tais oscilações: *ante-rosto* e *anterrosto*, *co-educação* e *coeducação*, *pré-frontal* e *prefrontal*, *sobre-saia* e *sobressaia*, *sobre-saltar* e *sobressaltar*, *aero-espacial* e *aeroespacial*, *auto-aprendizagem* e *autoaprendizagem*, *agro-industrial* e *agroindustrial*, *agro-pecuária* e *agropecuária*, *alvéolo-dental* e *alveolodental*, *bolbo-raquidiano* e *bolborraquidiano*, *geo-história* e *geoistória*, *micro-onda* e *microonda*; etc.

Estas oscilações são, sem dúvida, devidas a uma certa ambiguidade e falta de sistematização das regras que sobre esta matéria foram consagradas no texto de 1945. Tornava-se, pois, necessário reformular tais regras de modo mais claro, sistemático e simples. Foi o que se tentou fazer em 1986.

A simplificação e redução operadas nessa altura, nem sempre bem compreendidas, provocaram igualmente polémica na opinião pública portuguesa, não tanto por uma ou outra incongruência resultante da aplicação das novas regras, mas sobretudo por alterarem bastante a prática ortográfica neste domínio.

A posição que agora se adota, muito embora tenha tido em conta as críticas fundamentadas ao texto de 1986, resulta, sobretudo, do estudo do uso do hífen nos dicionários portugueses e brasileiros, assim como em jornais e revistas.

6.2. O hífen nos compostos (Base XV)

Sintetizando, pode dizer-se que, quanto ao emprego do hífen nos compostos, locuções e encadeamentos vocabulares, se mantém o que foi estatuído em 1945, apenas se reformulando as regras de modo mais claro, sucinto e simples.

De fato, neste domínio não se verificam praticamente divergências nem nos dicionários nem na imprensa escrita.

6.3. O hífen nas formas derivadas (Base XVI)

Quanto ao emprego do hífen nas formações por prefixação e também por recomposição, isto é, nas formações com pseudoprefixos de origem grega ou latina, apresenta-se alguma inovação. Assim, algumas regras são formuladas em termos contextuais, como sucede nos seguintes casos:

a) Emprega-se o hífen quando o segundo elemento da formação começa por *h* ou pela mesma vogal ou consoante com que termina o prefixo ou pseudoprefixo (por exemplo: *anti-higiênico*, *contra-almirante*, *hiper-resistente*);

b) Emprega-se o hífen quando o prefixo ou falso prefixo termina em *m* e o segundo elemento começa por vogal, *m* ou *n* (por exemplo: *circum-murado*, *pan-africano*).

As restantes regras são formuladas em termos de unidades lexicais, como acontece com oito delas (*ex-*, *sota-* e *soto-*, *vice-* e *vizo-*; *pós-*, *pré-* e *pró-*).

Noutros casos, porém, uniformiza-se o não emprego do hífen, do modo seguinte:

a) Nos casos em que o prefixo ou o pseudoprefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por *r* ou *s*, estas

consoantes dobram-se, como já acontece com os termos técnicos e científicos (por exemplo: *antirreligioso*, *microsistema*);

b) Nos casos em que o prefixo ou o pseudoprefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente daquela, as duas formas aglutinam-se, sem hífen, como já sucede igualmente no vocabulário científico e técnico (por exemplo: *antiaéreo*, *aeroespacial*).

6.4. O hífen na ênclise e tmese (Base XVII)

Quanto ao emprego do hífen na ênclise e na tmese mantêm-se as regras de 1945, exceto no caso das formas *hei de*, *hás de*, *há de*, etc., em que passa a suprimir-se o hífen. Nestas formas verbais o uso do hífen não tem justificação, já que a preposição *de* funciona ali como mero elemento de ligação ao infinitivo com que se forma a perífrase verbal (cf. *hei de ler*, etc.), na qual *de* é mais proclítica do que apoclítica.

7. Outras alterações de conteúdo

7.1. Inserção do alfabeto (Base I)

Uma inovação que o novo texto de unificação ortográfica apresenta, logo na Base I, é a inclusão do alfabeto, acompanhado das designações que usualmente são dadas às diferentes letras. No alfabeto português passam a incluir-se também as letras *k*, *w* e *y*, pelas seguintes razões:

a) Os dicionários da língua já registram estas letras, pois existe um razoável número de palavras do léxico português iniciado por elas;

b) Na aprendizagem do alfabeto é necessário fixar qual a ordem que aquelas letras ocupam;

c) Nos países africanos de língua oficial portuguesa existem muitas palavras que se escrevem com aquelas letras.

Apesar da inclusão no alfabeto das letras *k*, *w* e *y*, mantiveram-se, no entanto, as regras já fixadas anteriormente, quanto ao seu uso restritivo, pois existem outros grafemas com o mesmo valor fônico daquelas. Se, de fato, se abolisse o uso restritivo daquelas letras, introduzir-se-ia no sistema ortográfico do português mais um fator de perturbação, ou seja, a possibilidade de representar, indiscriminadamente, por aquelas letras fonemas que já são transcritos por outras.

7.2. Abolição do trema (Base XIV)

No Brasil, só com a Lei nº 5.765, de 18 de dezembro de 1971, o emprego de trema foi largamente restringido, ficando apenas reservado às sequências *gu* e *qu* seguidas de *e* ou *i*, nas quais o *u* se pronuncia (cf. *aguentar*, *arguente*, *eloquente*, *equestre*, etc.).

O novo texto ortográfico propõe a supressão completa do trema, já acolhida, aliás, no Acordo de 1986, embora não figurasse explicitamente nas respectivas bases. A única ressalva, neste aspecto, diz respeito a palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros com trema (cf. mülleriano, de Müller, etc.).

Generalizar a supressão do trema é eliminar mais um fator que perturba a unificação da ortografia portuguesa.

8. Estrutura e ortografia do novo texto

Na organização do novo texto de unificação ortográfica optou-se por conservar o modelo de estrutura já adotado em 1986. Assim, houve a preocupação de reunir, numa mesma base, matéria afim, dispersa por diferentes bases de textos anteriores, donde resultou a redução destas a 21.

Através de um título sucinto, que antecede cada base, dá-se conta do conteúdo nela consagrado. Dentro de cada

base adotou-se um sistema de numeração (tradicional) que permite uma melhor e mais clara arrumação da matéria aí contida.

3.2. PRIMEIRO PROTOCOLO MODIFICATIVO AO ACORDO (1998)

Considerando que até à presente data o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em dezembro de 1990, ainda não foi ratificado por todas as partes contratantes;

Que o referido texto original do Acordo estabelecia, em seu artigo 3, que o referido Acordo entraria em vigor no dia 1º de janeiro de 1994, após o depósito dos instrumentos de ratificação de todos os Estados junto ao Governo da República Portuguesa;

Que o artigo 2º do Acordo, por sua vez, previa a elaboração, até 1º de janeiro de 1993, de um vocabulário ortográfico comum da língua portuguesa, referente às terminologias científicas e técnicas;

Decidem as partes dar a seguinte nova redação aos dois citados artigos:

Artigo 2º – Os Estados signatários tomarão, através das instituições e órgãos competentes, as providências necessárias com vista à elaboração de um vocabulário ortográfico comum da língua portuguesa, tão completo quanto desejável e tão normalizador quanto possível, no que se refere às terminologias científicas e técnicas.

Artigo 3º – O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa entrará em vigor após depositados os instrumentos de ratificação de todos os Estados junto do Governo da República Portuguesa.

Feito na Praia, em 17 de julho de 1998.

Pelo Governo da República de Angola

Pelo Governo da República Federativa do Brasil

Pelo Governo da República de Cabo Verde

Pelo Governo da República da Guiné-Bissau

Pelo Governo da República de Moçambique

Pelo Governo da República Portuguesa

Pelo Governo da República Democrática de São Tomé
e Príncipe

3.3. SEGUNDO PROTOCOLO MODIFICATIVO AO ACORDO (2004)

Considerando que, até à presente data, o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, a 16 de dezembro de 1990, ainda não pôde entrar em vigor por não ter sido ratificado por todas as partes contratantes;

Tendo em conta que, desde a IV Conferência de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), ocorrida em Brasília a 31 de julho e 1 de agosto de 2002, se adotou a prática, nos Acordos da CPLP, de estipular a entrada em vigor com o depósito do terceiro instrumento de ratificação;

Recordando que, em 2002, por ocasião da IV Conferência de Chefes de Estado e de Governo, a República Democrática de Timor-Leste aderiu à CPLP, tornando-se o oitavo membro da Comunidade;

Evocando a recomendação dos Ministros da Educação da CPLP que, reunidos, em Fortaleza, a 26 de maio de 2004, na V Reunião de Ministros da Educação, reiteraram ser o Acordo Ortográfico um dos fundamentos da Comunidade e decidiram elevar, à consideração da V Conferência de Chefes de Estado e de Governo da CPLP, a proposta de se aprovar o Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que, além de permitir a adesão de Timor-Leste, define a entrada em vigor do Acordo com o depósito dos instrumentos de ratificação por três países signatários;

DECIDEM as partes:

1. Dar a seguinte nova redação ao Artigo 3 do Acordo Ortográfico:

Artigo 3º – O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa entrará em vigor com o terceiro depósito de instrumento de ratificação junto da República Portuguesa.

2. Acrescentar o seguinte artigo ao Acordo Ortográfico:

Artigo 5º – O presente Acordo estará aberto à adesão da República Democrática de Timor-Leste.

3. Estabelecer que o presente Protocolo Modificativo entrará em vigor no primeiro dia do mês seguinte à data em que três Estados membros da CPLP tenham depositado, junto da República Portuguesa, os respectivos instrumentos de ratificação ou documentos equivalentes que os vinculem ao Protocolo.

Feito e assinado em São Tomé, a 25 de julho de 2004.

Pelo Governo da República de Angola

Pelo Governo da República Federativa do Brasil

Pelo Governo da República de Cabo Verde

Pelo Governo da República da Guiné-Bissau

Pelo Governo da República de Moçambique

Pelo Governo da República Portuguesa

Pelo Governo da República Democrática de São Tomé

e Príncipe

3.4. VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO COMUM – VOC (2015)

O Vocabulário Ortográfico Comum (VOC) é a plataforma que abriga os instrumentos que determinam legalmente a ortografia da língua portuguesa. Foi oficialmente reconhecido pelos estados-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e na Conferência de Díli²⁰ (2014). No documento intitulado “Conclusões Finais da X Conferência”, consta como meta a produção “em formato eletrônico” de um Vocabulário Comum da Língua Portuguesa, “que consolide tanto o léxico comum quanto as especificidades de cada país”.



Vocabulário Ortográfico Comum da
Língua Portuguesa

O VOC é desenvolvido sob a coordenação do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), instituição da

²⁰ A X Conferência de Chefes de Estado e de Governo teve lugar na capital do Timor-Leste em julho de 2014.

CPLP para a política linguística. Essa incumbência lhe foi atribuída em 2010, quando o IILP passou a contar com orientações específicas para uma política multilateral da língua, expressas no Plano de Ação de Brasília para a promoção, difusão e projeção da língua portuguesa, documento produzido na I Conferência Internacional sobre o Futuro do Português no Sistema Mundial, realizada na capital brasileira em março de 2010.

O Corpo Internacional de Consultores do VOC é formado por representantes de seis países²¹:

Brasil: Carlos Alberto Faraco (Universidade Federal do Paraná) e Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras);

Cabo Verde: Manuel Veiga (Universidade de Cabo Verde) e Elvira Freitas (Universidade de Cabo Verde);

Moçambique: Bento Siteo (Universidade Eduardo Mondlane) e Perpétua Gonçalves (Universidade Eduardo Mondlane);

Portugal: Telmo Verdelho (Academia das Ciências de Lisboa) e Maria Helena Mira Mateus (Universidade de Lisboa);

São Tomé e Príncipe: Fernanda Pontífice e Beatriz de Castro Afonso;

Timor-Leste: Benjamim Corte-Real (Universidade Nacional de Timor Lorosa'e) e Crisódio Araújo (Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação).

O VOC vem integrando gradualmente o Vocabulário Ortográfico Nacional (VON) de cada país da CPLP, após vali-

²¹ Não há representante da Guiné-Bissau por conta dos problemas políticos e sociais lá enfrentados. E também não há representante de Angola, que ainda não ratificou o Acordo, embora já tenha uma equipe desenvolvendo um vocabulário ortográfico nacional.

dação política e conformação com uma metodologia comum. Até o final de 2014, já haviam sido transferidos ao ILLP, para integração no VOC, os VON do Brasil, de Cabo Verde, de Moçambique, de Portugal e do Timor-Leste.

Dois desses VON foram lançados sob a forma impressa:



– O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP 2009), preparado pela Comissão de Lexicografia e Lexicologia da Academia Brasileira de Letras, sob a coordenação de Evanildo Bechara, com 976p. e 390 mil palavras;

– E o *Vocabulário Ortográfico Atualizado de Língua Portuguesa* (VOALP 2012), organizado pelo Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Academia das Ciências de Lisboa, sob a coordenação de Maria Helena da Rocha Pereira, Aníbal Pinto de Castro e Telmo Verdelho. A obra dá sequência às edições anteriores de 1940, 1947 e 1970,

mas foi elaborada inteiramente de novo, tendo 1.100p. e um *corpus* de 70 mil entradas.

A plataforma do Vocabulário Ortográfico Comum esteve aberta para consulta pública de abril a julho de 2014 e, em prosseguimento à aprovação política, em julho de 2014, está em curso a integração no VOC dos dados entregues e aprovados pelos estados-membros da CPLP. Até ao final de 2014, a equipe técnica do VOC integrou esses dados, substituindo os instrumentos de âmbito nacional existentes nos países participantes. Desde 2015 todos os falantes e estudantes da língua portuguesa têm acesso livre às informações oficiais comuns para a aplicação das regras ortográficas.

O endereço eletrônico do portal do VOC é <http://www.iilp.cplp.org/voc/>

**RECOMENDAÇÃO AOS USUÁRIOS DA LÍNGUA
PORTUGUESA NO BRASIL:**

CONSULTEM O **VOLP** DA ABL (por razões legais, pois é a obra reconhecida pelo Ministério de Educação), MAS UTILIZEM TAMBÉM O **VOC**.
ESPERA-SE QUE AMBOS COINCIDAM NA ORTOGRAFIA,
EMBORA SEJA NATURAL QUE HAJA MUITAS PALAVRAS NO **VOC**
QUE NÃO CONSTEM DO **VOLP**, POR RAZÕES ÓBVIAS:
O **VOLP** ESTÁ VOLTADO SOBRETUDO PARA OS HÁBITOS
BRASILEIROS.



4 – ACENTUAÇÃO GRÁFICA

As regras de acentuação se baseiam em critérios bastante objetivos, que partem da verificação do quantitativo de cada um dos grupos de tonicidade, com os objetivos de: 1) acentuar o menor número possível de palavras; 2) empregar o acento com a finalidade de garantir uma única pronúncia para a palavra.

Assim, como o menor contingente de palavras portuguesas é de PROPÁROXÍTONAS, a regra determina que todas sejam acentuadas. A seguir, opondo-se os outros dois contingentes, a regra examina quais as terminações com menor incidência entre as OXÍTONAS e as PAROXÍTONAS e determina o emprego de acento nos grupos minoritários. Por fim, como as questões envolvendo ditongos e hiatos não ficam resolvidas pelas regras básicas, novamente se recorre às ocorrências desses encontros vocálicos para se determinar o emprego de acento nos grupos de menor frequência. Isso explica, por exemplo, por que nos ditongos abertos a regra só menciona ÉI, ÉU e ÓI, que têm menor ocorrência dos que seus correspondentes fechados: não há em português o ditongo aberto ÓU (existe a pronúncia brasileira *óu*, mas a grafia é com L).

4.1. CLASSIFICAÇÃO DOS VOCÁBULOS QUANTO À SÍLABA TÔNICA.

a) OXÍTONOS – a sílaba tônica é a ÚLTIMA.

Exemplos: fe**LIZ**, ca**IU**, ven**TAR**.

b) PAROXÍTONOS – a sílaba tônica é a PENÚLTIMA.

Exemplos: **TU**do, gra**MA**do, **LONGE**.

c) PROPAROXÍTONOS – a sílaba tônica é a ANTE-PENÚLTIMA.

Exemplos: **LÂM**pada, sim**BÓ**lico, gra**MÁ**tica,
tera**PÊU**tico.

4.2. REGRAS DE ACENTUAÇÃO.

4.2.1. REGRAS GERAIS

a) MONOSSÍLABOS – só recebem acento os monossílabos tônicos terminados em A(s), E(s), O(s).

Exemplos: lá, gás, (ele) vá, (tu) dás;
fé, (ele) vê, pés, (tu) dê;s;
só, pó, nós, (ele) pôs.

b) OXÍTONOS – só recebem acento os terminados em A(s), E(s), O(s); EM, ENS.

Exemplos: sofá, manhã, (tu) dirás, cajás;
maré, você, cafés, francês;
cipó, avô, jilós, (ele) compôs;
armazém, porém, também;
vinténs, parabéns, (tu) deténs.

Observação: Seguem esta mesma regra as formas verbais com pronome enclítico ou mesoclítico.

Exemplos: matá-lo, vendê-las, propôs-lhe;
mantê-la-ás, dispô-lo-á, matá-la-emos.

Atenção: para efeito de acentuação, essas formas verbais são consideradas como se fossem duas ou três palavras, respectivamente.

c) PAROXÍTONOS – só **NÃO** recebem acento os terminados em A(s), E(s), O(s); EM, ENS; AM.

Exemplos: vida, casas, rude, peles, solo, bisnetos;
jovem; itens; cantam, sonhavam.

Portanto, recebem acento as palavras paroxítonas que tiverem qualquer outra terminação.

Exemplos: táxi, júri, lápis, tênis;
vírus, bônus, ânus, Vênus;
álbum, álbuns, fórum, fóruns;
íons, prótons, nêutrons;
bíceps, tríceps, fórceps;
éter, mártir, açúcar, júnior;
cálix, ônix, látex, Fênix;
hífen, pólen, próton, elétron;
túnel, móvel, nível, amável;

Observação: As terminações de que trata esta regra **EXCLUEM** os casos em que essas letras fazem parte de ditongo (ou tritongo) ou são nasais.

Assim, **RECEBEM ACENTO** palavras:
– paroxítonas em **Ã** ou **ÃS**: ímã, órfãs;
– paroxítonas em **OM**: iândom, rádome;

– paroxítonas em ditongo: água, mágoa, espécie, órgão, bênçãos, sótão;

– paroxítonas em ditongo ou em ditongo + M: averíguo, averíguas, averígua, averíguam; averígue, averígues, averígue, averíguem; enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem; apropínquo, apropínquas, apropínqua, apropínquam; apropínque, apropínques, apropínque, apropínquem

d) PROPAROXÍTONOS – todos são acentuados.

Exemplos: enfático, lâmina; tético, helênico,
invólucro, tragicômico; límpido,
único, farmacêutico, metalóidico.

Observação: Em algumas palavras, há flutuação entre a pronúncia brasileira e a portuguesa das vogais tônicas E e O, seguidas de M ou N. O acento será AGUDO ou CIRCUNFLEXO conforme o timbre seja, respectivamente, aberto (Portugal) ou fechado (Brasil) nas pronúncias cultas da língua:

- académico / acadêmico, cénico / cênico;
- atónito / atônito, fenómeno / fenômeno;
- blasfémia / blasfêmia, ténue / tênue;
- manicómio / manicômio, António / Antônio,

4.2.2. REGRAS ESPECIAIS

a) DITONGOS – recebem acento os ditongos ÉI, ÉU e ÓI das palavras oxítonas e monossilábicas.

Exemplos: papéis, réis, céu, réus, herói.

MAS: ideia, europeia, joia, epopeico, heroico.

b) HIATOS – recebem acento o I ou U tônicos, segunda vogal de hiato, sozinhos na sílaba (ou acompanhados de S), não seguidos de NH ou não precedidos de ditongo em palavras paroxítonas.

1ª vogal (em ditongo só em palavras oxítonas)	Í (s)	NH
	Ú (s)	

Exemplos: Andaraí, baía, faísca, juízes, atraí-la, caístes;
 Grajáú, baú, balaústre, graúdos, conteúdo;
 Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús.

MAS: juiz, raiz, caiu, saindo, descair, ruim;
 Raul, diurno, oriundo;
 moinho, rainha;
 auiba [aw-iba], janauira [janaw-ira];
 Bocaiuva [bocay-uva], feiura [fey-ura];
 “zoiuda” [zoy-uda].

Glossário:

auiba – espécie de planta

janauira – figura da mitologia amazônica

4.2.3. ACENTO DIFERENCIAL

É aquele que NÃO pode ser explicado por nenhuma regra de acentuação.

a) DE TIMBRE (fechado X aberto): abolido pela Lei nº 5.765, de 18 de dezembro de 1971, exceção feita à for-

ma **PÔDE** (pretérito perfeito), que continua acentuada por oposição a **PODE** (presente do indicativo), e ao substantivo **FÔRMA(s)** (FACULTATIVAMENTE, pelo Acordo de 16 de dezembro de 1990) para distingui-lo de **FORMA(s)** (com timbre aberto).

Obs.: É também facultativo assinalar com acento agudo a P4 do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da primeira conjugação (exs.: eu cantei x nós **CANTÁMOS**, eu louvei x nós **LOUVÁMOS**) e a P4 do presente do subjuntivo do verbo *dar* (que nós **DÊMOS**), que se distinguem dos homógrafos do presente do indicativo (eu canto x nós **CANTAMOS**, eu louvo x nós **LOUVAMOS**) e de pretérito perfeito (eu dei x nós **DEMOS**)

b) DE TONICIDADE (vocábulo tônico X átono): abolido pelo Acordo de 1990, exceção feita à forma verbal **PÔR** (monossílabo tônico), em oposição à preposição **POR** (monossílabo átono).

c) DE NÚMERO (as formas verbais de 3ª p.pl. terminadas em EM, em oposição às da 3ª p.sg. de igual terminação: verbos TER, VIR e derivados no presente do indicativo)

P6	x	P3
(eles) têm	x	(ele) tem
(eles) vêm	x	(ele) vem
(eles) detêm, contêm...	x	(ele) detém, contém...
(eles) intervêm, advêm...	x	(ele) intervém, advém...

4.2.4. ESTRANGEIRISMOS

Palavras grafadas em língua estrangeira NÃO recebem acento da língua portuguesa. Quando aportuguesadas, oficial ou oficiosamente, recebem o tratamento da convenção em vigor. Exemplos: jóquei, táxi, *bróder, copirraite, talibã...*

Vejamos o caso específico dos LATINISMOS empregados em nosso léxico. O *VOLP* de 2009 manteve o tratamento que vem sendo adotado pela Academia desde 1988: **ACENTUA** *álibi, fórum, harmônium, memorândum, múndi e tónus*. No *PVOLP*, de 1943, a exceção de *múndi* (citado no composto mapa-múndi), todos esses vocábulos estavam sem acento. Temos de convir que é até possível considerar que a **nova** acentuação atesta o aportuguesamento gráfico de todas essas palavras, hipótese que se reforça com a presença de *deficit, superavit* e *habitat* no apêndice do *VOLP* como latinismos.

Conclui-se que, apesar de a Lei nº 5.765, de 18 de dezembro de 1971, e de o texto do Acordo Ortográfico de 1990 não terem determinado nenhuma alteração ortográfica em torno dos latinismos, isso não foi forte o suficiente para desabonar essas decisões, oficialmente em vigor.

Acrescente-se ainda a informação de que o Acordo de 1990, acertadamente, também nada fala sobre a acentuação dos estrangeirismos comuns, referindo-se apenas aos antropônimos e topônimos estrangeiros.

4.2.5. TREMA

O Acordo Ortográfico aboliu o trema das palavras portuguesas, admitindo seu uso apenas em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros: *hübneriano, mülleriano*, etc.

5 – EMPREGO DO HÍFEN

O hífen é um sinal gráfico convencional, usado em português com variadas atribuições, algumas delas muito objetivas e sobre as quais não cabe interpretação ou discussão. É o que ocorre:

a) na separação silábica.

Exs.: des-men-tir, o-ri-un-da, ist-mo.

b) na translineação.

Exs.: guar-	guarda-	ofenderam-
danapo	-chuva	-se

c) nas combinações dos pronomes **nos** e **vos** com **o(s)** e **a(s)** – pouco usadas no português brasileiro contemporâneo.

Exs.: Ela *no-lo* convenceu. Eu *vo-lo* imploro.

d) antes dos pronomes enclíticos e antes e depois dos mesoclíticos.

Exs.: encontrava-me, visitei-a, atenda-me; poder-se-iam, ver-nos-emos.

e) nas combinações ocasionais que formam encadeamentos vocabulares.

Exs.: ponte *Rio-Niterói*; coligação *PT-PSDB*.

Ocorre porém que, além dos cinco casos acima, também se emprega o hífen para indicar a derivação prefixal e a com-

posição por justaposição de palavras de nossa língua. As regras para o uso desse sinal baseiam-se em critérios fonéticos, mas sofrem interferência das questões referentes ao emprego de letras.

5.1. NA COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO, O HÍFEN SE EMPREGA:

a) nos casos em que o primeiro elemento tem forma reduzida ou é verbo.

Exs.: recém-eleito, grã-duquesa, és-sueste (= este-sudeste); guarda-pó, arranha-céu.

Obs.: A justaposição com verbo pode eventualmente dispensar o uso do hífen (contrariando a regra): passatempo x passa-culpas; pegamassa x pega-rapaz; girassol x guarda-sol; mandachuva x manda-tudo.

b) nos nomes dos dias da semana.

Exs.: quarta-feira, sexta-feira.

c) nos nomes que designam espécies botânicas ou zoológicas.

Exs.: erva-doce, bem-te-vi, espada-de-são-jorge, macaco-prego-do-peito-amarelo.

d) em adjetivos pátrios de nomes geográficos com mais de uma palavra.

Exs.: espírito-santense, rio-grandense-do-sul, são-luisense.

e) quando MOR é o segundo elemento.

Exs.: capitão-mor, guarda-mor.

f) quando o primeiro elemento é o advérbio BEM e o segundo começa por vogal, M, N ou R.

Exs.: bem-aventurado, bem-humorado, bem-nascido, bem-mandado.

Obs.: As composições do advérbio BEM com verbo ou adjetivo são sempre hifenizadas: *bem-casado*, *bem-dotado*, *bem-falante*, *bem-vindo*. Há dupla grafia nos casos de *bem-dizer* e *bem-querer* (variantes: *benzizer* e *benquerer*) e ausência de hífen em *benfazer* e *benquistar* (e seus derivados).

g) quando o primeiro elemento é MAL e o segundo começa por vogal, H ou L.

Exs.: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo.

Obs.: O substantivo MAL (com o significado de “doença”) é sempre separado por hífen quando acompanhado de adjetivo (geralmente gentílico): *mal-americano* (= *sífilis*), *mal-caduco* (= *epilepsia*), *mal-triste* (= *babesíase*). Também tem hífen o composto do advérbio duplicado: *mal-mal*.

h) antes das terminações *-açu*, *-guaçu* e *-mirim*²³, quando o elemento anterior termina em vogal tônica ou anasalada.

Exs.: cajá-açu; sabiá-guaçu; tarumã-mirim.

E também na junção:

i) de palavras da mesma classe.

Exs.: navio-escola, luso-brasileiro, corre-corre.

j) de elementos que, juntos, perdem seu significado original,

Exs.: pão-duro, bem-te-vi, água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

²³ Erroneamente, os elementos *-açu*, *-guaçu* e *-mirim* são chamados de sufixos no texto do Acordo (cf. Base XVI, item 3^a), em vez de radicais de origem tupi, forma como aparecem identificados, por exemplo, nos dicionários Houaiss e Aurélio. Nas listas de sufixos de nossas principais gramáticas, esses três morfemas sequer são mencionados. Por isso, aparecem eles aqui no grupo dos compostos (sem prejuízo das normas ortográficas).

Nos dois últimos casos (**i** e **j**) é que repousam as maiores dificuldades do usuário, pois ao lado das regras há a subjetividade do uso, o julgamento sobre a existência ou não da composição, a decisão quanto aos valores do sintagma, etc. Por isso, nem sempre dois substantivos juntos justificam o uso do hífen (*amigo-cachorro* ou *amigo cachorro?* / *bairro-favela* ou *bairro favela?*) ou dois verbos (*vaivém* x *vai-volta*). O mesmo se pode dizer quanto à decisão sobre “a perda de seu significado original” (*mais-que-perfeito* perdeu, mas *futuro do pretérito* não perdeu? / *cor-de-rosa* perdeu, mas *cor de carne* não perdeu?).

Aliás, sobre a composição de elementos, o *VOLP* de 2009, interpretando o texto da Base XV, item 6º, decidiu que as locuções, exceto as que designam espécies botânicas e zoológicas, **não** receberão hífen. Em outras palavras, isso significa que só poderá haver hífen em palavras compostas de dois elementos. Quando o substantivo composto²⁴ tiver três ou mais elementos, o hífen só ocorrerá em duas hipóteses:

a) é uma das cinco palavras citadas como hifenizadas pelo texto do Acordo: *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito* e *pé-de-meia*;

b) é um substantivo que denomina espécies botânicas e zoológicas: *não-me-deixes*, *comigo-ninguém-pode*, *cobra-de-duas-cabeças*, *peixe-mulher-de-angola*...

Obs.: Deixaram, portanto, de receber hífen: *dia a dia*, *leva e traz*, *pé de moleque*, *mula sem cabeça*, *deus nos acuda*, *bico de papagaio* (como nome da doença, pois como nome da planta terá hífen), *pó de mico* (se for o prurido, pois se for o nome da planta terá hífen) – a lista é bem ampla e caberia organizar no *VOLP* um apêndice só para esses casos.

²⁴ Essa regra não vale, obviamente, para adjetivos compostos com mais de dois elementos: encontro *lusohispano-germânico*, cidadão *mato-grossense-do-sul*.

Esse critério é bem-vindo, pois padroniza a situação de quase todos os compostos. No entanto, contraditoriamente, o texto do *VOLP* de 2009, que acerta ao se referir a esses casos como “unidades fraseológicas constitutivas de lexias nominalizadas”, coloca tais locuções na nominata da obra e as classifica não como “unidades fraseológicas” ou como “locuções”, mas como substantivos. Com isso, fica criada a categoria de palavras compostas separadas por espaços em branco. Pelo *VOLP*, por exemplo, são substantivos masculinos ou comuns de dois gêneros (e não têm hífen): *creio em deus padre, toma lá dá cá, vai não vai, boca de sapo, mão de ferro...*

5.2. NA DERIVAÇÃO PREFIXAL E NAS RECOMPOSIÇÕES (FORMAÇÕES COM ELEMENTOS NÃO AUTÔNOMOS OU FALSOS PREFIXOS, DE ORIGEM GREGA E LATINA)

Neste caso, a pergunta que cabe é a seguinte: existe harmonia fono-ortográfica entre a letra que termina o antepositivo e a que inicia a palavra que o recebe? Como já se pode supor, a resposta não é das mais simples, pois assim como há prefixos que terminam em vogal, há também os que terminam em consoante (B, D, L, R, S e X), além dos que terminam em M e N (sinal de nasalidade ou semivogal de um ditongo não gráfico). Junte-se a isso a possibilidade de seguir-se a esse antepositivo uma palavra iniciada por qualquer letra, inclusive a letra H (símbolo etimológico apenas se estiver como primeira letra do vocábulo).

A legislação é simples: se houver harmonia fono-ortográfica, não haverá necessidade do hífen (exs.: supermercado, antiderrapante, contraveneno, adjunto). Apesar disso, como a quantidade desses morfemas é muito grande, temos de reconhecer que as tabelas que seguem (em 5.2.1 e 5.2.2) podem prestar boa ajuda na hora da dúvida.

Por isso, para organizar essa descrição, optamos por construir duas tabelas: a primeira contém exclusivamente prefixos (extraídos da listagem²⁵ de prefixos que Celso Cunha e Lindley Cintra apresentam em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, pp. 98-101); a segunda enumera “elementos não autônomos” e “pseudoprefixos” a partir do que fala o Acordo (Base XVI).

Nenhuma das duas inclui os elementos *mal* e *bem*, já explicados nas alíneas f) e g) do item 5.1. Ambos são descritos de modo ambíguo em nossas gramáticas e dicionários (às vezes como prefixos, caso de derivação; outras vezes como radicais, caso de composição por serem advérbios). Como consideramos que advérbios são palavras dotadas de radical, preferimos incluí-los no grupo de palavras compostas²⁶.

Também não estão incluídos os prefixos *co-* e *não-*. No caso de *co-* o motivo é a exclusão do hífen nos casos de derivação de palavras iniciadas por H, apesar do exemplo de *co-herdeiro* citado no Acordo. O VOLP registra *coerdeiro* e proíbe o uso de hífen com esse prefixo. No caso do *não-* (e do *quase-*), o texto do VOLP explica que “funcionam como prefixo”, mas estão excluídos do emprego do hífen²⁷.

Outro ponto a esclarecer é a inclusão do elemento *sem-* na tabela da prefixação. O texto do Acordo conservou o equívoco de dizer que *sem* atua na composição. É nitidamente um prefixo, homônimo da preposição portuguesa *sem*, originária

²⁵ Com o acréscimo dos prefixos *infra-*, *inter-*, *nuper-* e *sem-*.

²⁶ Cf. item 4 da Base XV. Esclareça-se outrossim que as eventuais divergências teóricas nos âmbitos morfológico e sintático não acarretam nenhuma interferência nas deliberações ortográficas do Acordo.

²⁷ A lei ortográfica é compulsória, mas cabe avaliar até que ponto se pode considerar prefixo um elemento que se separa do seu radical por um espaço em branco: *não agressão*, *quase delito*. Cabe acrescentar que, por ser um advérbio, *quase* está no mesmo caso que *bem* e *mal*, não atuando como prefixo, mas como elemento de composição.

da preposição latina *sine-*. A prevalecer a afirmação de que *sem* atua na composição (e não na derivação), teremos de rever as classificações de *contra-*, *entre-*, *sob-*, *sobre-* e todos os casos em que o morfema a ser classificado é homônimo de uma preposição portuguesa e se origina de uma preposição latina.

Acrescenta-se também o prefixo *a-*, citado no *VOLP*, mas não no Acordo.

Cabe ainda dizer que as regras quanto ao emprego de hífen se aplicam não apenas a palavras já dicionarizadas, mas também a neologismos bem construídos, como mostram os exemplos ao final de cada tabela.

5.2.1. COM PREFIXOS

Usa-se o hífen nas seguintes combinações²⁸:

prefixo + hífen ⁽¹⁾	seguido de palavra iniciada por			
	qualquer letra	vogal	consoante	h
A				X
AB ⁽²⁾			B, R	X
AD ⁽²⁾			D, R	X
ANTE		E		X
ANTI		I		X
ARQUI		I		X
CIRCUM		qualquer	M, N	X
CONTRA		A		X
ENTRE		E		X
EX (= anterior)	x	qualquer	qualquer	X
EXTRA		A		X

²⁸ Veja, no final do livro, a reprodução dessa ficha. Recorte-a e use-a para ajudar na fixação das novas normas.

HIPER			R	X
HIPO		O		X
INFRA		A		X
INTER ⁽³⁾			R	X
INTRA		A		X
JUSTA		A		X
META		A		X
OB ⁽²⁾			B, R	X
NUPER (<i>recém</i>) ⁽⁴⁾			R	X
PERI		I		X
PÓS (tônico) ⁽⁶⁾	x	qualquer	qualquer	X
PRÉ (tônico) ⁽⁵⁾	x	qualquer	qualquer	X
PRÓ (tônico) ⁽⁵⁾	x	qualquer	qualquer	X
RETRO		O		X
SEM ⁽⁶⁾	x	qualquer	qualquer	X
SOB ⁽²⁾			B, R	X
SOBRE		E		X
SOTA / SOTO	x	qualquer	qualquer	X
SUB ⁽²⁾			B, R	X
SUPER ⁽⁷⁾			R	X
SUPRA		A		X
ULTRA		A		X
VICE	x	qualquer	qualquer	X

Observações:

1a. Não estão listados na tabela os prefixos e prefixoides que nunca são seguidos de hífen: *coabitação*, *desumano*, *inábil*, *paramilitares*, *reerguer*, *transsexual*...

1b. Se o prefixo terminar por vogal e o segundo elemento começar por R ou S, não se usa o hífen e se **dobra a consoante R ou S**: *contrarrevolucionário*, *suprassegmental*.

2. Nem o texto do Acordo nem o *VOLP* fazem referência ao encontro dos prefixos **ab-**, **ad-**, **ob-**, **sob-** e **sub-** com palavras iniciadas por B (ou D, conforme o caso) e R. A conclusão é que não houve alteração na regra que determinava o uso do hífen em casos assim: *ab-rogar*, *ad-digital*, *ad-renal*, *ob-reptício*, *sub-base*, *sub-reitoria*. Mas... *ab-rupto* (ou *abrupto*).

3. *Interregno*.

4. O *VOLP* consigna as palavras *nuperfalecido* e *nuperpublicado*.

5. Os prefixos **pre-**, **pos-** e **pro-** são acentuados quando separados por hífen: *pré-ajustar*, *pré-datado*, *pré-menstrual* / *pós-moderno*, *pós-graduação*, *pós-universitário*.

6. *Sensabor*.

7. Na linguagem coloquial brasileira, usa-se **super** como advérbio de intensidade (obviamente sem hífen, mas também sem acento): Ela é *super* simpática.

Atenção! Neologismos bem formados também seguem essas instruções: *coorientador*, *inter-rural*, *pré-temporada*, *subimposto*, *superqueima*...

5.2.2. COM PSEUDOPREFIXOS E PREFIXOIDES

Usa-se o hífen nas seguintes combinações²⁹:

antepositivo + hífen ⁽¹⁾	seguido de palavra iniciada por			
	qualquer letra	vogal	consoante	H
AERO		O		X
AGRO		O		X
ALFA		A		X
ÁUDIO		O		X
AUTO (= próprio)		O		X
BETA		A		X
BI		I		X
BIO		O		X
CINE		E		X
DECA ⁽²⁾		A		X
DI		I		X
ELETRO		O		X
ENEA ⁽²⁾		A		X
ETNO		O		X
FONO		O		X
FOTO		O		X
GEO		O		X
HEPTA ⁽²⁾		A		X
HETERO		O		X
HEXA ⁽²⁾		A		X
HIDRO		O		X
HOMO		O		X

²⁹ Veja, no final do livro, a reprodução sintética dessa ficha. Recorte-a e use-a para ajudar na fixação das novas normas.

ISSO		O		X
LIPO		O		X
MACRO		O		X
MAXI		I		X
MEGA		A		X
MESO		O		X
MICRO		O		X
MIDI		I		X
MINI		I		X
MONO ⁽³⁾		O		X
MULTI		I		X
NEO		O		X
NEURO ⁽⁴⁾		O		X
OCTA / OCTO ⁽²⁾		A / O		X
PALEO		O		X
PAN ⁽⁵⁾		qualquer	M, N	X
PENTA ⁽²⁾		A		X
PLURI		I		X
POLI		I		X
PROTO		O		X
PSEUDO		O		X
PSICO		O		X
SEMI		I		X
TELE ⁽⁶⁾		E		X
TETRA ⁽²⁾		A		X
TRI		I		X
VÍDEO		O		X
(etc...) em vogal ⁽⁷⁾		= final		X

Observações:

- 1a. Não estão listados na tabela os antepositivos *recém-* (incluído no item 5.1, que trata de justaposição com o primeiro elemento reduzido), *bem-* e *mal-* (também incluídos no item 5.1 como advérbios que atuam na justaposição – cf. item 4 da Base XV).
- 1b. Se o antepositivo terminar por vogal e o segundo elemento começar por R ou S, não se usa o hífen e **se dobra a consoante R ou S**: *microrregião*, *telessena*.
2. Antepositivos “multiplicativos” terminados em A admitem aglutinação: *decangular*, *heptangular*, *hexangular*, *octangular*, *pentangular*.
3. *Monóculo*.
4. *Neuroipófise* (ou *neuro-hipófise*), *neuroncologia**.
5. Pode separar-se por hífen se preceder elemento começado por **B** ou **P**: *pan-brasileirismo*, *pan-planetária**, mas... *pambabilonismo*, *pamplergia*, *pampsiquismo*.
6. *Teleducação*.
7. Pode-se acrescentar à tabela qualquer pseudoprefixo ou prefixoide terminado em vogal, como *biblio-*, *cardio-*, *crono-*, *giga-*, *necro-*, *quadri-*, *quilo-*, *taqui-*, *zoo-*... O segundo componente será separado por hífen (se começar por H ou vogal igual) ou dobrará o R ou S, conforme o caso: *biblio-historiografia*, *quadrissecular*, *videoconferência*...

Atenção! Neologismos bem formados também seguem essas instruções: *narcomarginais*, *neuro-humanidade*, *pseudofilho*, *sócio-ocupacional*, *zoossemiótico*...

Lembremo-nos, por fim, que razões estilísticas podem justificar o emprego irregular do hífen (ou de outros sinais gráficos) na separação de um prefixo, caracterizando o que se poderia chamar de “neologia gráfica”.

- (1) O Governo vai *re-pensar* essa questão.
- (2) Eu e ela dividimos as turmas da mesma série, pois gostamos de *co-lectionar* Português.
- (3) Eles querem (*con*)fundir nossas empresas.
- (4) – Filha, por que você não vai brincar de pular corda com o seu primo?
– Ô, mãe. Então não ouvi a senhora falando pra minha irmã que a barriga dela estava daquele tamanho porque ela e o Zé tinham *co-pulado*!?

Esses usos não regulamentares precisam ter uma razão textual, pragmática, como acontece na intenção de ênfase em (1) ou na necessidade de clareza em (2), evitando a confusão entre o neologismo, derivado de “lectionar” e a forma “coleccionar”, derivada de “coleção”. Em (3), a justificativa é a ironia, que resulta na fusão das ideias de “confundir” e “fundir” e no recurso da separação do prefixo por parênteses. Em (4), o trocadilho metalinguístico tem por finalidade explorar o duplo sentido e promover um efeito de humor.



6 – GRAFIA DE VOGAIS E CONSOANTES

Como a grafia dos vocábulos portugueses não obedece a um critério uniforme, embora prevaleça o aspecto fonético sobre o etimológico, é praticamente impossível fixar regras absolutas para o emprego de vogais e consoantes. Isso frustra qualquer tentativa de sistematização mais ampla. Por esse motivo, é recomendável ter à mão no ambiente de estudo ou trabalho uma edição atualizada do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, publicado pela Academia Brasileira de Letras – obra de referência oficial de nossa ortografia. Os dicionários não são a fonte oficial de nossa ortografia. Por estranho que pareça, eles às vezes registram grafias não oficiais, como são os casos dos latinismos (já explicados no capítulo 4) e de outros estrangeirismos.

Apesar disso, é possível expor pequenas regras de caráter geral, que podem ajudar a resolver algumas das dúvidas mais comuns.

6.1. GRAFIA DE VOGAIS

6.1.1. E x I

a) Verbos da 3ª conjugação terminados em UIR e verbos da 1ª conjugação terminados em UAR seguem modelos diferentes.

Exemplos:

POSSUIR – *tu possu**is**, ele possu**i**...*

ATRIBUIR – *tu atribuí**s**, ele atribuí**i**...*

ATUAR – *tu atue**s**, ele atue...*

CONTINUAR – *tu continue**s**, ele continue...*

b) Verbos terminados em EAR recebem I quando a tônica recai sobre o E.

Exemplos:

FREAR – *eu fre**io** / tu fre**ias** / ele fre**ia** / nós fre**amos** / vós fre**ais** / eles fre**iam**.*

RECHEAR – *eu reche**io** / tu reche**ias** / ele reche**ia** / nós reche**amos** / vós reche**ais** / eles reche**iam**.*

c) Verbos terminados em IAR são regulares, com exceção de MEDIAR (e seus assemelhados como REMEDIAR, INTERMEDIAR), ANSIAR, INCENDIAR e ODIAR, que seguem a conjugação dos terminados em EAR.

Exemplos:

OFICIAR (reg.) – *eu of**icio** / tu of**icias** / ele of**icia**...*

MAQUIAR (reg.) – *eu ma**quio** / tu ma**quias** / ele ma**quia**...*

ANSIAR (irreg.) – *eu anse**io** / tu anse**ias** / ele anse**ia** / nós anse**amos** / vós anse**ais** / eles anse**iam**.*

Obs.: Há, porém, verbos abundantes em IAR, que admitem variantes na conjugação: *eu neg**ocio** / tu neg**ocias** / ele neg**ocia** (também eu neg**oceio** / tu neg**oceias** / ele neg**oceia**); eu prem**io** / tu prem**ias** / ele prem**ia** (também eu prem**ei**o / tu prem**eias** / ele prem**ei**a)³⁰.*

³⁰ Em geral, o uso no Brasil é o da forma **regular**. O *Dicionário Houaiss* (2006) enumera os seguintes casos de dupla conjugação para os verbos em IAR: *agenciar, cadenciar, diligenciar, negociar, premiar e presenciar*.

6.1.2. O x U

Verbos da 1ª conjugação terminados em OAR têm sempre O na sílaba tônica. Verbos da 1ª conjugação terminados em UAR têm sempre U na sílaba tônica.

Exemplos:

ABENÇÓAR – *eu abençoo, tu abençoas...*

TUMULTUAR – *eu tumultuo, tu tumultuas...*

6.2. GRAFIA DE CONSOANTES

6.2.1. J x G

a) Palavras de origem indígena costumam ser grafadas com J.

Exemplos: *jenipapo, jiboia, jiló, pajé, jequitibá.*

b) Verbos cujo infinitivo se escreve com G têm formas que se escrevem com J. Diferentemente, verbos cujo infinitivo se escreve com J **nunca** empregam a letra G.

Exemplos:

REAGIR – *eu reajo, tu reages, que eu reaja, se eles reagissem...*

FUGIR – *eu fujo, tu foges, que eu fuja, se eles fugissem...*

VIAJAR – *eu viajo, tu viajas, eu viajei, que eles viajem...*

6.2.2. X x CH

a) Depois de ditongo oral, usa-se X³¹.

Exemplos: *baixo, auxiliar, peixe, froixo, trouxa.*

³¹ Com o valor fonético de “xê” e tomando por base a edição do *Dicionário Aurélio séc. XXI*, palavras primitivas com “aix” são apenas 6; com “aux”, 5; com “eix”, 18; com “eux” e “iux”, zero; com “oix”, 3 (variantes de “oux”); e com “oux”, 5.

b) Depois da sílaba inicial ME, usa-se X³².

Exemplos: *mexer, mexilhão, mexicano*.

As exceções são as palavras *mecha* (de cabelo) e *mechocão* (tipo de planta).

c) Depois do grupo inicial RE, precedido ou não de consoante, usa-se CH³³.

Exemplos: *rechaçar, rechonchudo, brecha, creche, trecho*.

6.2.3. S x Z

a) Substantivos cuja última vogal é E (fechado = ê) são escritos com S.

Exemplos: *mês, cortês*.

b) Os sufixos indicativos de títulos são ES, ESA e ISA.

Exemplos: *marquês, baronesa, poetisa, sacerdotisa*.

c) O sufixo feminino equivalente ao masculino TOR ou DOR se escreve TRIZ.

Exemplos:

– *ator / atriz;*

– *imperador / imperatriz.*

d) Depois de ditongo oral, usa-se S.

Exemplos: *coisa, lousa, pausa, Sousa, náusea*.

³² De acordo com o *Dicionário Houaiss* (2006), só há essas três palavras primitivas com a sequência inicial “mex”. A obra registra ainda 23 palavras derivadas ou compostas de “mexer”.

³³ Pelo *Dicionário Aurélio séc. XXI*, são 3 as palavras primitivas iniciadas por “rech” (*rechaçar, rechinar* e *rechonchudo*) e 5 as primitivas por “consoante + rech” (*brecha, brechó, creche, frecha* e *trecho*).

e) Gentílicos (nomes que indicam a procedência ou naturalidade) são escritos com S.

Exemplos:

- *camponês* / *camponesa*;
- *burguês* / *burguesa*;
- *inglês* / *inglesa*;
- *pequinês* / *pequinesa*.

f) Substantivos abstratos formados de adjetivos usam o sufixo EZ(A).

Exemplos:

- *belo* > *beleza*;
- *estúpido* > *estupidez*;
- *certo* > *certeza*;
- *pequeno* > *pequenez*.

g) O sufixo IZAR é formador de verbo.

Exemplos:

- real + izar = *realizar* ;
- ameno + izar = *amenizar* ;
- batismo + izar = *batizar* ;
- catecismo + izar = *catequizar*.

Obs.: Há verbos que são derivados de palavras com S ou que são primitivos (formam derivação regressiva): atrás + ar = *atrasar*; liso + ar = *alisar*; *analisar* > análise; *pesquisar* > pesquisa.

6.2.4. Encontros consonantais “flutuantes”

Palavras que admitem duas pronúncias prestigiadas de encontros consonantais imperfeitos possuem dupla grafia, de modo a registrar por escrito a possível emissão de ambas.

Exemplos:

– *amígdala* & *amídala*; *aspecto* & *aspeto*; *ceptro* & *cetrot*; *colectivo* & *coletivo*; *facto* & *fato*; *sector* & *setor*.

MAS... *ação* (e não *acção*), *batizar* (e não *baptizar*), *director* (e não *director*), *exato* (e não *exacto*).

MAS... *aritmética* (e não *arimética*), *convicção* (e não *convição*), *erupção* (e não *erução*), *eucalipto* (e não *eucalito*).

6.2.5. K, W e Y

a) É permitido o uso dessas letras em palavras originárias de outras línguas: ANTROPÔNIMOS e TOPÔNIMOS (e seus derivados).

Exemplos:

– *Shakespeare, shakespeariano; Darwin, darwinismo; Byron, byroniano;*

– *Kwait, kwaitiano; Washington, washingtoniano; Nova York, nova-yorkino (ou nova-iorquino).*

b) É permitido o uso dessas letras nos símbolos de palavras adotadas como unidades de medidas internacionais, nas abreviaturas e nas siglas.

Exemplos: *kg* (símbolo de *quilograma*), *KLM* (abreviatura de Koninklijke Luchtvaart Maatschappij, Real Aviação Dinamarquesa na língua dinamarquesa), *K* (símbolo do *potássio*), *w.c. / W.C. / WC* (abreviatura de *water-closet*, “banheiro” na língua inglesa), *www* (sigla para *world wide web*).

c) Embora essas letras façam parte de nosso alfabeto, só podem ser usadas em palavras derivadas que conservam a grafia da língua estrangeira. Por isso, o melhor é reconhecer

que elas **não são consoantes nem vogais do português**. Isso só pode ser verificado no idioma original.



7 – GRAFIA DE PALAVRAS

7.1. HOMÔNIMOS

Vocábulos que se pronunciam da mesma forma, mas cujos sentidos e grafias são diferentes, são chamados **homônimos homófonos**.

Exemplos:

- *paço* = palácio & *passo* = ato de andar;
- *o concerto* = peça orquestral & *o conserto* = restauração.

Vocábulos que se escrevem da mesma forma, mas cujas pronúncias e significados são diferentes, são chamados **homônimos homógrafos**.

Exemplos:

- *torre*, subst. & *torre*, do verbo “torrar”;
- *apoio*, subst. & *apoio*, do verbo “apoiar”.

São **homônimos perfeitos** os vocábulos de significado diverso que se pronunciam e se escrevem do mesmo modo.

Exemplos:

- *cedo*, adv. & *cedo*, do verbo “ceder”;
- *falácia* = qualidade de falaz, enganador & *falácia* = falatório;
- *manga* = fruta & *manga* = parte do vestuário.

São **homógrafos imperfeitos** os vocábulos de significado e pronúncia diversos que se distinguem graficamente apenas pela acentuação gráfica.

Exemplos:

- *pode* & *pôde* (do verbo *poder*);
- *fábrica* (substantivo) & *fabrica* (do verbo “fabricar”).

7.2. PARÔNIMOS

Palavras diferentes que têm som semelhante são chamadas **parônimas**.

Exemplos:

- *descrição* = ato de descrever & *discrição* = prudência, reserva, qualidade de discreto;
- *onicolor* = que tem todas as cores & *unicolor* = que tem uma única cor;
- *vultoso* = grande, importante & *vultuoso* = aspecto do rosto quando está vermelho e com os olhos salientes.



8 – EXERCÍCIOS COM CHAVES DE RESPOSTA

8.1. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

Grupo I: acentuação gráfica

01. Assinale a opção que contém **erro** de acentuação na série de monossílabos tônicos.

- (a) crás, lá, vá, más;
- (b) fé, pés, és, Sé;
- (c) quê, vê-lo, mês, três;
- (c) pó, nós, só, cós;
- (e) pô-lo, pô-la, pôs, côr.

02. Assinale a opção que contém **erro** de acentuação na série de palavras oxítonas.

- (a) sofá, atrás, maracujá, dirá, falarás, encaminhá-la, encontra-lo-á;
- (b) banzé, pontapés, você, buquê, japonês, obtê-lo, recebê-la-emos;
- (c) jiló, avô, avós, gigolô, compôs, paletó, indispô-lo;
- (d) além, alguém, também, ele intervém;
- (e) armazéns, parabéns, vinténs, tu intervéns.

03. Assinale a opção que contém **erro** de acentuação na série de palavras paroxítonas.

- (a) dândi, beribéri, íbis, Cáli;
- (b) ônus, cáctus, lótus, retrovírus;
- (c) factótum, parabélum, álbuns, fóruns;
- (d) hífens, plâncton, elétrons;
- (e) bíceps, tríceps, quadríceps.

04. Assinale a opção que contém **erro** de acentuação na série de palavras paroxítonas.

- (a) âmbar, éter, fêmur, sênior;
- (b) cóccix, tórax, ônix, Fênix;
- (c) dólmen, pólen, próton, nêutron;
- (d) incrível, imóvel, míssil, afável;
- (e) ímã, Cristovão, sótão, órfã.

05. Assinale a opção que contém **erro** de acentuação na série de palavras paroxítonas terminadas em ditongo.

- (a) escritório, etérea, série;
- (b) suspensório, calendário, abstêmios;
- (c) ingênuo, anágua, mágoa;
- (d) bilíngue, anáguas, contíguo;
- (e) distíngues, extínguem, conséguem.

06. Assinale a opção que contém **erro** na grafia de verbos paroxítonos terminados em ditongo (+M).

- (a) apropínquo, apropínquas / apropínque, apropínquem;
- (b) redárguo, redárguas / radárgue, redárguem.
- (c) averíguo, averíguas / averígue, averíguem;
- (d) enxáguo, enxáguas / enxágue, enxáguem;
- (e) mínguo, mínguas / míngue, mínguem.

07. Assinale a opção que contém **erro** de acentuação na série de palavras proparoxítonas.

- (a) insólito, tétrico, nostálgico;
- (b) rúbrica, cosmonáutico, letárgico;
- (c) antropofágico, hiperbólico, ótico;
- (d) dramático, econômico, hermenêutico;
- (e) fétido, hálito, metalúrgico.

08. Assinale a opção que contém **erro** de acentuação na série de palavras com ditongo.

- (a) andróide, epopéia, tipóia;
- (b) pastéis, arranha-céus, corrói;
- (c) europeus, colmeia, centopeia;
- (d) boi, urubu-rei, apogeu;
- (e) Gláuber, Áurea, Cleide.

09. Assinale a opção que contém **erro** de acentuação na série de palavras com hiato.

- (a) voo, enjoio;
- (b) magôa, corôa;
- (c) creem, leem;
- (d) perdoa-o, abençoa-a;
- (e) deem-me, reveem-nos.

10. Assinale a opção que contém **erro** de acentuação no I da série de palavras com hiato.

- (a) Icaraí, Jacaré;
- (b) saídas, caístes;
- (c) atraindo, contribuiu;
- (d) ladainha, coroinha;
- (e) gratuito, fluído (subst.).

11. Assinale a opção que contém **erro** de acentuação no U da série de palavras com hiato.

- (a) Grajaú, tuiuiú;
- (b) reúnem, mundaú;
- (c) baiúca, feiúra;
- (d) conteúdo, transeunte;
- (e) Raul, extrauterino.

12. Assinale a opção que contém apenas acentos diferenciais (aqueles que não podem ser explicados por nenhuma regra ortográfica) de timbre ou de tonicidade.

- (a) pôr (verbo), pôde (pret.perf.) e fôrma (= modelo oco);
- (b) dê (verbo), é (verbo), réis (= moeda antiga);
- (c) fábrica (subst.), sábia (adjetivo), sabiá (= subst.);
- (d) bobó (subst.), lâ (subst.), camelô (= comerciante de calçada);
- (e) convidássemos, envolvêssemos, retornássemos.

13. Assinale a opção que contém um par de formas verbais que caracteriza o segundo componente como caso de acento diferencial de número (3ª pessoa do plural).

- (a) (ele) intervém & (eles) intervêm;
- (b) (ele) relê & (eles) relêem;
- (c) (ele) entretêm & (eles) entretém;
- (d) (ele) prevê & (eles) preveem;
- (e) (ele) têm & (eles) têm.

14. Assinale a opção cuja série de palavras recebe acento em virtude da mesma regra ortográfica.

- (a) contratá-la, vendê-la, atraí-la, propô-lo;
- (b) táxi, pálido, maracujá, hábito;
- (c) escarcéu, carretéis, caracóis;
- (d) cânion, ômicron, sêmen;
- (e) atraísse, faraó, Anhangabaú.

15. Assinale a opção que **não** contém palavra acentuada em virtude da mesma regra ortográfica de FREGUÊS.

- (a) carijó;
- (b) matinês;
- (c) vatapá;
- (d) açai;
- (e) ioiô.

16. Assinale a opção que **não** contém palavra acentuada em virtude da mesma regra ortográfica de LUNÁTICA.

- (a) anômalo;
- (b) dígrafo;
- (c) metáfora;
- (d) antítese;
- (e) clímax.

17. Assinale a opção cujas palavras são acentuadas em virtude da mesma regra ortográfica de ÍNDIO.

- (a) estapafúrdia, espécie;
- (b) acessível, caráter;
- (c) chimpanzé, tarumã;
- (d) Estêvão, Asdrúbal;
- (e) intrínseco, rígido.

18. Assinale a opção que contém palavra acentuada tanto no singular como no plural.

- (a) (o) inglês;
- (b) (o) álcool;
- (c) (o) convés;
- (d) (o) cós;
- (e) (ele) antevê.

19. Assinale a opção que contém palavra acentuada apenas no singular.

- (a) júnior;
- (b) trenó;
- (c) pôster;
- (d) fôrma;
- (e) sustém.

20. Assinale a opção que contém palavra acentuada apenas no plural.

- (a) pera;
- (b) urubu;
- (c) vez;
- (d) juiz;
- (e) item.

Grupo II: hifenização

21. Assinale a opção que contém **erro** na grafia de palavras compostas.

- (a) recém-inaugurada, granfino;
- (b) grão-rabino, tambor-mor;
- (c) és-nordeste, acácia-negra;
- (d) bico-de-lacre, girassol;
- (e) quarta-feira, rio-grandense-do-sul.

22. Assinale a opção que contém **erro** na grafia de palavras compostas.

- (a) bota-fora, come-dorme;
- (b) limpa-vidros, pega-varetas;
- (c) canário-da-terra, gato-do-mato;
- (d) passa-tempo, vai-e-vem;
- (e) cata-vento, contratorpedeiro-líder.

23. Assinale a opção que contém **erro** na grafia de palavras compostas.

- (a) são-paulino, santo-amarense;
- (b) santa-cruzense, donquixotismo;
- (c) pica-pau, valhacouto;
- (d) ato-show, novo-horizontino;
- (e) mais-que-perfeito, pé-de-meia.

24. Assinale a opção que contém **erro** na grafia de palavras compostas.

- (a) bela-vistense, bom-bocado, peixe-boi;
- (b) novaiguaçuense, tampouco, peixe-espada;
- (c) beladona, prima-dona, peixe-de-briga;
- (d) primo-irmão, tapiá-guaçu, peixe-japonês;
- (e) misto-quente, sanguessuga, peixe-prego.

25. Assinale a opção que contém **erro** na grafia de palavras compostas.

- (a) peça-chave, guarda-civil, salário-educação;
- (b) bode-expiatório, roupa-de-baixo, camisa-social;
- (c) camisa-negra, guarda-noturno, redator-chefe;
- (d) salário-família, baba-de-moça, meio-tempo;
- (e) à queima-roupa, pão-bengala, rosa-cruz.

26. Identifique a frase que contém **erro** quanto ao uso de hífen.

- (a) Comprei cheiro-verde, amor-perfeito e laranja-seleta.
- (b) Plantei batata-inglesa, bem-me-quer e capim-gordura.
- (c) Encomendei a erva-cidreira, o inhame-roxo e a maria-sem-vergonha.
- (d) Fotografei a salsa-do-campo, a sempre-viva e o abacate-do-mato.
- (e) Pedi a vitamina-de-frutas, a gaiola-torácica e um saco-de-gatos.

27. Identifique a frase que contém **erro** quanto ao uso de hífen.

- (a) Falarei amanhã na convenção ítalo-francogermânica.
- (b) Trataremos de questões técnico-industriais.
- (c) O acordo sino-tibetano vai acontecer.
- (d) Houve uma perigosa celebração fanático-religiosa.
- (e) Faremos estudos sintático-semântico-estilísticos.

28. Identifique a frase que contém **erro** quanto ao uso de hífen.

- (a) Fiquei mal-habitado ouvindo apenas cantigas de maldizer.
- (b) Desengonçado e mal-acabado, o negócio ia de mal a pior.
- (c) Houve aquele mal estar porque ele é um mal agradecido.
- (d) Apresentaram-me um menino mal-educado e malcriado.
- (e) Meus olhos malferidos revelam que estou mal-humorado.

29. Identifique a frase que contém **erro** quanto ao uso de hífen.

- (a) Bem-aventurado aquele que é bem orientado por seus pais.
- (b) Essas bem-feitorias são atribuídas a criaturas bem-ditas.
- (c) Fiquei bem-visto na rádio quando perceberam que sou bem-falante.
- (d) Meu terno ficou bem-acabado e o preço foi bem barato.
- (e) Um profissional bem vestido é sempre bem-vindo.

30. Identifique a frase que contém **erro** quanto ao uso de hífen.

- (a) Seu sangue azul é uma questão de ponto de vista.
- (b) O carro forte bateu num gelo baiano.
- (c) Consta do livro de bordo que ele é um bom copo.
- (d) A pedra de toque da economia foram as medidas preventivas do Governo.
- (e) Mandaram para o olho da rua aquele menino de ouro.

31. Assinale a opção que contém **erro** quanto ao uso de hífen.

- (a) caeté-açu, araçá-guaçu, igarapé-mirim;
- (b) curumim-açu, jataí-guaçu, araçá-mirim;
- (c) jataí-açu, maracanã-guaçu, tucu-mirim;
- (d) tangará-açu, caroba-guaçu, abelha-mirim.
- (e) tucumã-açu, mirim-guaçu, quenquém-mirim;

32. Assinale a opção que contém **erro** na grafia de palavras derivadas.

- (a) extra-atmosférico, extra-ordinário;
- (b) metacelulose, meta-humorismo;
- (c) paraolimpíadas, parapsicologia;
- (d) pré-adolescência, pré-nupcial;
- (e) ultraoceânico, ultrassonografia.

33. Assinale a opção que contém **erro** na grafia de palavras derivadas.

- (a) anteconjugal, anteontem;
- (b) antielitista, antiimperialista;
- (c) sobre-exposição, sobressair;
- (d) sublunar, subalpino;
- (e) super-realidade, supersafra.

34. Assinale a opção que contém **erro** na grafia de palavras derivadas.

- (a) circum-adjacente, circum-navegação, circunlabial;
- (b) ex-atleta, ex-corrupto, ex-patrão;
- (c) pós-colonial, pós-pago, pós-socrático;
- (d) vice-almirante, vice-liderança, vice-reitor;
- (e) não-conformista, não-cumprimento, não-violência.

35. Assinale a opção que contém **erro** na grafia de palavras derivadas.

- (a) adjunto, ad-rogação;
- (b) arqui-inimigo, arqui-hiperbólico;
- (c) coerdeiro, copiloto;
- (d) contra-reforma, contra-senha;
- (e) pericárdio, perissístole.

36. Identifique a opção que contém apenas palavras com **erro** quanto ao uso de hífen.

- (a) antiácido, antiaéreo, anti-hemorrágico, anti-herói, anti-inflacionário;
- (b) contra-ataque, contracheque, contradança, contraespião, contraindicação;
- (c) extra-conjugal, extra-curricular, extra-escolar, extra-gramatical, extra-judicial;
- (d) sobrecapa, sobrecoxa, sobre-erguer, sobre-humano, sobrevoos;
- (e) ultra-apressado, ultrafecundo, ultra-humano, ultramarino, ultraradical.

37. Identifique a frase que contém **erro** quanto ao uso de hífen.

- (a) Para interagir comigo, vai ser preciso interconectar nossas máquinas.
- (b) Nosso interrelacionamento é apenas intersocial.
- (c) O ônibus interescolar faz transporte interbairros.
- (d) Li um estudo inter-helênico com abordagem interdisciplinar.
- (e) Ela fez um exame interocular e intermaxilar.

- 38.** Identifique a frase que contém **erro** quanto ao uso de hífen.
- (a) A justaposição não é o mesmo que a contraposição.
 - (b) O pós-comunismo talvez se assemelhe com o pré-apocalipse.
 - (c) A desumanização das pessoas gera o que se chama inumanidade.
 - (d) O trans-atlântico naufragou por falta de retropropulsores.
 - (e) O exemplo supracitado não é igual ao infraescrito.
- 39.** Identifique a frase que contém **erro** quanto ao uso de hífen.
- (a) Vi um sem-terra conversando com um sem-teto.
 - (b) Entreouviram meu depoimento porque deixaram a porta entreaberta.
 - (c) Ela tem hipo-sensibilidade e hiper-atividade.
 - (d) Faço palestras intramuros e uso meu próprio retroprojeto.
 - (e) As regiões supra-hepática e suprarrenal estão normais.
- 40.** “Um acordo entre os dois países facilitará a coprodução de filmes”. Caso o prefixo não fosse CO, mas SUPER, como seria grafada a palavra?
- (a) super-produção;
 - (b) superprodução;
 - (c) super produção;
 - (d) súper-produção;
 - (e) súper produção.
- 41.** Assinale a opção que contém **erro** na grafia da palavra formada por recomposição.
- (a) aeroespacial;
 - (b) agroindustrial;
 - (c) cardiorrespiratório;
 - (d) eletrossiderurgia;
 - (e) lipoigiene.

42. Assinale a opção que contém **erro** na grafia da palavra formada por recomposição.

- (a) macrorregião;
- (b) mega-operação;
- (c) micro-hino;
- (d) mididesvalorização;
- (e) minimercado.

43. Assinale a opção que contém **erro** na grafia da palavra formada por recomposição.

- (a) maxissaia;
- (b) mesofauna;
- (c) mono-espécie;
- (d) multi-imperialismo;
- (e) unissexuado.

44. Assinale a opção que contém **erro** na grafia da palavra formada por recomposição.

- (a) neoexpressionismo;
- (b) paleomagnético;
- (c) pluriocular;
- (d) poliinsaturado;
- (e) pseudossufixo.

45. As combinações *tetra + campeonato*, *penta + sílabo*, *hexa + valência*, *hepta + colorido* e *octo + secular*, formadas por recomposição, devem ser escritas com ou sem hífen?

- (a) Todas elas devem ser escritas com hífen;
- (b) Nenhuma delas deve ser escrita com hífen;
- (c) O hífen é opcional nas cinco palavras;
- (d) Apenas *penta-sílabo* e *octo-secular* recebem hífen;
- (e) Apenas *tetra-campeonato* recebe hífen.

46. Assinale a opção que está de acordo com a convenção ortográfica.

- (a) áudio-amplificador;
- (b) cine-empendedorismo;
- (c) foto-novela;
- (d) tele-marketing;
- (e) vídeo-teipe.

47. Assinale a opção que está de acordo com a convenção ortográfica.

- (a) sócio-econômico;
- (b) sócio-histórico;
- (c) sócio-linguístico;
- (d) sócio-político;
- (e) sócio-turístico.

48. Assinale a opção que está de acordo com a convenção ortográfica.

- (a) pan-americanismo;
- (b) pan-germanismo;
- (c) panelenismo;
- (d) pam-brasileirismo;
- (e) paneslavismo.

49. Identifique a frase que está de acordo com a convenção ortográfica.

- (a) Por auto-recreação, farei uma auto-análise.
- (b) Ganharei autoconfiança e pintarei um auto-retrato.
- (c) A autocrítica do povo diz que essa região é autossustentável.
- (d) Faziam auto-promoção e publicavam no jornal os auto-elogios.
- (e) Minha prima é autodidata e progrediu muito com a auto-instrução.

50. Identifique a frase que está de acordo com a convenção ortográfica.

- (a) Os estudos homo-eróticos desenvolveram-se além-mar.
- (b) O setor neuro-cirúrgico tem médicos em regime de semi-internato.
- (c) A pesquisa era psico-histórica e etnolinguística.
- (d) A bio-energia se desenvolve junto com a geopolítica.
- (e) As usinas termo-nucleares assustam os eco-libertadores.

Grupo III: generalidades

51. Assinale a palavra que **não** se completa com a letra **S**.

- (a) can__aço;
- (b) dan__ar;
- (c) in__osso;
- (d) preten__ioso;
- (e) sal__icha.

52. Assinale a palavra que **não** se completa com o dígrafo **SS**.

- (a) abi__al;
- (b) fó__il;
- (c) mi__ionário;
- (d) pa__oca;
- (e) percu__ão.

53. Assinale a palavra que **não** se completa com a letra **C**.

- (a) cáli__e;
- (b) en__íclica;
- (c) ma__iço;
- (d) pê__ego;
- (e) vi__ejar.

54. Assinale a palavra que **não** se completa com a letra **Ç**.

- (a) al__apão;
- (b) alma__o;
- (c) far__ante;
- (d) mu__ulmano;
- (e) pregui__a.

55. Assinale a palavra que **não** se completa com o dígrafo **SC**.

- (a) cre__imento;
- (b) di__ente;
- (c) ino__ente;
- (d) na__ido;
- (e) pi__ina.

56. Assinale a palavra que **não** se completa com o dígrafo **XC**.

- (a) e__encial;
- (b) e__êntrico;
- (c) e__esso;
- (c) e__eto;
- (e) e__itar.

57. Assinale a palavra que **não** se inicia com a letra **H**.

- (a) __armônico;
- (b) __erbívoro;
- (c) __ermetismo;
- (d) __ierarquia;
- (e) __úlceras.

58. Assinale a palavra que **não** se completa com a letra diacrítica **H**.

- (a) c__iar;
- (b) compan__ia;
- (c) famil__ar;
- (d) fil__arada;
- (e) mil__eiro.

59. Assinale a palavra que **não** se completa com a letra **Z**.

- (a) avali__ar;
- (b) bati__ar;
- (c) catequi__ar;
- (d) envie__ar;
- (e) simpati__ar.

60. Assinale a palavra que **não** se completa com a letra **X**.

- (a) e__agerado;
- (b) e__íguo;
- (c) ê__odo;
- (d) ine__ato;
- (e) o__ônio.

61. Assinale a opção cujas palavras se completam com a letra **J** (e não com G).

- (a) berin__ela, gor__eta;
- (b) __íria, ti__ela;
- (c) ma__estade, a via__em;
- (d) eles via__em, an__elical;
- (e) re__citado, __itano.

62. Assinale a opção cujas palavras se completam com a letra **Z** (e não com S).

- (a) pu__er, qui__er;
- (b) fi__er, atravé__;
- (c) atrás__, a__teca;
- (d) por um tri__, flor-de-li__;
- (e) cuscu__, va__ante.

63. Assinale a opção cujas palavras se completam com a letra **X** (e não com CH).

- (a) __ícara, __arque;
- (b) gra__a, __imarrão;
- (c) __erife, re__on__udo;
- (d) amei__a, fa__ina;
- (e) la__ante; ca__imbo.

64. Assinale a opção cujas palavras se completam com a letra **I** (e não com E).

- (a) al__crim, ár__a (superfície), __ndireitar;
- (b) car__stia, confet__, __mpecilho;
- (c) dent__frício, __ntitulado, pr__vilégio;
- (d) irr__quieto, __mbutido, qu__sito;
- (e) lamp__ão, pal__tó, p__n__c__lina.

65. Assinale a opção cujas palavras se completam com a letra **U** (e não com O).

- (a) búss__la, c__rtiça, b__tequim;
- (b) c__ringa (carta), c__rtume, tab__leta;
- (c) reb__talho, reb__liço (confusão), t__rdilho;
- (d) l__mbriga, pir__lito (doce), jab__ticaba;
- (e) s__petão, s__taque, t__rmalina.

66. Assinale a opção que contém encontros consonantais grafados corretamente porque as duas consoantes são pronunciadas.

- (a) accionar, acto;
- (b) aflicção, baptismo;
- (c) coleccionar, objecção;
- (d) erupção, eucalipto;
- (e) exactamente, óptimo.

67. Assinale a opção que contém encontros consonantais grafados corretamente porque a pronúncia das duas consoantes é praticada no Brasil.

- (a) accessório, secção;
- (b) aspecto, recepção;
- (c) ceptro, facto;
- (d) direcção, adopção;
- (e) súbdito, amígdala.

68. Assinale a opção que contém encontros consonantais grafados corretamente porque a pronúncia das duas consoantes é praticada no Brasil.

- (a) aritmética, fricção;
- (b) efectivo, defectivo;
- (c) ceptro, amnistia;
- (d) concepção, indemnizar;
- (e) seccionar, didáctico.

69. Assinale a opção que contém emprego autorizado para **K**, **W** ou **Y**.

- (a) skakespeariano;
- (b) ypiranguense;
- (c) afrikanidade;
- (d) darwynismo;
- (e) new-yorkino.

70. Assinale a opção que contém emprego **não** autorizado para **K**, **W** ou **Y**.

- (a) Andei 10 km para chegar até sua casa.
- (b) Acompanhei aquele seriado pelo canal Warner.
- (c) Gostava de ouvir as piadas de um programa chamado PRK30.
- (d) Uma lâmpada de 100 watts precisa de quanto carvão para funcionar?
- (e) Comprei 5 quilos de carne no mercadinho.

71. Complete coerentemente as frases abaixo, usando **MAIS** (advérbio, pronome, substantivo ou adjetivo) ou **MAS** (conjunção ou substantivo), conforme o caso.

- a) Eu sei _____ sobre a vida dele do que você, _____ não sou fofoqueira.
- b) _____ uma pergunta e você será o _____ infeliz dos homens.
- c) O _____ importante era amá-lo, _____ a _____ desinteressada era ela.
- d) _____ alguém quer um pedaço de bolo? Primeiro aqueles que ainda não pediram _____.
- e) _____ mesmo que você desista agora, valerá _____ a pena se nós tentarmos de novo no futuro.

72. Complete a grafia dos verbos no presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme o caso.

- a) Ele od__a a própria sombra. (*odiar*)
- b) Peço que você continu__ a estudar. (*continuar*)
- c) Ele destr__ nossa reputação quando faz isso. (*destruir*)
- d) Eles fr__am sempre antes da curva. (*frear*)
- e) Nós fr__amos o carro, mas não adiantou. (*frear*)
- f) Isto influ__ no nosso rendimento. (*influir*)
- g) Eu arr__ as cartas do meu lado hoje. (*arriar*)

- h) Tomara que isso não o mago____. (*magoar*)
i) Tu tra____s os teus princípios morais agindo como um devasso. (*trair*)
j) Ele atra____ a inveja alheia quando se veste assim. (*atrair*)
k) Por que tu contribu____s para o caos no trânsito? (*contribuir*)
l) Quero que tu ans____s um futuro brilhante para teus filhos. (*ansiar*)
m) Eu sempre rea____ diante da injustiça. (*reagir*)
n) Por que tu não fo____s logo para bem longe daqui? (*fugir*)
o) A atriz que preza pela aparência sempre se maq_____ no camarim. (*maquiar*)

73. Forme substantivos abstratos, verbos ou adjetivos, conforme o indicado.

- a) ácido (s.) = _____
b) autor (v.) = _____
c) áspero (s.) = _____
d) corte (a.) = _____
e) friso (v.) = _____
f) grávida (s.) = _____
g) ligeiro (s.) = _____
h) lúcido (s.) = _____
i) montanha (a.) = _____
j) pedra (a.) = _____
k) pequeno (s.) = _____

l) Pequim (a.) = _____

m) ríspido (s.) = _____

n) sátira (v.) = _____

o) sórdido (s.) = _____

74. Forme cognatos das palavras abaixo, usando as terminações **-ção**, **-são** ou **-ssão**.

a) admitir = _____

b) adotar = _____

c) agredir = _____

d) ceder = _____

e) coagir = _____

f) compelir = _____

g) comprimir = _____

h) compungir = _____

i) conter = _____

j) distender = _____

k) distinguir = _____

l) emergir = _____

m) emitir = _____

n) estender = _____

o) erigir = _____

p) extorquir = _____

q) excetuar = _____

r) extinguir = _____

s) isentar = _____

t) obter = _____

u) punir = _____

v) reter = _____

w) remir = _____

x) reverter = _____

y) submeter = _____

z) traduzir = _____

75. Forme palavras derivadas:

a) o recipiente onde fica a manteiga: _____

b) o profissional que corta o cabelo: _____

c) a loja que vende salsichas: _____

d) o profissional que faz serviços elétricos: _____

e) o sanduíche que mistura presunto e queijo: _____

76. Preencha as lacunas com um dos parônimos colocados entre parênteses.

a) O sino _____ cadenciado. (suava / soava)

b) O fato passou-se _____. (despercebido / desaperebido)

- c) A embarcação estava _____ para o combate.
(despercebida / desapercibida)
- d) Ofereci-lhe um ramalhete de
flores _____. (flagrantes / fragrantes)
- e) Nossos esforços _____ efeito. (sortiram /
surtiram)
- f) Os navios fenícios _____ os mercados de
produtos. (sortiam / surtiam)
- g) O menor precisa de proteção enquanto ser _____.
(indefeso / indefesso)
- h) Resolveram _____ o trajeto por causa do mau
tempo. (deferir / diferir)
- i) Nenhum requerimento foi _____. (deferido
/ diferido)
- j) Em defesa de meus direitos, impetrei um _____ de
segurança. (mandado / mandato)
- k) O _____ dos prefeitos será de quatro anos.
(mandato / mandado)
- l) Seremos fiéis ao _____ de nossas obrigações.
(cumprimento / cumprimento)
- m) Oswaldo Cruz foi um brasileiro _____.
(iminente / eminente)
- n) Ameaça-nos um perigo _____.
(iminente / eminente)
- o) A justiça há de _____-lhe pena adequada.
(infligir / infringir)
- p) Os desordeiros haviam _____ a lei. (infligido
/ infringido)
- q) O contrato será _____ depois de ser _____
o erro. (ratificado / retificado)

- r) Ele pediu _____ do serviço porque precisava comprar mantimentos para colocá-los em sua _____.
(despensa / dispensa)
- s) A Lei Eleitoral _____ o voto facultativo e _____ o voto obrigatório. (prescreve / proscreeve)
- t) Esse concurso _____ no prazo de um ano.
(prescreve / proscreeve)

77. Substitua as expressões grifadas por um dos parônimos oferecidos.

- a) Foram punidos por haverem transgredido a Lei. (infligido / infringido)
- b) Compraram para o salão de festas um lampadário de cristal. (lustre / lustro)
- c) O guerreiro valente não teme o perigo. (intimorato / intemerato)
- d) Desejo conservar o que disse ontem. (ratificar / retificar)
- e) As crianças mergulharam na piscina. (imersam / emergiram)
- f) Deixaram a pátria depois da falência. (imersam / emigraram / migraram)
- g) Vários peixes vieram à tona. (emergiram / imersam)
- h) Eleveamos nossas preces à Virgem Imaculada. (intimorata / intemerata)
- i) O daltônico não é capaz de distinguir as cores.
(discriminar / discriminar)
- j) O advogado de defesa procurou inocentar o réu.
(discriminar / discriminar)

78. Preencha as lacunas com um dos homônimos colocados entre parênteses.

- a) Um enxadrista _____ não deve competir com

- um adversário experimentado, assim como um indivíduo _____ não deve competir com um instruído. (incipiente / insipiente)
- b) Tomaram o elevador Lacerda e, à medida que _____, as luzes da Cidade Baixa se _____, contrastando com o sol que se punha no horizonte. (ascendiam / acendiam)
- c) No antigo _____ imperial, foi inaugurado um lindo museu. (paço / passo)
- d) Adquirimos o aparelho na _____ de eletrodomésticos. (sessão / cessão / seção)
- e) Informaram-me na _____ em que trabalho que a Câmara fará hoje uma _____ extraordinária para discussão do projeto de lei que dispõe sobre a _____ de terras aos índios. (cessão / seção / sessão)
- f) Assisti ontem à noite a um belo _____ de música erudita. (concerto / conserto).
- g) O _____ do computador custou muito caro. (conserto / concerto)
- h) A carne não estava bem _____. (cozida / cosida)
- i) A modista ainda vai _____ os vestidos. (cozer / coser)
- j) Depois de _____ toda a madeira, o operário ia limpar a oficina, _____ as portas e enfim descansar. (cerrar / serrar)
- k) Os culpados irão _____ as suas culpas. (expiar / espiar)
- l) Estamos esperando que o palestrante tome seu _____. (acento / assento)
- m) As autoridades têm o direito de _____ minha licença para _____. (caçar / cassar)
- n) Terminada a ópera, os _____ aplaudiram o artista. (espectadores / expectadores)

- o) O _____ da população deve ser feito por pessoas competentes de bom _____. (censo / senso)
- p) Uma mulher _____ de um olho é quem faz a _____ do trigo nesta época do ano. (sega / cega)
- q) Um _____ extraviado foi encontrado junto com os pertences do falso _____ árabe. (cheque / xeque)
- r) Na procissão do _____, aquele _____ fez uma demonstração de malabarismo. (sírio / círio)
- s) Aquele _____ tem bom gosto e não usaria um terno assim tão _____. (ruço / russo)
- t) Posso _____ de competente o técnico que soube _____ as importações de supérfluos. (taxar / tachar)

79. Corrija os **erros** ortográficos cometidos nas frases abaixo.

- a) Na próxima sexta-feira, a população espiritosantense comparecerá ao recenhinaugurado Parque do Bentevi, que fica super-perto da entrada para a antiga auto-estrada de Vila-Velha. Vai acontecer lá um hiper-show com o neoastro do rock inglês, de cujo nome eu não me lembro agora.
- b) Se ele canta-se uma valsa vienense, convidalo-íamos para representar nossa terra bem-quista no Festival de Música erudito-popular na Vila do Umbú.
- c) O Super-Homem, o Ultra-Raio, o Super-Pateta, a Mulher-Gato e o Homem-Aranha são supereróis das histórias-em-quadrinhos que fazem um mega-sucesso aqui e além-fronteiras.
- d) As malamadas não são benvindas porque só se sobre-saem quando começam a pensar nos seus ex-amores que as deixaram ao deusdará.
- e) Era sempre o mesmo ramerrame entre aqueles vicelíderes pães-duros e semvergonhas que viviam de cara-cheia.

80. Reescreva os trechos sublinhados substituindo o complemento por um pronome oblíquo átono.

a) Encontrarei os vencedores após a entrevista. = _____

b) Encontrarás a mim após a entrevista. = _____

c) Encontrará a nós após a entrevista. = _____

d) Encontraremos os vencedores após a entrevista. = _____

e) Encontrareis as vossas esposas após a entrevista. = _____

f) Encontrarão a mim após a entrevista. = _____

CHAVE DE RESPOSTAS

Grupo I:

01. E (“cor” não tem acento) / 02. A (encontrá-lo-á) / 03. D (“hifens” não tem acento) / 04. E (Cristóvão) / 05. E (“distinguem”, “extinguem” e “conseguem” não têm acento porque o U não é pronunciado, não havendo ditongo) / 06. B (“redarguo” e “redarguis”, no Pres. do Ind., e “redargua” e “redarguam”, no Pres. do Subj., não têm acento porque o U, embora pronunciado, é TÔNICO – se houvesse acento, ele seria colocado sobre o U) / 07. B (“rubrica” não tem acento: é paroxítona) / 08. A (as três palavras não têm mais acento: androide, epopeia, tipoia) / 09. B (“magoa” e “coroa” não têm acento) / 10. E (“gratuito” e “fluido” não possuem hiato, mas ditongo – a forma “fluído” é participípio do verbo “fluir”) / 11. C (“baiuca” e “feiura” não têm mais acento) / 12. A / 13. A / 14. C (acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU e Ói)

oxítonos) / 15. D (“açai” = hiato com I; as demais palavras são oxítonas em As, Es, Os) / 16. E (“clímax” = paroxítona em X; as demais são proparoxítonas) / 17. A (paroxítonas em ditongo) / 18. B (álcoois) / 19. A (juniores) / 20. D (juízes).

Grupo II:

21. A (grã-fino) / 22. D (passatempo & vaivém) / 23. B (dom-
quixotismo) / 24. B (nova-iguaçuense) / 25. B (“bode expiatório”,
“roupa de baixo” e “camisa social” não são palavras compostas) / 26.
E (“vitamina de frutas”, “gaiola torácica” e “saco de gatos” não são
palavras compostas) / 27. A (ítalo-franco-germânica) / 28. C (mal-
estar & mal-agradecido) / 29. B (benfeitorias & benditas) / 30. B
(carro-forte & gelo-baiano) / 31. D (carobaguaçu & abelhamirim: o
primeiro elemento termina em vogal átona) / 32. A (extraordinário)
/ 33. B (anti-imperialista) / 34. E (não conformista, não
cumprimento, não violência) / 35. D (contrarreforma, contrassenha)
/ 36. C (extraconjugal, extracurricular, extraescolar, extragramatical,
extrajudicial) / 37. B (inter-relacionamento) / 38. D (transatlântico) /
39. C (hipossensibilidade & hiperatividade) 40. B / 41. E (lipo-higiene)
/ 42. B (megaoperação) / 43. C (monoespécie) / 44. D (poli-insaturado)
/ 45. B (ficam justapostas, mas duas delas duplicam o S) / 46. B (as
demais não têm hífen nem acento) / 47. B (as demais não têm hífen nem
acento em “socio”) / 48. A (“pangermanismo”, “pan-helenismo”, “pan-
brasileirismo”, “pan-eslavismo”) / 49. C (“autorrecreação”, “autoanálise”,
“autorretrato”, “autopromoção”, “autoelogios”, “autoinstrução”) / 50.
C (“homoeróticos”, “neurocirúrgico”, “bioenergia”, “termonucleares”,
“ecolibertadores”)

Grupo III:

51. B (dançar) / 52. D (paçoca) / 53. D (pêssego) / 54. C (farsante) /
55. C (inocente) / 56. A (essencial) / 57. E (úlceras) / 58. C (familiar)
/ 59. D (enviesar) / 60. E (ozônio) / 61. A (berinjela, gorjeta – gíria,
tigela – majestade, a viagem – eles viajem, angelical – rejeitado, gitano)

/ 62. E (puser, quiser – fizer, através – atrás, asteca – um triz, flor-de-lis – cuscuz, vazante) / 63. D (xícara, charque – graxa, chimarrão – xerife, rechonchudo – ameixa, faxina – laxante, cachimbo) / 64. C (alecrim, área, endireitar – carestia, confete, empecilho – dentifrício, intitulado, privilégio – irrequieto, embutido, quesito – lampião, paletó, penicilina) / 65. B (bússola, cortiça, botequim – curinga, curtume, tabuleta – rebotalho, rebuliço, tordilho – lombriga, pirulito, jabuticaba – supetão, sotaque, turmalina) / 66. D (das demais, apenas “objeção” está correto) / 67. B (das demais, apenas “amígdala” é praticada no Brasil) / 68. A (das demais, apenas “defectivo”, “concepção” e “seccionar” são praticadas no Brasil) / 69. A (ipiranguense, africanidade, darwinismo, nova-yorkino ou nova-iorquino) / 70. E (5kg ou 5 quilos) / 71. a) mais, mas; b) mais, mais; c) mais, mas, mais; d) mais, mais; e) mas, mais / 72. a) odeia; b) continue; c) destrói; d) freiam; e) freamos; f) influi; g) arrio; h) magoe; i) trais; j) atraí; k) contribuis; l) anseies; m) reajo; n) foges; o) maquia / 73. a) acidez; b) autorizar; c) aspereza; d) cortês; e) frisar; f) gravidez; g) ligeireza; h) lucidez; i) montanhês; j) pedrês; k) pequenez; l) pequinês; m) rispidez; n) satirizar; o) sordidez / 74. a) admissão; b) adoção; c) agressão; d) cessão; e) coação; f) compulsão; g) compressão; h) compunção; i) contenção; j) distensão; k) distinção; l) emersão; m) emissão; n) extensão; o) ereção; p) extorsão; q) exceção; r) extinção; s) isenção; t) obtenção; u) punição; v) retenção; w) remissão; x) reversão; y) submissão; z) tradução / 75. a) manteigueira; b) cabeleireiro; c) salsicharia; d) eletricista; e) misto (de “ato de misturar presunto com queijo” para “um tipo de sanduíche”, com abreviação por elipse) / 76. a) soava; b) despercebido; c) despercebida; d) fragrantes; e) surtiram; f) sortiram; g) indefeso; h) diferir; i) deferidos; j) mandado; k) mandato; l) cumprimento; m) eminente; n) iminente; o) infligir; p) infringido; q) ratificado e retificado; r) dispensa e despensa; s) proscreve e prescreve; t) prescreve / 77. a) infringido; b) lustre; c) intemorato; d) ratificar; e) imergiram; f) emigraram; g) emergiram; h) intemerata; i) discriminar; j) discriminar / 78. a) incipiente e insipiente; b) ascendiam e acendiam; c) paço; d) seção; e) seção, sessão e cessão; f) concerto; g) conserto;

h) cozida; i) coser; j) serrar e cerrar; k) expiar; l) assento; m) caçar; n) espectadores; o) censo e senso; p) cega e sega; q) cheque e xeque; r) círio e sírio; s) russo e ruço; t) tachar e taxar / 79. a) sexta-feira, espírito-santense, recém-inaugurado, Bem-te-vi, super perto, autoestrada, Vila Velha, hipershow, neoastro; b) cantasse, convidá-lo-íamos, benquista, erudito-popular, Umbu; c) Super-Homem, Ultrarraio, Superpateta, Mulher-Gato, Homem-Aranha, super-heróis, histórias em quadrinhos, megassucesso, além-fronteiras; d) mal-amadas, bem-vindas, sobressaem, ex-amores, deus-dará; e) rame-rame, vice-líderes, pães-duros, sem-vergonhas, cara cheia / 80. a) Encontrá-los-ei; b) Encontrar-me-ás; c) Encontrar-nos-á; d) Encontrá-los-emos; e) Encontrá-las-eis; f) Encontrar-me-ão.

8.2. BRINCANDO COM A ORTOGRAFIA³⁴ (EXERCÍCIOS DISCURSIVOS)

01. O caderno Ataque do jornal *O Dia*, do Rio de Janeiro, publicou no dia seguinte ao da terceira vitória de Gustavo Kuerten no torneio de Roland Garros, na França (2001), a seguinte manchete:



**ULALAH,
GUGÁ!**

Interprete a grafia acentuada no nome do nosso tenista.

³⁴ Inspirado no modelo de Rodolfo Ilari.

02. No dia 20 de julho de 2005, o *Jornal do Brasil* estampou a seguinte manchete de primeira página.



O acento diferencial na forma verbal da manchete foi abolido pela reforma de 2008. Qual a consequência disso para o entendimento do texto? Explique.

03. A tirinha abaixo registra uma cena escolar.



Para construir o humor da historinha, o cartunista faz o professor dizer uma frase que pressupõe um conhecimento metalinguístico de Pedrinho. Explique por que a resposta do

aluno mostra que ele compreendeu a palavra fonológica do professor segundo uma possibilidade semântica diferente da pretendida.

Depois, usando homônimos de mesmo tipo (concerto x concerto), elabore um pequeno diálogo que explore o mesmo “jogo de palavras” feito pelo cartunista.

04. Observe, na notícia do *Jornal do Brasil* de novembro de 2006, que a grafia abreviada do prenome da atriz portuguesa Conceição José tem consequências semânticas. Interprete o emprego de S em lugar de Ç e comente as interligações existentes no caso (fono-ortográficas e morfossemânticas).

Com todo o respeito, São José é uma linda mulher, baixinha e atraente, que usa decotes profundos, revelando belos seios. Atriz portuguesa de *Paixões proibidas*, que estréia dia 14, na Band, São José (“São” é apelido de Conceição) interpreta Elisa de Mandeville na novela de Aimar Labaki, baseada em texto de Camilo Castelo Branco. Na festa de lançamento, diretores da Band e da RTP, sócia no projeto, elogiaram os fortes concorrentes, mas acreditam que sempre cabe mais um.

DIVULGAÇÃO



São José, quem diria, é linda

(*Jornal do Brasil*, Caderno B, 01 de novembro de 2006)

05. A Lei 5.765, de 18 de dezembro de 1971, retirou o acento diferencial de timbre da palavra “côco”, que passou a ser grafada apenas “coco”. A fotografia ao lado demonstra um desvio ortográfico decorrente da efetiva necessidade do uso de acento nessa palavra?



06. Comente os problemas ortográficos encontráveis no panfleto abaixo.

**SE VOCÊ ESTÁ COM SAUDADE DE SUA TERRA
NATAL, NÃO SE PREOCUPE NÓS VAMOS
TRAZER UM PEDACINHO DELA PARA VOCÊ**

Polpas de Frutas do Norte e Nordeste

Bacuri	Açaí	Graviola	Tamarindo
Murici	Mangaba	Kiwi	Manga
Taperebá	Araça	Amora	Mamão
Umbú	Acerola	Pitanga	Maracujá
Cupuaçu	Carambola	Coco Verde	Abacaxi
Siriguela	Cacau	Cajá	Merango
			Cajú

**Temos também, farinha de Tapioca e
farinha D'agua (Branca e Amarela)**
(PATINHA DE CARANGUEJO) — XAROPE DE GUARANÁ - MEL.
— SORVETES: AÇAÍ - CUPUAÇU - BACURI - TAPEREBÁ —

FAÇA SEU PEDIDO PELO Tel.

DIST. INTERNA

07. A historinha que segue está contada na internet.

Cresci ouvindo meu pai contar que alguém de passagem por uma cidade do interior e precisando de um alfaiate pediu informações e lhe foi recomendado um logo ali, muito bom. Ao ver a placa da alfaiataria disse ao proprietário lamentar muito que um alfaiate de mão cheia escrevesse errado o nome do próprio negócio. Não dava para confiar em alguém assim.

– Alfaiataria Águia de Ouro. O senhor não colocou o acento de *águia* !

O alfaiate olha o visitante com estranheza e explica:

– Não, senhor. Não é Águia de Ouro, não. É Agúia de Ouro.



O acento no ditongo UI não está previsto em nossa convenção ortográfica. Como escrever a palavra “agulha” do jeito que é pronunciada na piada?

08.

Ao final da aula, a professora pede ao Joãozinho que vá ao quadro:

– Escreva uma frase que sirva para encerrarmos a lição de hoje.

– Está bem, tia.

Sem pestanejar, Joãozinho pega o giz e executa a tarefa.

PURO GESSO

– Ô, Joãozinho! Como é que “puro gesso” pode servir para encerrar a lição de nossa aula?

– Ih, professora, desculpe. Esqueci os acentos.

Volta ao quadro e completa:

PURÔ GESSÓ

O efeito de humor dessa piada repousa sobre a compreensão instintiva da função dos acentos gráficos e dos conceitos de palavra ortográfica, palavra fonológica e homonímia. Comprove essa afirmação, reescrevendo a frase de Joãozinho de acordo com a convenção ortográfica e explicando o efeito de humor motivado pela homonímia.

09. A matéria da revista Domingo, do *Jornal do Brasil*, emprega curiosamente o hífen para separar o pronome SE. Justifique a escolha do redator.



10. Uma música de sucesso da década de 70 tinha o seguinte título “Sô Fio da Vêia” (de Luiz Américo) e começava assim: “Sô fio da vêia, oi, eu não pego nada / A vêia tem força, oi, na encruzilhada.”

Pela nova Lei Ortográfica, o ditongo aberto EI só recebe acento se não estiver seguido de vogal. Diante disso, como se deve escrever a palavra “velha” de modo a representar a pronúncia dada na canção?

11. A ilustração abaixo se aplica ao comentário de Ancelmo Góis em sua coluna de *O Globo*, publicada no dia 15 de outubro de 2003:

Não precisa nem CPI. O berço das fraudes no Brasil fica neste banheiro do Aeroporto de Porto Velho, Rondônia, bem em frente à sala de desembarque. Pelo menos, é o que ficou pensando, ao ver esta foto, a velha professora dona Gramática – aliás, hoje, salve ela, é Dia do Professor! (...)

O comentário que o jornalista faz sobre a imagem serve-nos para exemplificar a afirmação de que os assuntos presentes nos estudos de língua portuguesa (fonética/fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, estilística, lexicologia, dialectologia, ortografia...) se inter-relacionam e podem ser motivo de exploração didático-pedagógica.



Interprete o comentário do jornalista à luz dos assuntos gramaticais que ele, direta ou indiretamente, menciona e acrescente considerações sobre por que o assunto “morfologia” tem vínculos com a **fonética**, a **fonologia** e a **ortografia**.

12. O processo de criação vocabular que consiste em reduzir longos títulos utilizando as letras iniciais das palavras que os compõem chama-se **sigla**. É o que ocorre com a palavra “Mercosul”, cuja denominação completa é “Mercado Comum do Cone Sul”.

Pergunta-se:

a) Por que a grafia da palavra “Mercosul”, porém, não pode ser considerada apropriada às regras ortográficas do português?

b) Siglas como “Detran” e “OTAN” também caracterizam “contradições” ortográficas?

13. A alínea “a” do item 1º da Base IV do Acordo Ortográfico estabelece que a consoante P (dos grupos PC, PÇ e PT) deve ser eliminada “nos casos em que é invariavelmente muda nas pronúncias cultas da língua”.

Considerando a grafia atual dos verbos ADAPTAR e ADOTAR e que eles provêm das formas latinas ADAPTARE e ADOPTARE;

Considerando que a grafia ADOPTAR (que persiste em Portugal até a entrada em vigor do Acordo) esteve em uso no Brasil até 1943, interprete por que motivo as evoluções “adaptare > adaptar > adatar” e “adoptare > adoptar > adotar” não se deram completamente.

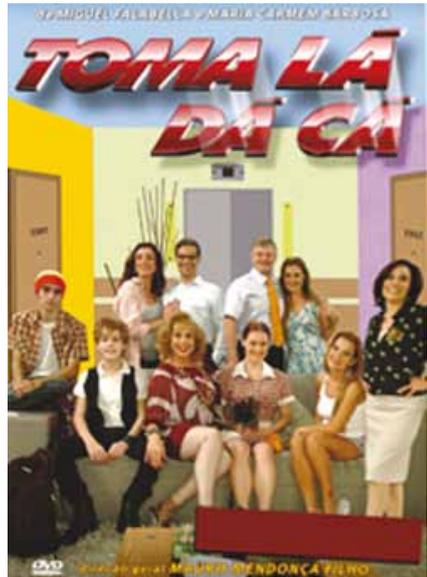
14. O jornal *O Globo* noticiou em setembro de 2007 uma festa do “toma-lá-dá-cá”.

A festa do toma-lá-dá-cá

Sebino nas Canelas, que promove troca de livros, comemora três anos amanhã, na Praça Pio XI

A mesma expressão, porém sem hifens, serviu como título de um programa de tevê.

Pergunta-se: O emprego de hifens, nesses casos, é facultativo ou houve erro em algum dos dois empregos?



15. A notícia abaixo contém três palavras que envolvem o uso ou não de hífen. Identifique-as e explique se estão grafadas conforme os termos do novo Acordo Ortográfico.

SÉRGIO CABRAL assinou ontem decreto que cria as estradas-parques. A lei abre espaço para a pavimentação de estradas históricas, como a que liga a fluminense Paraty à paulista Cunha (foto menor) e a Visconde Mauá-Penedo (foto maior). Os ecologistas sempre foram contra o asfaltamento desses trechos, por temer impactos negativos no meio ambiente. Só que o "ecolibertário",



como o próprio gosta de se apresentar, Carlos Minc, secretário de Meio Ambiente do Rio, garante que a nova legislação prevê 1.001 cuidados ambientais. As estradas-parques terão, por exemplo, dutos que permitirão a passagem de bichos de um lado para o outro. A conferir

O GLOBO: setembro de 2007

16. Uma palavra estrangeira pouco usada no português foi incorporada ao noticiário da imprensa depois dos incidentes de 11 de setembro em Nova Iorque: talibã. Ela não está ainda dicionarizada, e a vemos grafada de modos variados: *taliban*, *taleban*, *talibã* e *talebã*.

A Base VI do texto do Acordo diz:

1º) Quando uma vogal nasal ocorre em fim de palavra, ou em fim de elemento seguido de hífen, representa-se a nasalidade pelo til, se essa vogal é de timbre *a*; por *m*, se possui qualquer outro timbre e termina a palavra; e por *n* se é de timbre diverso de *a* e está seguida de *s*: *afã*, *grã*, *Grã-Bretanha*, *lã*, *órfã*, *sã-braseiro* (forma dialetal; o mesmo que *são-brasense* = de S. Brás de Alportel); *clarim*, *tom*, *vacum*, *flautins*, *semitons*, *zunzuns*.

Pergunta-se:

- a) Qual deve ser a grafia oficial para essa palavra?
- b) Por que há a flutuação entre E e I na sílaba intermediária?

17. Na epígrafe deste livro, transcrevemos o trecho inicial da canção “O pato”, consagrada por João Gilberto, composta por Jayme Silva e Neuza Teixeira: “O pato vinha cantando alegremente: – Quem... Quem...”

Com a supressão do trema, qual a solução ortográfica para que o leitor não seja induzido a imaginar que o pato era um cantor investigativo procurando alguém, mas apenas um pato que grassava com alegria?

18. Numa coluna publicada em agosto de 2007 no jornal *O Globo*, intitulada “O Trema, dois pingos que tranqüilizam a língua”, Joaquim Ferreira dos Santos escreve com ironia uma espécie de ode ao trema.

No parágrafo final, ele diz:

Eu não tremo diante do trema. [...] Curto o trema. Quero-lhe bem, sempre quieto, zelando pela ordem estabelecida nos livros que me ensinaram. Que agüente o tranco nesta hora de seqüestro da razão. Ele é um querido indispensável a me guiar, feito lingüiça ao cachorro, pelos caminhos corretos do bom paladar da língua. Sempre na dele, cumprindo sem deságüe de caixa dois, sem ambigüidade administrativa, as suas funções de funcionário público ortográfico. Faz o dele, essa compreensão fundamental do que é ser cidadão. Informa ao ilustre passageiro trafegando por nossas palavrinhas que chegou a hora, se aparecer em cima do “ü” e antes do “ë” ou do “ï”, de armar um discreto biquinho e separar as vogais. Pode alguém argüir

a inutilidade dessa função?! É possível alguém reclamar de o cérebro quase se desmilingüir diante de algo tão simples?! Apazigüemos os espíritos, aquietemos os unguentos dos lusófonos que querem unir a ortografia de todos os países civilizados por Camões, um desses aborrecimentos questionáveis que não movem a Humanidade um centímetro no rumo do que interessa: a quietude dos ossos, o quintal das delícias, os doces querereres da carne e do espírito. Deixem o trema onde está, olhando de cima essa confusão nos aeroportos, nos congressos e nas polícias. Ele é do bem. Não derrama sangue. Não quebra a bolsa. Não se queixa na CPI. Sempre na dele, está se lixando para a eternidade quixotesca desses generais em estátuas eqüestres – mas exige respeito. Disciplinado, antiqüíssimo no posto onde cumpre sua missão com louvor, ele pode ser no máximo acusado de provocar um esforço muscular maior à língua. É muito pouco diante do elevado quociente de delinqüência que nos acomete. O trema é um quiosque onde se tranqüilizam os olhos ao prazer das coisas, líquidas e certas, que desde a infância nos são freqüentes. Nossa pátria é nossa língua. O início de tudo. O pingo da mãe e o pingo do pai. O desenrolar da História e o acervo de suas conseqüências.

O resto é fútil quiproquó.

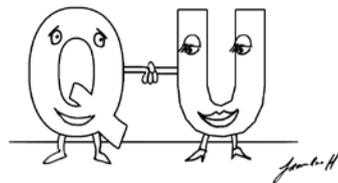
Faça alguns comentários “estilístico-ortográficos” sobre o texto.

19. A placa fotografada ilustra a propaganda do lançamento de um condomínio de alto luxo na região turística do Algarve, no sul de Portugal. Tendo em vista os elementos visuais que ilustram a placa e considerando aspectos típicos da língua falada da modalidade lusitana, interprete a identidade dada ao condomínio (*Balaia Village*).



20. A compreensão da charge à esquerda depende de um conhecimento de fonética, de ortografia ou de fono-ortografia? Explique.

Os Inseparáveis...



CHAVE DE RESPOSTAS

01. O apelido do tenista é GUGA (palavra paroxítona – a sílaba tônica é GU), mas o jornal colocou um acento agudo para mudar a posição da sílaba tônica da palavra, que deve ser lida como oxítona (agora, a sílaba tônica é GA). A manchete começa com uma interjeição tipicamente francesa (ulalah!), para reforçar a intenção do jornalista de valorizar a conquista do nosso tenista em quadras francesas. Daí, sua ideia de “afrancesar” a palavra GUGA. Como, em francês, as palavras são predominantemente oxítonas, a solução foi transformar a palavra paroxítona de nossa língua em oxítona. Ela ficou com “jeito” de palavra francesa. Conclusão: Guga, bicampeão de um torneio na França, já pode se considerar “cidadão honorário de Paris” (ou algo assim). Tanto que até seu nome já tem uma pronúncia francesa... Mas... para fazer com que o leitor brasileiro pudesse entender todos os significados implícitos dessa manchete, o jornalista teve de seguir uma velha regrinha de acentuação gráfica do português: *acentuam-se as palavras oxítonas terminadas em A*.

02. O acento em *pára* (verbo) dava à manchete o sentido de “justiça interrompe investigações”. Sem o acento, pode-se entender “justiça em relação às investigações”, ou seja, as investigações precisariam de julgamento – ou o mereceriam. Com a supressão desse acento, o redator teria de achar outra solução textual.

03. Pedrinho escuta a palavra fonológica [a'sétu] e a compreende como “assento”. O professor referia-se à falta de acentos gráficos nas palavras que o menino escrevera no quadro.

Sugestão de diálogo para os homônimos “concerto x concerto”:

– Amanhã eu e minha filha vamos fazer um concerto numa praça perto de nossa casa.

– Vocês vão substituir os encanamentos ou a fiação dos postes?

04. A grafia São José para “Conceição José” cria uma homonímia entre duas abreviações, a de Santo (> São) e a de Conceição (> Ção > São). Essa grafia, obviamente, tem duas possíveis motivações: uma é a que parte da proibição ortográfica de se começar palavra com “c cedilha”; outra é a que caracteriza a expressividade e a intencionalidade de criar a coincidência para o uso da palavra “São”, no caso em referência a um antropônimo feminino.

05. A palavra que nomeia o fruto utilizado na preparação de doces é um substantivo paroxítono terminado em O e não necessita de acento. A fotografia registra uma palavra oxítona terminada em O, que precisa ser acentuada para ser lida como oxítona. A compreensão exata da pretensão do cartaz se dá por meio dos elementos implícitos e de nossa pressuposição de que o adjetivo “gelado” não é aplicado ao excremento, mas à fruta – neste caso.

06. Fica evidente pela lista de palavras que o redator tem dificuldade com a acentuação das oxítonas, pois coloca acento indevidamente em *murici*, *umbu*, *cupuaçu* e *caju* (oxítonas em I ou U não recebem acento), só acertando nas palavras *bacuri* e *abacaxi*. Além disso, não coloca acento em *açai* (regra do hiato com I sozinho na sílaba) e em *araçá* (regra das oxítonas em A), embora acentue *taperebá*, *cajá* e *maracujá*. Ressalte-se, porém, que a palavra *coco* está corretamente escrita, sem acento. E vale ainda comentar a grafia correta de *caranguejo* e o emprego equivocado de maiúscula em *D’água*.

07. A reprodução ortográfica de pronúncias nem sempre pode se pautar pelas normas que foram estabelecidas a partir da observação da língua padrão. Por isso, a única forma de escrever essa palavra é acentuando o U – ainda que contrariando a convenção. Por se tratar de grafia não oficial, reproduzindo uma pronúncia regional, é preciso contornar a divergência, colocando-se o acento de modo a assegurar a correta leitura. Outra solução seria escrever “aguia” e colocar uma nota metalinguística que alertasse: “com a tônica no U”.

08. A reescritura da frase de Joãozinho é: “Por hoje é só!” A explicação poderia mencionar que o autor da piada encontrou duas palavras ortográficas (“puro” e “gesso”) que se prestavam para estabelecer uma falsa homonímia com a palavra fonológica [puro[E's]]. Para isso, porém, precisou desmembrar a palavra fonológica em duas palavras ortográficas.

09. Ao escrever “Jeans-se” na manchete, o jornalista pretendeu surpreender o leitor e despertar seu interesse para a leitura da reportagem. Apesar de não se empregar o pronome SE em relação a substantivos, a frase parece ter transformado o substantivo em verbo, como se dissesse “Vista-se com *jeans*”. Soluções desse tipo, vetadas em linguagem formal, são admissíveis em textos literários e publicitários.

10. A reprodução ortográfica de pronúncias nem sempre pode se pautar pelas normas que foram estabelecidas a partir da observação da língua padrão. Por isso, a única forma de escrever essa palavra é acentuando o ditongo ÉI – ainda que contrariando a convenção. Por se tratar de grafia não oficial, reproduzindo uma pronúncia regional, é preciso contornar a divergência, colocando-se o acento de modo a assegurar a cor-

reta leitura. Outra solução seria escrever “veia” e colocar uma nota metalinguística que alertasse: “com o E aberto”.

11. Escrever FRAUDÁRIO em lugar de FRALDÁRIO é consequência da pronúncia do grafema L como a semivogal /w/ em posição final de sílaba. A palavra, derivada de FRALDA, acaba parecendo derivada de FRAUDE, embora a placa afixada na porta mostre um bebê (e não um cheque, por exemplo). O erro deu ao jornalista a oportunidade de fazer duas críticas: uma à corrupção, outra à deficiência educacional do país.

12. a) Essa grafia coloca a letra S entre duas vogais, convenção adotada quando o som dessa letra é igual a Z: *arenoso, artesanal, casa, usina...* O mesmo ocorre com a sigla da Universidade do Vale dos Sinos (RS), “Unisinos”. Nesses casos, o correto seria escrever-se “Mercossul” e “Unissinos”, mas acaba prevalecendo a grafia diferente da convenção, como se fosse uma marca.

b) As siglas oxítonas terminadas em N pelo menos não acarretam riscos à pronúncia, mas também representam uma opção estranha à convenção em vigor: *afegã, irmã, maçã, talismã* (oxítonas em A nasal se escrevem com Ã, e não AN).

13. A resposta deve considerar, em primeiro lugar, que o sistema ortográfico do português tem fundamentação fonética, o que explica a presença da letra P em “adaptar” nos dois países. A pronúncia do P em “adoptar” não ocorre no Brasil. Só um motivo etimológico poderia justificar seu uso na grafia – e por isso foi suprimido no Acordo. A síncope do P, primeira consoante de um encontro disjunto, é comum no português, mas não é uma obrigatoriedade, e sua ocorrência segue a lógica dos usuários, nem sempre completamente simétrica e coerente. É

o que acontece também com as palavras “Egito” (e não *Egip-to) e “egípcio” (e não *egício), entre outros casos similares.

14. O emprego do hífen nesses casos não é facultativo, e não se trata de erro nem na manchete do jornal nem no título do programa. Observe-se que a substantivação da expressão ocorreu na notícia por meio do emprego do artigo definido O (o toma-lá-dá-cá), e está confirmada no subtítulo, que fala em “troca de livros”. O programa de televisão emprega as mesmas palavras, mas sem substantivá-las, o que permite concluir que se trata de dois verbos em dois sintagmas, os quais poderiam inclusive estar separados por vírgula: toma lá, dá cá. No VOLP de 2009, esse emprego do hífen em grupos fraseológicos foi abolido.

15. As palavras são “estradas-parques”, “Visconde de Mauá-Penedo” e “ecolibertário”. A grafia está correta nas três, a saber: “estradas-parques” é um substantivo composto formado com dois substantivos; “Visconde de Mauá-Penedo” emprega o hífen para indicar um “encadeamento vocabular”; e “ecolibertário” emprega o antepositivo “eco-”, que só pode receber hífen se estiver seguido de radical iniciado por O ou por H (e não L).

16. a) Uma palavra estrangeira, quando se incorpora ao nosso idioma, deve passar por um tratamento ortográfico compatível com as normas em vigor. No caso de *taliban*, o problema é que a língua estrangeira (o árabe) tem um sistema de representação gráfica que não se coaduna com o nosso. Como devemos saber, as agências internacionais sempre divulgam seus textos na língua inglesa (e em outras línguas, às vezes). A própria agência noticiosa islâmica, IRNA (Islamic Republic News Agency), age assim. O idioma inglês atua, portanto, como um intermediário entre a língua de origem e a língua de destino.

É por isso que muitas palavras que no árabe têm o som “xê” chegam ao português grafadas com “x” e não com “ch”: porque provêm da forma inglesa (que grafa o som “xê” com “sh” e não “ch”). Assim, para a palavra árabe transliterada para o inglês como *shiite*, escrevemos *xiita*, já que, pela convenção em vigor, não se grafa palavra com “sh” em português. Se a transliteração fosse direta, do árabe para o português, nenhum problema haveria com a grafia *chiita*, que, aliás, é registrada no *Vocabulário* da ABL (de 2009) como variante de *xiita*.

Voltemos, porém, para o caso do grupo islâmico de estudantes de teologia. A questão envolve uma figura de linguagem básica no processo de comunicação linguística, e que se chama metonímia. Imaginemos um contexto em que eu me refira a uma pessoa que pertence a grupo religioso que se dedica ao estudo da Bíblia. Enfatizando a proximidade entre essa pessoa e o objeto de sua fé, se eu a chamar de *bíblia* (Lá vem o bíblia!), estarei apenas utilizando um princípio metonímico de expressão.

Na verdade, o mesmo ocorreu no Afeganistão, quando em 1994 o *mulá* (professor) Muhammad Omar organizou um grupo cuja finalidade era estudar o *talib*, palavra árabe cuja raiz significa “procurar” e que representa o estudo teológico. Desse modo, chamar alguém de *talib*, no Afeganistão, equivale a chamar alguém de *bíblia* em português, pois a palavra *talib* passou a representar não apenas o estudo teológico em si, mas também a pessoa que estuda a teologia islâmica. Daí os jornais “traduzirem” *talib* como “estudante”. Por conta disso, acirraram-se as inúmeras divergências religiosas entre grupos islâmicos, protestantes entre si no campo das ideias religiosas e, pior, no campo de batalha propriamente dito.

Só que, de *talib* para *taliban*, temos a entrada do sufixo *-an*, que significa em árabe “plural animado” (em oposição a “plural inanimado”). Por causa desse valor plural, na língua

inglesa alguns dizem “The taliban are” em vez de “The taliban is”, fato que se repete nos jornais lusitanos (“vários grupos de oposição aos taliban estão a organizar-se”: *O Público*) e espanhóis. Ou seja, o sufixo árabe *-an* é mais ou menos igual ao sufixo português *-eiro(s)*, com o valor de “agente”, “aquele que exerce um ofício”. Mas traduzir *taliban* (grafia inglesa) para *talibeiros*, no entanto, seria um preciosismo xenófobo. O melhor mesmo é seguir a tendência internacional e trazer a palavra como aparece na língua de origem, apenas aportuguesando sua grafia.

Por esses motivos, com a vestimenta de nossa língua, o vocábulo perde seu aspecto de plural, passa a ter o tratamento de palavra primitiva e, como tal, segue um dos princípios tradicionais de nossa ortografia (já em vigor no Formulário Ortográfico de 1943): palavras oxítonas ou paroxítonas, comuns ou próprias, terminadas em *a* nasal são grafadas com til. Exemplos: afegã, cristã, talismã, Ubiratã, Ivã, Omã; ímã, órfã... Com isso, a melhor grafia é mesmo *talibã*, e o uso de maiúscula só se justifica quando o termo indica o substantivo próprio que identifica o grupo detentor de 90% do poder no território afegão. Não obstante essas considerações, essa palavra não foi registrada no VOLP de 2009, embora já esteja incluída no Dicionário Aulete Digital com a grafia “talibã”.

b) Sobre a letra *e*, presente na forma *talebã*, adotada por alguns jornais, a explicação é encontrada nas mesmas agências internacionais, que registram também a grafia com *e*, embora em muito menor número. Tal grafia, inglesa, decorre da interpretação fonética de como os árabes pronunciam essa palavra, não sendo absurdo supor que, naquele território, essa vogal seja emitida ou percebida com alguma flutuação entre *e* e *i*, como a que ocorre no modalidade brasileira da língua portuguesa entre *menino* e **minino* ou *paletó* e **palitó*.

No português, o termo *talibã*, além do significado específico que os jornais vira-e-mexe precisam reavivar para o leitor, já assumiu seu papel de palavra de significação negativa. Tanto que o dinamismo dos usuários já registra sua perfeita incorporação à língua portuguesa. Isso se comprova no uso de *talibã* como adjetivo (*fundamentalismo talibã*, *líder talibã*, *futebol talibã*), na formação de palavras derivadas de *talibã* (como em *provincianismo talebanesco*, grafado com *e* em jornal paulista, ou *a talibanização do país*, como apareceu em um anúncio), e até no emprego de *talibã* como metáfora de “chefes do mal” (*talibãs da ortodoxia financeira de Brasília* ou *um talibã doidão*). Esses exemplos foram todos retirados do noticiário dos jornais, mas ainda há espaço para aparecerem verbos (*talibanar*, *talibanizar*?) e outras formações (*talibanólogo*, *talibânico*, *talibã-mor*?).

17. Não há solução ortográfica. O leitor deverá buscar no contexto o significado mais adequado para o trecho. Obviamente, se o pato fosse mesmo um cantor investigativo, a expressão dita por ele seria seguida de um ponto-de-interrogação, mas isso não garantiria nada, pois um outro pato, inseguro com o seu canto, também poderia perguntar-se: – [kwéy] ? [kwéy] ?

18. *Sugestão*: A resposta deve destacar a quantidade expressiva de palavras com trema (quinze), intencionalmente selecionadas pelo autor para compor sua crônica de elogio ao diacrítico. A maioria delas está muito bem empregada, com naturalidade. Também merecem citação as palavras que não levam trema e que estão no mesmo ambiente gráfico, em especial no trecho que começa em “Apazigüemos os espíritos” e termina em “estátuas eqüestres”, que contém dez desses exemplos: aquietemos, querem, questionáveis, quietude, quintal, queres, sangue, quebra, queixa e quixotesca.

19. A imagem de uma “baleia” na placa indica que o nome dado ao condomínio reproduz um hábito de pronúncia dos portugueses, que dizem [ɛy] em vez de [ey]. Ou seja, não temos um ditongo com A aberto, mas com A fechado.

20. O conhecimento necessário é o de fono-ortografia e se baseia na impossibilidade de escrever a letra Q sem estar acompanhada da letra U, ainda que nem sempre para fazer dígrafo (ex.: querida x quase).



REFERÊNCIAS

- ACADEMIA Brasileira de Letras. *Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.
- . *Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: A Academia, 1999a.
- . *Vocabulário onomástico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: A Academia, 1999b.
- . *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: A Academia, 2004.
- . *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5 ed. Rio de Janeiro: A Academia, 2009. [Disponível também como aplicativo gratuito nas versões iPhone e Android]
- ACADEMIA das Ciências de Lisboa. *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. CASTELEIRO, João Malaca (coord.). 2 v. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.
- . *Vocabulário ortográfico atualizado da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012. [Disponível também em versão *kindle*]
- BECHARA, Evanildo. “O Congresso brasileiro e a unificação ortográfica”. *O mundo português*. Rio de Janeiro, 12 jul. 1991, Na Ponta da Língua.
- . *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- et al. (orgs.). *A demanda da ortografia portuguesa*. Lisboa: João Sá da Costa, 1987.
- CUNHA, Celso Ferreira da e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem escrita e alfabetização*. São Paulo: Contexto, 2012.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa - vrs. 2.0*. LACERDA, Carlos Augusto e GEIGER, Paulo (eds.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. CD-ROM.
- . *Dicionário da língua portuguesa - vrs. 3.0 século XXI*. LACERDA, Carlos Augusto e GEIGER, Paulo (eds.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. CD-ROM.
- . *Dicionário da língua portuguesa - vrs. 5.0 século XXI*. ANJOS, Margarida dos e FERREIRA, Marina Baird (eds.). Curitiba: Positivo, 2004. CD-ROM.
- GONÇALVES, Rebelo. *Tratado de ortografia da língua portuguesa*. Coimbra: Atlântida, 1947.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. *Atas da Academia Brasileira de Letras: Presidência Machado de Assis (1896-1908)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001, pp. 239-50.
- . *Fonética, fonologia e ortografia: estudos fono-ortográficos do português*. 4 ed. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2012.
- . *Nomenclatura Gramatical Brasileira: 50 anos depois*. São Paulo: Parábola, 2009.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa - vrs 1.0.1*. VILLAR, Mauro de Salles e FRANCO, Francisco Manoel de Mello (eds.). Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. CD-ROM.
- . *A nova ortografia da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1991.
- et al. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- ILARI, Rodolfo e BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- INSTITUTO Internacional de Língua Portuguesa. *Vocabulário ortográfico comum da língua portuguesa*. Plataforma mantida pela CPLP. Disponível em <http://www.iilp.cplp.org/voc/>.
- KURY, Adriano da Gama. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. São Paulo: LISA, 1972.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa - vrs 1.0*. Rio de Janeiro: DTS Software do Brasil, 1998. CD-ROM
- PIMENTA, Reinaldo. *Português urgente*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2001.
- PORTO Editora. *Dicionário da língua portuguesa 2009*. Porto: Dicionários Editora, 2008.

- PRIBERAM. *Dicionário da língua portuguesa – vrs. 1.0*. Porto: Porto Editora, 1996. CD-ROM.
- RIBEIRO, Manoel P. *Nova gramática aplicada da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Metáfora, 2007.
- VIANA, A. R. Gonçalves Viana. *Estudos de fonética portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1973.
- . *Ortografia nacional*. Lisboa: Tavares Cardoso, 1904.



RECORTE E COLE (FRENTE & VERSO – 1)

FICHA PRÁTICA DE CONSULTA PARA ACENTUAÇÃO DAS PALAVRAS DO PORTUGUÊS

ACENTUAÇÃO GRÁFICA Regras Gerais		
	terminados(as) em:	têm acento?
monossíl. tônicos	A(s), E(s), O(s)	SIM
oxítonas	A(s), E(s), O(s); EM, ENS	SIM
paroxítonas	A(s), E(s), O(s); EM, ENS; AM	NÃO *
proparoxítonas	qualquer letra.	SIM
<p>* essas terminações não fazem parte de ditongo (+M) nem são nasais.</p>		
Regras Especiais		
1. <u>Ditongos</u> : éi, éu, ói (apenas em oxítonas e em monossílabos)	3. <u>Acentos Diferenciais</u> :	
2. <u>Hiatos</u> :	a) <u>de timbre</u> : <i>pôde</i> [e <i>fôrma(s)</i> , opc.]	
1ª vg (em ditongo só nas oxít.) +	b) <u>de tonicidade</u> : <i>pôr</i>	
Í(s), Ú(s) [sem NH]	c) <u>de número</u> : eles (prefixo+) <i>têm</i> . eles (prefixo+) <i>vêm</i> .	
LATINISMOS (pelo <i>VOLP</i> de 2009): <i>álibi - fórum - harmônium</i> <i>- memorândum - múndi - superávit</i> e <i>tônus</i> .		

RECORTE E COLE (FRENTE & VERSO – 2a)

prefixo	seguido de palavra iniciada por			
	qualquer letra	vogal	consoante	h
AB			B, R	x
AD			D, R	x
ANTE		E		x
ANTI		I		x
ARQUI		I		x
CIRCUM		qualquer	M, N	x
CO				x
CONTRA		A		x
ENTRE		E		x
EX (= anterior)	x	qualquer	qualquer	x
EXTRA		A		x
HIPER			R	x
HIPO		O		x
INFRA		A		x
INTER			R	x
INTRA		A		x
JUSTA		A		x
META		A		x
OB			B, R	x
NÃO	x	qualquer	qualquer	x
NUPER			R	x
PERI		I		x
PÓS (tônico)	x	qualquer	qualquer	x
PRÉ (tônico)	x	qualquer	qualquer	x
PRÓ (tônico)	x	qualquer	qualquer	x
RETRO		O		x
SEM	x	qualquer	qualquer	x
SOB			B, R	x
SOBRE		E		x
SOTA / SOTO	x	qualquer	qualquer	x
SUB			B, R	x
SUPER			R	x
SUPRA		A		x
ULTRA		A		x
VICE	x	qualquer	qualquer	x

RECORTE E COLE (FRENTE & VERSO – 2b)

antepositivo	seguido de palavra iniciada por			
	qualquer letra	vogal	consoante	h
AERO		O		x
AGRO		O		x
ALFA		A		x
ARQUI		I		x
AUTO (= próprio)		O		x
BI		I		x
BIO		O		x
ELETRO		O		x
GEO		O		x
HEPTA		A		x
HEXA		A		x
HIDRO		O		x
HOMO		O		x
MACRO / MICRO		O		x
MAXI		I		x
MEGA		A		x
MIDI		I		x
MINI		I		x
MONO		O		x
MULTI		I		x
NEO		O		x
PAN		qualquer	M, N	x
PENTA		A		x
PLURI		I		x
PROTO		O		x
PSEUDO		O		x
PSICO		O		x
RETRO		O		x
SEMI		I		x
SÓCIO		O		x
TELE		E		x
TRI		I		x
TETRA		A		x
VÍDEO		O		x
(etc...) em vogal		= final		x

Formato 14 x 21

Tipologia: Garamond (texto) Garamond (títulos)

Papel: Paperfect Offset 90 g/m² (miolo)

Supremo 250 g/m² (capa)

CTP, impressão e acabamento: Gráfica Millennium

Qualquer vislumbre de reforma ortográfica – é compreensível – tem, em geral, grande repercussão junto à mídia, porque afeta todos os usuários do código escrito da língua. Por isso, os usuários do português precisam ser bem esclarecidos quanto à reforma que se implantará em definitivo entre nós, a partir de 2016. *A nova ortografia*, do professor Claudio Cezar Henriques, é um guia necessário e seguro para esclarecer o que mudará com a anunciada reforma, com farta exemplificação e numerosos exercícios.

Carlos Eduardo Falcão Uchôa

De maneira clara e competente, Claudio Cezar Henriques faz uma história da ortografia portuguesa, apresenta os princípios em que se assenta o tratado de unificação, bem como as bases da nova ortografia. Em seguida, expõe as regras de acentuação gráfica, dando ênfase às mudanças que ocorreram com a vigência do acordo entre nós. O ponto alto do livro é a apresentação das normas do emprego do hífen. Claudio Cezar Henriques busca, de maneira didática, resolver as dúvidas sobre esse tema. Trata-se de um volume indispensável não só para os que trabalham com a língua (professores, jornalistas, advogados, etc.), mas também para todos os que desejam grafar corretamente as palavras.

José Luiz Fiorin



ISBN 978-85-7511-393-6



9 788575 113936